

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**LUDMILLA LÓPEZ LESSA**

**REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA TATUAGEM E SEU  
SIGNIFICADO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO  
2017**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**LUDMILLA LÓPEZ LESSA**

**Representação Simbólica da Tatuagem e seu Significado**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica: Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Gimenez Ramos.

**SÃO PAULO**  
**2017**

Banca Examinadora

---

---

---

## Ficha catalográfica

**Lessa, López Ludmilla.** *Representação Simbólica da Tatuagem e seu Significado.*

**São Paulo:** 2017.114 p.

**Dissertação (Mestrado)** – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – 2017.

**Área de Concentração:** Pós-Graduação em Psicologia Clínica

**Orientadora:** Professora Doutora Denise Gimenez Ramos

**Palavras-chave:** Identidade. Tatuagem. Transdução. Símbolo. Autoconhecimento. Psicologia Junguiana.

## **AUTORIZAÇÃO**

Autorizo, para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução parcial ou total desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

São Paulo,

de 2017.

## AGRADECIMENTOS

Em uma das nossas longas conversas madrugada adentro, lembro que meu pai me disse algo como: “Filha, não tenha medo de ir para vida! Vá, lute, batalhe e se arrebente, mas fique tranquila, pois assim que você chegar em casa terá sempre três pessoas para lhe receber e acolher de braços abertos”. E foi assim que abracei a vida e fui lutar para realizar meus sonhos.

Agradeço ao meu pai, mãe e irmão, por todo o suporte, cuidado e incentivo.

Aos amigos queridos, que suportaram o distanciamento, e muitas vezes me resgataram do mergulho profundo que a elaboração de uma dissertação exige, ao me ajudar a respirar novos ares, e a voltar mais energizada ao meu projeto.

A todos os colegas, professores e amigos queridos que pude conhecer durante estes dois longos anos e meio na PUC-SP, em especial à minha querida irmã caçula, Thais Arcas, companheira de aflições, experiências, sonhos e trocas.

À professora Denise Ramos, orientadora exigente, que me lapidou enquanto pesquisadora e psicóloga clínica. Confesso que, a princípio, foi um tanto assustador estudar com tal lenda, afinal, seu nome sempre foi um referencial muito forte ao longo de minha formação. Hoje, sou profundamente grata por ter tido a oportunidade de poder conviver de perto, fato que aumentou ainda mais a minha admiração, consideração e carinho a seu respeito.

À professora Liliana Wahba, que, com sua elevada gama de conhecimentos, me ensinou Jung como nunca havia estudado antes.

Aos membros da banca desta dissertação, que contribuíram para o enriquecimento da mesma.

A todos os trinta participantes que se disponibilizaram em contribuir com esta pesquisa, que foram até meu consultório, e compartilharam histórias ricas e emocionantes sobre suas tatuagens e experiências de vida.

A Maria José Caldeira do Amaral, analista de longa data, que foi fundamental para a manutenção da minha sanidade mental durante esse percurso. Sabemos o quanto este mestrado foi importante para mim, e a análise e o crescimento pessoal ocorrido ao longo desse trajeto certamente dariam a elaboração de uma outra tese.

Ao Cnpq pela bolsa de estudo concedida pois, sem ela, a realização deste sonho não seria possível.

E é a tudo isso, a quem eu chamo de Deus.

## Tatuagem

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem  
Que é pra te dar coragem  
Pra seguir viagem  
Quando a noite vem  
E também pra me perpetuar em tua escrava  
Que você pega, esfrega, nega  
Mas não lava

Quero brincar no teu corpo feito bailarina  
Que logo se alucina  
Salta e te ilumina  
Quando a noite vem  
E nos músculos exaustos do teu braço  
Repousar frouxa, murcha, farta  
Morta de cansaço

Quero pesar feito cruz nas tuas costas  
Que te retalha em postas  
Mas no fundo gostas  
Quando a noite vem

Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva  
Marcada a frio, a ferro e fogo  
Em carne viva

Corações de mãe  
Arpões, sereias e serpentes  
Que te rabiscam o corpo todo  
Mas não sentes

(Chico Buarque e Ruy Guerra)

LESSA, Ludmilla López. *Representação Simbólica de Tatuagem e seu Significado*.  
Dissertação de Mestrado em Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2017.

## RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo investigar as representações de tatuagens e realizar uma análise simbólica das mesmas. Para tanto, foram selecionados 30 sujeitos através do procedimento Bola de Neve (15 homens e 15 mulheres), entre 22 e 40 anos de idade, que possuíam, no mínimo, 30% de sua superfície corpórea tomada por tatuagens. Na coleta de dados, foram utilizados uma entrevista semidirigida, a foto de uma tatuagem escolhida pelo participante e a associação-livre a partir desta imagem. Os dados foram analisados à luz da psicossomática junguiana. Os resultados permitiram observar 11 categorias: percepção de dor, aumento da autoestima, aumento do sentimento de atratividade, preconceito, arrependimento da escolha da imagem, fator religioso, independência financeira, momento de vida em que realizou a tatuagem escolhida, motivação para aquisição da tatuagem escolhida, repercussão na vida do indivíduo após a realização da tatuagem, símbolos e imagens escolhidas. Os resultados apontaram para a ocorrência de preconceito, influência de fatores religiosos e financeiros no ato de se tatuar, além da percepção de dor, ora relacionada a sacrifício, ora associada a comportamentos automutilantes. Observou-se que a tatuagem melhorou a autoestima e facilitou a extroversão nos relacionamentos sociais. Pode-se dizer que conteúdos inconscientes são transduzidos para a pele através da tatuagem. Concluiu-se que as marcas corporais auxiliaram o indivíduo na apropriação de sua identidade, contribuíram para a organização de conflitos psíquicos, e atuou como componente importante nos ritos de passagem. Por fim, a tatuagem pode promover o autoconhecimento.

Palavras-chave: Identidade. Tatuagem. Transdução. Símbolo. Autoconhecimento. Psicologia Junguiana.

LESSA, Ludmilla López. *Representação Simbólica de Tatuagem e seu Significado*.  
Dissertação de Mestrado em Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2017.

## **ABSTRACT**

This research aimed to investigate the current representations of tattoos and to make a symbolic analysis of them. Therefore, it was selected 30 individuals through the procedure of Snow Ball (15 men and 15 women), aged between 22 and 40, who had at least 30% of their body surface covered by tattoos. On data collection, it was utilized a semi-directed interview, a picture of a chosen tattoo by the participant and the free association from this image. The data were analyzed according to the jungian psychosomatics. The results allowed to observe 11 categories: perception of aching, rising self-esteem, rising of attractiveness feeling, prejudices, regret on the choice of the image, religious factor, financial independency, moment of life they made the chosen tattoo, motivation for acquisition of the chosen tattoo, repercussion on the individual's life after making the tattoo, symbols and images chosen. The results pointed out the incidence of prejudice, influence of the religious and financial factor at the time of tattooing, besides the perception of pain sometimes related to sacrifice, sometimes associated to self-mutilation behaviours. It was observed that the tattoo increases the self-esteem and eases extroversion on social relationships. It can be said that unconscious contents are transduced to skin through the tattoo. It is concluded that body marks help the individual on the appropriation of his own identity, contribute to the organization of psychological conflicts, and act as an important component on rites of passage. Finally, the tattoo can promote the self-knowledge.

Keywords: Identity. Tattoo. Transduction. Symbol. Self-Knowledge. Jungian Psychology.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Regra dos Nove de Wallace.....	44
Tabelas 2 e 3 – Descrição da Amostra .....	49
Tabelas 4 e 5 – Local do Corpo Onde está inserida a tatuagem escolhida.....	64
Tabelas 6 e 7 – Idade em que fez a tatuagem escolhida.....	65
Tabelas 10 e 11 – Cores das Tatuagens .....	66
Tabelas 12 e 13 – Intensidade de Dor .....	67
Tabelas 14 e 15 – Autoestima .....	70
Tabelas 16 e 17 – Atratividade.....	71
Tabelas 20 e 21 – Arrependimento.....	75
Tabelas 22 e 23 – Influência Religiosa.....	76
Tabelas 24 e 25 – Influência Financeira na Aquisição da Tatuagem .....	78
Tabelas 26 e 27 – Momento de Vida em que Realizou a Tatuagem .....	79
Tabelas 28 e 29 – Motivação.....	80
Tabelas 30 e 31 – Repercussão.....	83

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. "BODY MODIFICATION" .....	17
2.1. Projeto corporal.....	18
3. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA ACERCA DO CORPO E DAS MARCAS CORPORAIS .....	20
3.1. Marcas corporais.....	21
4. REVISÃO DE PESQUISAS .....	24
4.1. Motivação .....	24
4.2. Características de personalidade .....	25
4.3. Percepção e projeções sobre os indivíduos tatuados.....	26
4.4. Tatuagem, transtorno alimentar e comportamento automutilante .....	29
4.5. Estigma e arrependimento .....	30
4.6. Dinâmica psíquica e simbólica das marcas corporais.....	32
4.7. Conclusão das pesquisas .....	34
5. O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA .....	36
5.1. Símbolo.....	36
5.2. Função Transcendente .....	38
5.3. Processo de individuação.....	39
5.4. Arquétipo e Imagem .....	40
5.5. Sincronicidade .....	41
6. MÉTODO .....	43
6.1. Caracterização do Estudo.....	43
6.2. Objetivo geral .....	43
6.3. Objetivo Específico.....	43
6.4. Participantes.....	43
6.5. A “Regra dos Nove” .....	44
6.6. Instrumentos de coleta de dados .....	46
6.7. Procedimento .....	46
<b>6.7.1. Bola de neve</b> .....	46
<b>6.7.2. Associação livre</b> .....	47
6.8. Procedimento de aplicação da pesquisa.....	47

6.9. Procedimento de análise de dados .....	48
7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	49
7.1. Quadro Descritivo das Tatuagens .....	51
7.2. Quadros da Imagem Descrita x Imagem Observada.....	52
7.3. Quadro Descritivo das Imagens .....	63
7.4. Resultado das Entrevistas .....	67
8. DISCUSSÃO .....	98
9. CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS .....	108
ANEXO 1 .....	112
ANEXO 2 .....	113

## 1. INTRODUÇÃO

Não seria exagero afirmar que a história da tatuagem é tão antiga quanto a história da humanidade. Durante uma escalada nos Alpes Italianos, montanhistas encontraram o corpo de um homem pertencente ao período paleolítico (DICKSON, 2003). Seria apenas mais um fóssil de nossos ancestrais, se não houvesse uma descoberta peculiar: ao ser estudado, cientistas descobriam marcas de tatuagens espalhadas em sua pele. Este corpo razoavelmente preservado trazia a marca de cinquenta tatuagens, todas nas costas e nos joelhos, porém seu significado continua em aberto (JANEIRO, 2010).

Tatuagens em forma de pontos e linhas também foram encontradas em múmias egípcias femininas, no período de 2160 a.C. (JANEIRO, 2010). Nas sociedades pré-literárias, como no Mediterrâneo, as marcas possuíam um sentido religioso e seus significados estavam geralmente associados à garantia de saúde e à proteção contra os maus espíritos (JANEIRO, 2010). No Havaí, as tatuagens eram feitas na língua em sinal de luto, pois era uma maneira de causar um silêncio temporário, até que a ferida se curasse por completo. Nas tribos africanas, as diversas formas de modificações corporais como pinturas, tatuagens e escarificações eram tidas como uma espécie de proteção (ARÚJO, 2005).

Em diferentes culturas e períodos a tatuagem sempre esteve presente, seja através de adornos, em ritos de passagem, amuletos de proteção, hierarquização social, demonstração de força e poder, entre outros. Na antiga Grécia (700 a.C.), o uso da tatuagem indicava uma estirpe nobre, que a diferenciava das demais. Em contrapartida, esta mesma marca que valorizava, também estigmatizava, pois gregos e romanos tatuavam escravos e delinquentes (JANEIRO, 2010). No Japão, há evidências de marcações a partir do ano 600 a.C. e, assim como na China, as tatuagens tinham o intuito de marcar os corpos dos criminosos.

Dentro da perspectiva do pensamento religioso judaico-cristão, o ato de alterar o corpo foi encarado como uma profanação do mesmo e da imagem de Deus, logo, as marcações corporais configuravam-se como injúria à Criação (JANEIRO, 2010). “Desse modo, a tatuagem como ato antinatural é enquadrada na categoria do impuro, associada a todos os valores negativos que nela estão contidos” (PÉREZ, 2006, p.184).

Foram as viagens exploratórias realizadas no século XVIII pelo capitão inglês James Cook que demarcam a história da tatuagem no Ocidente. Em 1769, ao aportar no Taiti, ouviu a palavra *tattoo*, utilizada pelos nativos para denominar a arte de pintar o corpo de modo definitivo: “‘Tatau’ repetia o som do cabo de madeira batendo num ancinho de dentes afiados,

usado para picar a pele e introduzir-lhe a tinta. Conforme a madeira batia no ancinho vinha o som *tac tac ta tau...*” (ARAÚJO, 2006, p.37). Também foi ele o responsável por divulgar na Europa as tatuagens do povo Maori, da Nova Zelândia. Os guerreiros e nobres dessa tribo possuíam desenhos em forma de espirais no rosto e, quanto mais nobre, maior a quantidade de desenhos. Este processo poderia levar anos para ser concluído. O poder simbólico de tal representação era tamanho que, após as batalhas, os Maori conservavam as cabeças dos inimigos mais importantes em urnas. No século XIX, o ato de colecionar estes membros do corpo tornou-se moda dentro da aristocracia europeia, fato que quase acarretou o extermínio de um povo, pois as tribos inimigas trocavam as cabeças dos adversários por armas fornecidas pelos europeus (LARSEN; PATTERSON; MARKAHAM, 2014).

Desta forma, as tatuagens chegaram à Europa trazidas nos corpos tatuados dos marinheiros pertencentes às explorações de novas colônias. Em princípio, eram vistos pela alta sociedade como barbárie e selvageria, e depois foram sendo incorporados aos circos, em exibição de espetáculos. Homens e mulheres com os corpos inteiramente cobertos por desenhos eram apresentados ao lado de esquimós, de aberrações como um bezerro de cinco pernas, de anões e gigantes, ou seja, todas as criaturas que eram consideradas fora do padrão de normalidade (ARAÚJO, 2005).

Foi somente após a eclosão da Primeira Guerra Mundial que a tatuagem saiu da subcultura dos espetáculos e, aos poucos, se disseminou nas demais camadas sociais.

Na década de 1960, tribos urbanas compostas de roqueiros, motoqueiros e *punks* foram se apropriando desse imaginário marginal, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual ostentavam publicamente sua vontade de romper com as regras sociais (PÉREZ, 2006).

O precursor da tatuagem no Brasil foi o dinamarquês Knud Harald Lucky Gegersen, mais conhecido como Lucky. Em 1959, instalou-se em Santos e foi por meio dele que o país entrou no mapa da tatuagem moderna, além de servir como mentor para futuras gerações de tatuadores (JANEIRO, 2010).

Mesmo com sua propagação, a tatuagem permaneceu no submundo de marinheiros, prostitutas e criminosos até a década de 1980, quando surgiu o período da “Renascença da Tattoo” (LARSEN; PATTERSON; MARKAHAM, 2014). Ao longo dos últimos 30 anos, essa forma de modificação corporal foi sendo assimilada popularmente e agora transcende classes sociais, idades e fronteiras étnicas. Até então, na história da civilização ocidental, as

tatuagens eram associadas a comportamentos desviantes e à contracultura, tendo como resultado a estigmatização dos indivíduos que as possuíam.

Segundo Larsen (2014), esta mudança de paradigma ocorreu pela conjunção de duas forças que legitimaram a tatuagem esteticamente: primeiro, os tatuadores se inspiraram na cultura dos índios norte-americanos e em suas tatuagens tradicionais, ao invés do design americano moderno; segundo, a tatuagem foi aceita no âmbito da arte. A maior aceitação destas marcas deu-se por meio da incorporação das mesmas pelos artistas e figuras públicas, que as difundiram entre a grande massa.

A popularização da tatuagem na atualidade abriu espaço para a realização de modificações corporais mais extremas, como *piercings* em locais diferenciados (genitália, língua), implantes subcutâneos e ressurgimento de práticas antigas como escarificações. A este movimento dá-se o nome de “Body Modification<sup>1</sup>” (FEATHERSTONE, 2005).

Mesmo após o período da renascença da tatuagem e da sua aderência ao *mainstream*<sup>2</sup>, estudos apontam que pessoas extremamente tatuadas ainda sofrem com preconceitos antigos, como sendo portadores de comportamentos desviantes, marginalizados e usuário de drogas (LARSEN; PATTERSON; MARKAHAM, 2014; VAIL, 1999; FERREIRA, 2014).

Estes mesmos autores elucidam o cuidadoso processo da construção de um projeto corporal no qual, diferentemente das motivações da aquisição de poucas tatuagens, o sujeito elabora o passo a passo de cada marca a ser feita, o local do corpo e a escolha dos profissionais que executarão a arte ao longo de sua vida.

De acordo com Featherstone (2000), denomina-se Modificação Corporal todas as formas de alteração do corpo humano, desde tinturas de cabelos, maquiagens, espartilhos (formas não invasivas), até cirurgias plásticas e tatuagens (invasivas).

O objetivo dessa pesquisa é investigar o sentido da tatuagem, o que este símbolo poderia representar dentro da dinâmica da vida de um indivíduo, se ela poderia auxiliar na integração de conteúdos conscientes e inconscientes, trazendo uma nova atitude frente à vida daquela pessoa e, em caso afirmativo, como isto se daria.

---

<sup>1</sup> Modificação Corporal.

<sup>2</sup> Conceito que expressa uma tendência ou moda principal dominante

### Na Psicologia Analítica de Jung:

A ideia central contida na palavra símbolo é, portanto, de união de algo conhecido com algo que vem de fora, do estrangeiro. Diferentemente do modo usado pela semiótica, o símbolo sempre se refere a algo desconhecido, inconsciente, e, portanto, distinto de sinal ou de alegoria. Um logotipo de uma empresa ou a insígnia de um uniforme são sinais que identificam aqueles que os usam, sem outras conotações. Uma fantasia carnavalesca é uma alegoria que demonstra um estado afetivo ou transmite uma ideia, de modo que o observador, ao vê-la identifique de imediato a mensagem desejada. Entretanto, o símbolo sempre nos reporta a uma realidade além daquela expressa na imagem e nem sempre há um consenso quanto à sua compreensão” (RAMOS, 1998, p.64).

Para tanto, foram pesquisados sujeitos com mais de 30% de seu corpo coberto por marcas corporais. Através da experiência da pesquisadora, etnografias realizadas em estúdios e convenções de tatuagem e análise de pesquisas acadêmicas, nota-se que indivíduos com múltiplas tatuagens tendem a apresentar uma relação diferente com seus corpos e com sua subjetividade quando comparados a pessoas com poucas tatuagens. Além disso, poucas e pequenas marcas corporais são mais fáceis de esconder (VAIL, 1999; FERREIRA, 2014; LARSEN, 2014).

Estruturada em nove capítulos, esta dissertação esclarece o conceito de “Body Modification”, seguida pelas contribuições da antropologia e da sociologia acerca das marcas corporais. No quarto capítulo apresentamos a revisão de pesquisas sobre o tema, elaboradas entre os anos de 1999 a 2014. O quinto capítulo aborda o processo de simbolização na psicologia analítica, aspecto indispensável para a compreensão e análise do material levantado neste estudo. O sexto capítulo define e explica a escolha metodológica aplicada nesta pesquisa, critérios de inclusão, instrumentos de coleta de informações e procedimento de análise deste material. No capítulo 7 são apresentados os resultados, enquanto no capítulo 8 estes dados serão discutidos com todo referencial teórico. Todos estes conceitos serão analisados à luz da psicossomática junguiana, que tem o pressuposto de que conteúdos inconscientes podem emergir sob a forma de símbolos. Nessa perspectiva, a tatuagem poderia ser considerada uma forma de expressão do inconsciente, já que esta manifestação ainda não tem a possibilidade de ser expressa conscientemente (RAMOS; MENDONÇA; SILVA, 2007). No capítulo 9, a conclusão será apresentada, além de serem sugeridas possíveis contribuições para este campo de estudo.

## 2. "BODY MODIFICATION"

*“Tatuagem é isso: são marcas do passado que você gravou”.*

*(E.A, 30 anos)*

De acordo com Vilar (2012, p.160), para ser considerada uma modificação corporal, a tatuagem precisa ocupar uma grande parte do corpo. É como se o sujeito construísse outro tecido para sua pele:

Por exemplo: se a pessoa tem uma tatuagem pequena no braço, ela não tem “um novo” braço, mas se a tatuagem ocupa toda parte do membro, ela então construiu um outro braço, de uma forma mais “ousada, extrema e diferente”. É a construção de um novo corpo que dá o caráter performativo à body modification.

Featherstone (2000, p.1) amplia o conceito:

O termo 'body modification' se refere a uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, o cutting, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista destas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o body bulding, a anorexia, o jejum – formas pela qual a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meios de instrumentos que cortem, perfurem e amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como ganho ou perda de massa, gorduras ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempos.

No mundo contemporâneo, é possível destacar dois processos de construção corporal: aqueles que se adequam ao padrão social e aqueles que divergem dele. O primeiro engloba o mercado da beleza, que corresponde a uma tendência reconhecida e legitimada socialmente, articulando-se em torno da ideia de busca da beleza e da saúde. Este mercado oferece aos consumidores um leque cada vez maior de técnicas mais ou menos invasivas para esculpir, modelar, modificar e transformar a aparência do corpo (KEMP, 2005). Visa à ideação do “corpo perfeito” e/ou manutenção da autoestima, em que o indivíduo se fortalece pessoalmente (VILAR, 2012a).

O outro processo está relacionado a propostas menos comerciais e mais alternativas, ligado a novos conceitos sobre o corpo e a identidade. Trata-se de um grupo, foco deste estudo, bastante heterogêneo, que busca modificações corporais invasivas, como as tatuagens. Geralmente, as modificações corporais destes indivíduos são feitas de forma crescente e contínua. Aqui, o limite é dado pela vontade do sujeito (JANEIRO, 2010).

Este grupo aponta que a *body modification* é uma maneira de resistir à superficialidade das sociedades de consumo e do “carnaval de signos”, demonstrando um compromisso com determinadas identidades e símbolos. Neste caso, as modificações corporais seriam um projeto de construção corporal que caminha na contramão da instabilidade identitária, tão presentes nos contextos pós-modernos de mudança (FEATHERSTONE, 2000).

Esta última afirmação é corroborada pelo artigo do sociólogo Ferreira (2014), que observou diversos jovens portugueses extremamente tatuados. O autor estudou o processo de aquisição da primeira tatuagem, até a construção de um projeto corporal. Concluiu que os jovens marcam seus corpos para obterem um reconhecimento social diferente no mundo líquido vigente, envolvendo a aquisição de autenticidade e autonomia, e procurando manter essa identidade durante a transição para o mundo adulto. Através de seus corpos, expressam o senso de quem são, ou daquilo que querem ser, investindo na aparência e na construção corporal. Para eles, a noção de *eu* é revelada através do corpo.

## 2.1. Projeto corporal

Para Giddens (apud KLEASE, 2005), o conceito de projeto corporal (*body project*) está conectado ao projeto reflexivo do eu. Segundo o autor, a modernidade tem dissolvido grande parte de seus sistemas tradicionais de significados e ordens sociais de modo nunca antes vistos. Em decorrência, os indivíduos se veem forçados a se engajarem de maneira altamente reflexiva em tudo o que diz respeito à vida e seu significado. Nesse conceito de insegurança ontológica, a autoidentidade vem se tornando algo deliberado. Ela não emerge naturalmente da posição social do sujeito, sendo assim, as pessoas estão engajadas em uma reordenação permanente de sua identidade, em que as preocupações para com o corpo tornam-se centrais. Deste modo, os indivíduos são, cada vez mais, responsáveis pelo desenho do seu próprio corpo, acarretando um processo crescente de individualização do corpo.

Embora o consumo da tatuagem esteja mais comum, seguro e aceitável, ter um corpo coberto por inúmeras marcas ainda é visto como algo extremo, sendo apenas observável em uma minoria. Pesquisas pregressas de Ferreira (2014) mostram que esta pequena amostra populacional carrega antigos preconceitos, como sendo loucos, perversos e marginais.

Assim como Vail (1999), Ferreira (2014) discute os sentidos da construção do projeto corporal em indivíduos altamente tatuados, como sendo um processo contínuo de reflexão e aquisição das marcas. Essas pessoas não visam apenas à composição de um “mercado de

estilos” (SWEETMAN, 2005), mas sim à coleção de imagens repletas de sentidos e significados, particularmente elaborados pela história de vida de cada um. Para tanto, há um cuidadoso processo de escolha do local do corpo em que a próxima tatuagem será realizada, de preferência pelo profissional que fará a arte, além da influência do grupo e da troca de informações entre os mesmos (VAIL, 1999).

Por fim, Sweetman (2005) amplia o conceito de projeto corporal para um recurso no qual a noção de *eu* é ancorada no corpo. O autor mostra que a sociedade pós-moderna é extremamente fluída, e este fato determina que o corpo receba as projeções sólidas da noção de *eu*, podendo a identidade ser constantemente construída e mantida. Nessa perspectiva, as marcas corporais denotam uma menor identificação entre indivíduos de um mesmo grupo, e mais como expressão do *eu*. Ser tatuado é, portanto, um caminho de construção da subjetividade de inscrever nos corpos algo que diferencia e identifica.

### 3. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA ACERCA DO CORPO E DAS MARCAS CORPORAIS

*“Pra mim, tatuagem é uma pintura, então, eu acho interessante me servir de tela”.*

*(L.G, 40 anos)*

Em seus escritos, Breton (1999, 2006, 2013) afirma que o corpo é socialmente construído, pois é uma realidade mutável de uma sociedade para outra. As imagens que o definem e que dão sentido à sua extensão, aos ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, às proezas que pode realizar e às resistências que oferece ao mundo são incrivelmente variadas e contraditórias. Sendo assim, o corpo é uma estrutura simbólica, uma superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais, e não apenas um conjunto de órgãos que funcionam dentro das leis da anatomia e da fisiologia (BRETON, 2006).

Diante deste quadro, é tarefa do pesquisador compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica para destacar as representações, os imaginários e os limites que se mostram infinitamente variáveis conforme as sociedades (BRETON, 2006).

O homem atual dispõe do mesmo corpo e dos mesmos recursos físicos que o homem do período neolítico. Durante milênios, nossos ancestrais caminhavam para se locomover de um lugar para outro, nadavam, produziam os bens necessários para seu prazer e subsistência. A relação com o mundo era mais corporal, enquanto, na atualidade, os homens utilizam seu corpo muito pouco. Com a ajuda de exercícios de simulação feitos em academias de ginástica, algumas pessoas voltaram a tomar contato consigo mesmas através das práticas de atividades físicas, a fim de prosseguirem com a vida cotidiana, em que a relação física com o mundo é negligenciável (BRETON, 1999).

Além disso, surgiu a necessidade de modificar o corpo, com o intuito de modificar o olhar sobre si mesmo e o olhar do outro, a fim de se sentir existir plenamente. Ao alterar o corpo, o indivíduo pretende transformar sua vida, mudar seu sentimento de identidade. Uma cirurgia estética elucida claramente tal fato: não se trata apenas de uma metamorfose banal no rosto do indivíduo, por exemplo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário, e exerce uma incidência na relação do sujeito com o mundo. Dispensando o corpo mal-amado, a pessoa goza, antecipadamente, de um novo nascimento (BRETON, 1999).

O mundo contemporâneo constrói o corpo como uma realidade em si:

[...] como um simulacro do homem por meio do qual é avaliada a qualidade de sua presença e no qual ele mesmo ostenta a imagem que pretende dar aos outros. “É por seu corpo que você é julgado e classificado”, diz, em suma, o discurso de nossas sociedades contemporâneas. Nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si. É melhor construí-lo sob medida para derrogar ao sentimento da melhor aparência. Se em todas as sociedades humanas o corpo é uma estrutura simbólica, torna-se aqui uma escrita altamente reivindicada, embasada por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo. (BRETON, 1999, p.31).

Dessa forma, segundo o autor, o corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível pelo indivíduo, de acordo com seu interesse e sentimento de estética. A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos, é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais próximo possível de si mesmo. Resta apenas o corpo para o indivíduo se ligar e acreditar (BRETON, 1999). O corpo torna-se uma âncora que é capaz de fixar o sujeito em uma certeza, mesmo que provisória, em uma sociedade na qual reina a incerteza (BRETON, 2013).

### **3.1. Marcas corporais**

Atualmente, a tatuagem sai da clandestinidade e se afasta do estigma que por muito tempo carregou, mas nem sempre foi assim. No início do século XX, não havia dúvidas de que os indivíduos tatuados eram selvagens, pouco civilizados e propensos a toda forma de delinquência, já que as marcas eram vistas como uma forma de dissidência frente aos valores colocados como sendo os da civilização. Uma trama de preconceito obscureceu por muito tempo o conjunto das pesquisas a esse respeito devido à falta de conhecimento do significado cultural das marcas corporais nas sociedades tradicionais, e do significado íntimo da marca tegumentar nos meios populares (BRETON, 1999).

O sucesso das tatuagens está associado à ideia de que o corpo é um objeto maleável, suscetível a inúmeras formas de manipulação. Elas escapam dos lugares marginais e se propagam para o conjunto da sociedade por intermédio da moda, da mídia e da alta costura, tendo predileção por jovens gerações que crescem em um ambiente intelectual de um corpo inacabado e imperfeito, cuja forma o sujeito deve complementar de acordo com seu próprio estilo (BRETON, 1999).

A tatuagem tem um valor de identidade, pois, em inúmeras sociedades, as marcas corporais estão associadas a ritos de passagem ou vinculadas a significados precisos dentro da

comunidade. A marca expressa o pertencer do indivíduo num grupo, a um sistema social. Em algumas sociedades, a tatuagem revela a inscrição do homem em uma linhagem, um clã, indicando *status* e fortalecendo alianças (BRETON, 1999).

Segundo Breton, a marca corporal é uma forma de escrever metaforicamente na carne, os momentos-chave de uma existência: uma relação amorosa, lembranças, forma de proteção simbólica contra adversidades, entre outras. A tatuagem pode indicar uma superfície protetora contra as incertezas do mundo e também pode ser uma maneira de filiação a uma comunidade flutuante, muitas vezes, com uma cumplicidade que se estabelece de imediato entre aqueles que a partilham (BRETON, 1999).

Muitas vezes, as tatuagens são vividas como reapropriações de um corpo e do mundo que escapa:

A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele fixa, um batente na busca de significado e de identidade, é uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma em uma identidade escolhida... O estigma simbolizava a alienação ao outro na sociedade grega antiga; hoje, ao contrário, a marca corporal ostenta o pertencer a si. (BRETON, 1999, p. 40).

Logo, pode-se observar a tendência da sociedade atual em ver o corpo como uma entidade que está em constante processo de ser, um projeto sobre o qual se deve trabalhar (BRETON, 2006).

Em meio a estas formas de fixação e manutenção da identidade das marcas corporais frente às incertezas do mundo, observa-se o surgimento da paixão moderna por atividades de risco, nascida da profusão de sentidos que o mundo contemporâneo oferece (KOSUT, 2010).

Com a perda da legitimidade dos referenciais de sentido e de valores, em uma sociedade em que tudo é provisório, os indivíduos são chamados a serem empreendedores de suas próprias vidas. O sujeito tende, cada vez mais, a se autorreferenciar, procurar em si o que antes procurava no sistema social de sentidos e valores no qual a existência se inscrevia. Sendo assim, a procura por sentido torna-se cada vez mais individualizada. Na ausência de limites e significações que a sociedade não oferece mais, o sujeito procura ao seu redor, fisicamente, os limites de fato (BRETON, 2006).

Na sociedade contemporânea, o real tende a substituir o simbólico e os riscos assumidos adquirem uma importância considerável. Quando os limites dados pelos sentidos e símbolos perdem sua potência, a exploração dos extremos ganha sentido. O contato bruto com o mundo através do físico substitui o contato cauteloso proporcionado pelo campo simbólico (BRETON, 2006).

Segundo Kosut (2010), cultura extrema é o conjunto particular de práticas, ideias, imagens e mercadorias que surgiram nas últimas décadas do século passado, e que giram em torno do conceito de envolvimento físico, competição e risco.

Um corpo extremo pode reduzir seu tamanho significativamente através da cirurgia bariátrica ou se modificar com implantes de prótese mamária. Também pode fazer paraquedismo, suspender-se com ganchos na pele, ser queimado, tatuado e amputado. O corpo extremo pode ser novo ou velho, magro ou gordo, porém é distintamente maleável e flexível. Esses corpos são o produto de uma excessiva modificação física, transformação ou atividade (KOSUT, 2010).

A cultura extrema engloba inúmeros campos, como o da alimentação (programas televisivos que premiam aquele que comer a maior quantidade de cachorro-quente em menos tempo), o de produtos para o corpo (desodorantes com poder extremo de redução de odor) e o de produtos em geral (como sutiãs e bebidas). Tudo isso tem em comum o fato de oferecer uma experiência voltada para o corpo, que envolve um compromisso intenso dos sentidos que está além do comum. Uma cultura extrema é definida por uma maneira particular de ver e viver dentro do corpo (KOSUT, 2010).

A seguir, o próximo capítulo traz uma síntese de pesquisas atuais sobre tatuagens de áreas além destas já citadas, como psicologia, psiquiatria, medicina e ciências sociais.

## 4. REVISÃO DE PESQUISAS

*“Por isso que eu até achei que eu fosse, assim, contribuir bastante para você, porque eu tenho tatuagens... não sei se todo mundo é assim. Tem tatuagem que a gente gosta, tem tatuagem que a gente não gosta. No meu caso, eu tenho uma que eu não gosto. E eu também me sinto especial, porque eu também tenho conflitos. Ao mesmo tempo, que eu vou ter o maior prazer de mostrar uma tatuagem para você, em outras situações, eu vou tomar cuidado para ela não ser vista”.*

*(E.C, 40 anos)*

Este capítulo traz uma revisão de pesquisas acadêmicas que abordaram o estudo das tatuagens e das modificações corporais. O período da publicação destes artigos foi de 1999 a 2014, pois, mesmo sendo um assunto vasto e complexo, a elaboração de produções sobre o tema ainda é escassa. Em princípio, serão apresentados os estudos que abordaram a questão da motivação para aquisição da tatuagem, seguidos pelos que discorreram sobre as características de personalidade dos sujeitos com marcas corporais. Além disso, será apresentado um material sobre as percepções e projeções sobre os tatuados, e a associação entre marcas corporais, transtornos alimentares e comportamentos de automutilação. Em decorrência deste levantamento, será abordada a questão do estigma e do arrependimento. Esta etapa será finalizada com estudos que expõem a dinâmica psíquica e simbólica das marcas corporais.

### 4.1. Motivação

De acordo com Oksasen e Turtiainen (2005), as tatuagens representaram um mapa que possibilitavam narrativas. Mudanças dramáticas na vida do indivíduo foram incorporadas nas tatuagens e ajudaram o sujeito a lidarem com os seus problemas. Este estudo de 2005 foi realizado através da análise de fotos e discursos (320 no total, embora as autoras não tenham especificado a quantidade de homens e mulheres, diferença de idade ou classe social) publicados em uma revista sobre tatuagem, com grande circulação local. Embora algumas pessoas tenham afirmado que fizeram as tatuagens apenas por questões estéticas, as marcas

pareceram situar os indivíduos em suas narrativas. Os estágios prévios da vida foram expressos por imagens inscritas nas tatuagens. Relatos mostraram que as memórias infantis, ou experiências progressas, influenciaram intensamente os indivíduos a fazerem suas marcas. Em outros casos, determinadas experiências os influenciaram de tal forma que sentiram a necessidade de fazer tatuagens, pois, sem elas, sua identidade não teria sentido. Apesar da aceitação e comercialização da tatuagem, os estigmas que a envolvem apresentaram um aspecto relevante nas narrativas. Os sujeitos eram forçados a recorrerem a técnicas que legitimaram os efeitos positivos das marcas e minimizaram os efeitos negativos. Embora as tatuagens estivessem presentes na cultura da classe média, ainda eram vistas como “fruto proibido”. As classes sociais também influenciaram a maneira como as tatuagens eram vistas: enquanto na classe média as marcas eram enxergadas como autoexpressivas, nas classes mais baixas, as tatuagens estavam associadas à criminalidade. Dentro da perspectiva da narrativa, a tatuagem não era estática, pois, embora o desenho na pele fosse permanente, o afeto conectado a ele mudava de acordo com o curso da vida. Além disso, elas representavam um processo catártico, visto que, após a aquisição da marca, houve o surgimento de uma identidade mais forte.

Wohlrab, Stahl e Kappeler (2007) analisaram 130 artigos com o objetivo de investigar as motivações para aquisição de *piercings* e tatuagens. Este estudo foi importante como compreensão do motivo pelo qual as pessoas modificam seus corpos. Estas duas categorias de modificação (*piercing* e tatuagem) foram unidas na pesquisa, pois as motivações para fazê-las eram semelhantes, embora as tatuagens contêmham mais significado pessoal para seus portadores e os *piercings* estejam ligados a adornos. As motivações identificadas foram expressas em dez categorias: beleza (arte e moda); individualidade; narrativa pessoal; resistência física (dor e superação de limites); filiação a grupos; resistência (forma de protesto contra as normas familiares ou sociais); espiritualidade; vício (necessidade de fazer muitas modificações); motivação sexual e sem razão específica. Os quesitos que tiveram alta prevalência foram “expressão da individualidade” e “apropriação do próprio corpo”.

#### **4.2. Características de personalidade**

Com o objetivo de saber um pouco mais sobre os comportamentos e atitudes de pessoas com marcas corporais após a eclosão destas na década de 1990, Swami et al. (2012) investigaram uma comunidade da região central da Europa. As diferenças entre tatuados e não

tatuados (540 no total, sendo 54,4% mulheres e 45,6% homens) foram baseadas na escala *Big Five: need for uniqueness, sensation seeking, self-esteem, spiritual beliefs and attitudes toward tattoos*. Argumentou-se que o planejamento, a permanência, e a dor envolvida no processo da tatuagem puderam refletir diferenças reais entre pessoas tatuadas e não tatuadas. Nesta análise, sujeitos com marcas corporais apresentaram alta pontuação nos campos: necessidade de exclusividade, extroversão e necessidade de busca. Estes dados sustentam a ideia de que as tatuagens foram utilizadas como um meio de autoexpressão e de construção da identidade. As marcas foram vistas como uma oportunidade para alguns indivíduos sentirem-se diferentes, em meio à cultura de massa em que se encontram.

Nowosielki et al. (2012) avaliaram o comportamento sexual de jovens adultos com modificações corporais (*piercings* e tatuagens), pois acreditavam que pouco se sabia sobre estes indivíduos. A amostra foi composta de 120 pessoas, sendo 60 sem modificações corporais (grupo controle), 28 com tatuagens e 32 com *piercings*. O instrumento de pesquisa foi um questionário com 59 itens que avaliava: condição socioeconômica; comportamento sexual; riscos no ato sexual (múltiplos parceiros, ausência do uso de preservativo, uso de drogas injetáveis); qualidade da relação sexual com o parceiro atual; ocorrência de abuso sexual no passado; qualidades atrativas relativas a *piercings* e tatuagens (respondidas apenas por pessoas apenas com modificações). A análise do estudo quantitativo revelou que os adultos com modificações corporais tiveram relações sexuais mais cedo em relação ao grupo controle. Não houve diferenças significativas quanto à qualidade das relações sexuais, orientação sexual, preferência, engajamento a comportamentos sexuais de risco, frequência da masturbação e história de abuso sexual entre os grupos. A assiduidade dos atos sexuais foi mais alta em indivíduos com *piercings*. Os tatuados consideraram-se mais atrativos do que o grupo controle, e o de *piercing*, de terem um maior número de parceiros sexuais. O grupo com modificação corporal preferia lugares mais alternativos para terem relações sexuais que o grupo controle. Os dados também mostraram que ter modificações corporais fez com que o indivíduo se sentisse mais atrativo e estava associado a uma menor participação em práticas religiosas.

### **4.3. Percepção e projeções sobre os indivíduos tatuados**

Swami e Furnham (2007) realizaram um estudo sobre as percepções acerca de mulheres loiras e morenas, com diferentes quantidades de tatuagens. Para tanto, foram

selecionados 160 estudantes universitários (84 mulheres e 76 homens) que avaliaram uma série de 16 imagens de mulheres em trajes de banho. Estas figuras, criadas em computador, foram divididas em dois grandes grupos (loiras e morenas) e oito subgrupos (com e sem tatuagens). Após o preenchimento de um questionário de identificação, foi dado aos participantes um segundo, no qual deveriam pontuar, de 0 a 9, uma escala de gosto pessoal. Os quesitos avaliados foram: atração física, promiscuidade e comportamento. Havia uma questão aberta na qual os estudantes deveriam responder sobre a quantidade de consumo de álcool que acreditavam que aquelas mulheres consumiam em uma típica noite entre amigos. Por último, as pesquisadoras indagaram se os participantes tinham interesse em realizar uma tatuagem no futuro. Os resultados mostraram que as mulheres com tatuagens foram percebidas de maneira negativa: menos atraentes fisicamente, mais promíscuas sexualmente e assíduas consumidoras de álcool. Quanto maior a quantidade de tatuagens, mais negativa era a imagem da mulher. Notou-se que as loiras carregavam um estigma maior que as morenas. Um fator curioso nesta pesquisa foi que, embora houvesse a prevalência de associações negativas frente às marcas corporais, mais da metade dos entrevistados afirmou terem o desejo de se tatuarem em um futuro próximo. As autoras alegaram que uma possível explicação para este paradoxo foi a dissociação da percepção de si mesmo e dos outros, em que os demais eram julgados de maneira mais crítica quando comparados consigo mesmos. Concluiu-se que, embora as tatuagens estivessem mais aceitas e vigentes, seus estigmas continuaram fortes, assim como o preconceito diante das mulheres loiras.

Wohlrab et al. (2009) realizaram uma pesquisa com 278 indivíduos (145 homens e 133 mulheres, com idades entre 18 e 39 anos) para investigar as diferenças de percepções destes sujeitos frente a pessoas tatuadas e não tatuadas. Para tanto, foram criadas em laboratório seis figuras humanas virtuais em trajes de banho, de ambos os sexos, com e sem tatuagens. A partir destas exposições, os autores pediram para que os sujeitos avaliassem as imagens com base em cinco quesitos: agressividade, atratividade, dominância, saúde e masculinidade/feminilidade. Os resultados mostraram que as mulheres percebem os homens tatuados como saudáveis, mais atraentes, dominantes e masculinos, mas não mais agressivos que os sem tatuagens. Neste estudo, os autores mostraram ainda que as tatuagens masculinas estavam em lugares dificilmente cobertos por roupas, logo, as possíveis reações alérgicas provindas das marcas ficam visíveis. Esta condição pode ocasionar infecção bacteriana, consequência de uma falta de cuidado, psoríase ou vírus do herpes. A alta pontuação no quesito saudável sugere que estes homens conseguiram cuidar bem de suas tatuagens e

modificações corporais e confirmam que eles têm boa saúde. Os achados nos quais os homens não tatuados classificam os tatuados como não saudáveis, foi um indicador de desqualificação e competição intrasexual. Já as mulheres foram percebidas como fisicamente mais fracas e menos capazes de resistir aos riscos de saúde associados às tatuagens. Os autores não especificaram a origem destes resultados (homens ou mulheres), apenas atribuíram o dado à existência dos estigmas negativos presentes no indivíduo com tatuagem. Além disso, as mulheres que adquiriram tatuagens estavam relacionadas a comportamentos de riscos, como excesso de consumo de álcool e promiscuidade. O fato de elas se tatuarem mais por questões estéticas, com o intuito de melhorar a beleza, mostrou que elas poderiam estar mais inconscientes das conotações negativas que suas marcas carregavam (2009).

Tendo como ponto de partida estudos que mostraram os estigmas negativos relacionados às mulheres tatuadas, principalmente o de Swami e Furnham (2007), Guéguen (2013) realizou dois experimentos para verificar o comportamento dos homens frente a estas mulheres. Foram selecionadas, em uma primeira fase, 11 voluntárias consideradas fisicamente atraentes, com idade média de 20 anos. As garotas foram divididas aleatoriamente em dois grupos: um com uma tatuagem temporária na região lombar, e o outro sem. A pesquisa foi realizada em duas praias no sul da França. Todas as jovens receberam a orientação de se deitarem sobre uma toalha em um determinado local onde havia homens por perto, e abrirem um livro ou revista. De um ponto mais distante, um observador mensurava o tempo entre a chegada da garota à praia e a aproximação de um homem. Caso isso ocorresse, dava-se sequência ao segundo experimento, que era indagar estes homens sobre as probabilidades de conseguirem ter uma atividade sexual com aquelas mulheres naquela mesma noite. Como resultado, o pesquisador descobriu que os homens se aproximaram mais, e em menos tempo, das mulheres com tatuagem. Também acreditaram ter mais chances de sexo casual com elas do que com as mulheres sem tatuagens. Estas conclusões divergem de Swami e Furdham (2007) no quesito de atratividade, pois não houve diferenças significativas quanto às predileções masculinas. Em contrapartida, Guéguen corrobora com os achados das pesquisadoras ao afirmar que os estereótipos associados às mulheres tatuadas podem explicar o comportamento masculino de avaliar a tatuagem como um sinal de promiscuidade, fato que os ajuda a se aproximarem destas mulheres, e os fizeram crer na facilidade de obterem sexo casual.

#### 4.4. Tatuagem, transtorno alimentar e comportamento automutilante

Claes, Vandereycken e Vertommen (2005) investigaram a razão pela qual algumas mulheres com transtornos alimentares faziam tatuagens e colocam *piercings*, enquanto outras apresentavam comportamentos automutilantes. Para responder a esta pergunta, quatro instrumentos (questionário de interesse por tatuagens e por *piercings*; questionário de automutilação; escala de impulsividade e teste de personalidade) foram aplicados em 101 jovens, com idade média de 23 anos, com diagnóstico de anorexia e bulimia. Os resultados mostraram que as relações positivas de *piercings*/tatuagens estavam associadas ao fato de estas modificações terem sido feitas por motivos estéticos, expressão de independência e diferenciação dos outros. Já os comportamentos automutilantes representam o oposto, pois estavam associados a afetos negativos, comportamentos autopunitivos, alívio de sofrimento e um meio para chamar a atenção. O estudo concluiu que adornos como tatuagens/*piercings* puderam ser uma expressão de autocuidado e um fator de proteção contra comportamentos mutilantes, já que a aquisição das marcas corporais revelou uma relação mais cuidadosa entre os indivíduos e seus corpos.

O comportamento automutilante também apareceu na pesquisa de Stirn e Hinz (2008) enquanto estudavam uma ampla amostra de indivíduos com modificações corporais. Em princípio, o foco era os motivos e eventos biográficos que marcaram a aquisição de tatuagens e *piercings*. As informações foram coletadas após a aplicação de um questionário em 432 leitores de uma revista de tatuagem de grande circulação da Alemanha. Os resultados mostraram que as modificações corporais alteraram consideravelmente a relação dos participantes com seus corpos: 34% dos pesquisados vinculavam a aquisição das modificações a eventos especiais em suas vidas, e 27% dos sujeitos relataram atitudes de automutilação (cortes) durante a infância. Os autores sugerem que este alto índice deveria ser analisado com mais cautela e levantaram a hipótese de que sujeitos com comportamentos automutilantes tendiam a buscar mais as modificações corporais que os demais. Um dado comprovado foi que muitos indivíduos com comportamentos automutilantes pararam com estas atitudes após a aquisição das modificações corporais, atribuindo um efeito terapêutico às práticas, pois com elas melhoraram sua relação consigo mesmos (sentimento de apropriação e aceitação). Os dados apontaram que a maior parte dos sujeitos investigados não apresentou ideação suicida (fator sugerido em algumas pesquisas bibliográficas realizadas pelos autores). Por fim, pedem particular atenção aos indivíduos com múltiplos *piercings* e a pessoas com

tatuagens que cobrem grande parte do corpo em lugares não usuais, como rosto, pois estes sim poderiam ter algum transtorno psicopatológico.

Iannaccone et al. (2013) confirmaram os achados de Claes (2005) ao mostrarem que as pacientes com transtornos alimentares que possuíam tatuagens e *piercings* apresentavam sentimentos positivos com relação aos seus corpos, níveis mais elevados de autoestima, menos impulsividade, depressão e ansiedade. Elas possuíam níveis menores de disfunção social quando comparadas às jovens que reportaram ter apenas comportamentos automutilantes ou ambos (comportamentos automutilantes e modificações corporais). Através destes dados, foi possível afirmar que a presença de comportamentos mutilantes fez parte de um severo quadro do transtorno alimentar. Os autores suspeitaram que as pacientes com transtornos alimentares estivessem fortemente insatisfeitas com seus corpos e por isso tentaram modificá-los. A modificação corporal (pelas vias da tatuagem e do *piercing*) era uma maneira definitiva de alterar o corpo, mas difere do comportamento automutilante, que tendia a ser repetitivo. Um dado não computado na pesquisa de Claes foi que as pacientes que apresentam apenas modificações corporais tinham vida sexual ativa, ao contrário das demais, entre as quais esta prática era inexistente.

Stirn (2011) uniu-se a um grupo de pesquisadores para investigar a relação entre abuso sexual e modificação corporal. Este estudo foi realizado com a divulgação de um questionário lançado em uma revista de tatuagem de grande circulação na Alemanha. No total, 432 pessoas (homens e mulheres em igual proporção), com idades que variam entre 18 e 63 anos, responderam ao questionário que abarcava perguntas sobre modificações corporais, relações familiares, experiências de vida, razões pelas quais fizeram as modificações e suas consequências. Concluiu-se que as modificações corporais eram uma forma de expressar autoconsciência, identidade e controle do próprio corpo. Mais da metade dos sujeitos entrevistados relatou que gostaria de continuar suas modificações, revelando um comportamento obsessivo. Neste estudo, cerca de 9% dos sujeitos revelou a ocorrência de abuso sexual. Para algumas vítimas, a motivação para fazer uma modificação corporal teve o intuito de superar a experiência traumática, ou de ajudá-las a se apropriarem de seus corpos.

#### **4.5. Estigma e arrependimento**

Madfis e Arfort (2013) discutiram o arrependimento após a aquisição da tatuagem. Nos EUA, em 2012, o número de pessoas que buscou a remoção de suas tatuagens por laser

aumentou 43% em relação ao ano anterior. Frente a estes altos índices e às poucas pesquisas sobre o fenômeno, os autores elaboraram este estudo, com duas frentes de pesquisa: a primeira entrevistou pessoas que cobriram as suas marcas indesejáveis com outras tatuagens, ou foram retiradas com laser (22 pessoas, homens e mulheres em torno dos 40 anos); e a segunda pesquisa analisou os sujeitos (18 homens e mulheres, entre 19 e 39 anos) que se arrependeram das marcas, mas não as removeram. Contextualizaram o estudo partindo da elucidação das narrativas de tatuagens, nas quais as pessoas se apoderam do sentido e da história da sua tatuagem ao descreverem eventos significativos que ocasionaram o ato de se marcarem. Contudo, apontaram que o símbolo não era estático e se transformava de acordo com acontecimentos na vida do indivíduo e no âmbito cultural. Foi o caso do jovem latino de 25 anos (p.553) que tatuou “La Vida Loca” no pescoço, no período de sua adolescência, quando estava retido em um centro de detenção. Anos depois, a música de mesmo nome lançada pelo cantor Ricky Martin atingiu sucesso mundial e acabou tornando-se bandeira do movimento gay. Por não se sentir identificado com esta comunidade, o rapaz também cobriu sua marca. Concluiu-se que as tatuagens, quando expostas ao olhar do outro, estavam sujeitas a diversas explicações e compreensões, não sendo somente aquela escolhida pelo sujeito que a tatuou. Desse modo, o símbolo era extremamente particular, e pode mudar devido a intercorrências na vida do sujeito. Alguns ficaram insatisfeitos com suas tatuagens quando não conseguiam revelar seu significado para os outros, ou quando não simbolizavam mais um aspecto importante para suas vidas. Por isso, enquanto alguns indivíduos se arrependeram e cobriram a tatuagem, outros, independentemente de significados e conceitos, estavam dispostos a aceitarem suas marcas.

Dentro do ponto de vista da sociologia, Vail (1999) examinou como os sujeitos com inúmeras tatuagens tornaram-se colecionadores de marcas corporais. Para a realização de sua pesquisa, o autor realizou entrevistas semidirigidas com artistas e colecionadores durante os quatro dias em que participou de uma convenção de tatuagem. O autor explicou que existia uma transformação física, psicológica e cultural para se tornar um colecionador de marcas corporais, pois, ao se tatuar, muda-se o olhar do outro sobre o sujeito tatuado e sobre seus desenhos. O processo de colecionar era aprendido com terceiros, como tatuadores e colegas altamente tatuados, por exemplo. A importância da existência de um grupo social foi ressaltada devido ao fato de que ser altamente tatuado ainda estava fora das normas sociais. Para ser um colecionador, era necessária uma devoção a um estilo de vida que era marginalizado. Em suas pesquisas, Vail recorreu ao uso do termo “afinidade” (p.259) para

explicar que os colecionadores se tatuam devido a um desejo de se tornarem desviantes, diferentes do senso comum, além da empatia existente frente a outros indivíduos tatuados. Dentro desta rede social havia um discurso positivo sobre as tatuagens, além do constante incentivo para fazê-las. Concluiu o autor que ser um colecionador era uma jornada pessoal e coletiva. Este processo envolvia compromisso financeiro e físico (tatuagem bem-feita custava caro e sua manutenção requeria cuidados), além de uma necessária estrutura de personalidade minimamente forte para suportar os estigmas negativos vinculados às marcas corporais.

Larsen, Patterson e Markaham (2014) apontaram que trabalhos acadêmicos focam as motivações por trás da aquisição das marcas corporais, mas não abordam os estigmas ainda presentes no indivíduo tatuado. Este artigo examinou o direcionamento do estigma e identidades contemporâneas relacionadas à tatuagem. Para a realização do estudo, 10 sujeitos foram selecionados: 3 sem tatuagens (dentre os quais uma moça apenas com *piercings* visíveis), 4 altamente tatuados e 3 com marcas facilmente escondidas pelas roupas. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas individuais, nas quais os sujeitos expunham as suas opiniões quanto às marcas corporais, preconceitos e curiosidades. Os autores concluíram que, mesmo sendo uma prática já aceita socialmente, ela ainda era fortemente estigmatizada, não apenas pelos não tatuados, mas também pelos tatuados. Os não tatuados percebiam os portadores de marcas corporais como agressivos, criminosos e maus. Os tatuados tinham esta mesma percepção com relação aos extremamente tatuados. As tatuagens no rosto foram as que carregavam os estigmas mais fortes. Para não sofrerem com os estigmas negativos, os tatuados (poucas e muitas marcas) adotavam estratégias de enfrentamento positivas, como minimizar os discursos negativos frente às suas marcas. Além disso, desenvolveram toda uma narrativa de tatuagem, na qual relataram que as marcas tinham um significado e foram cuidadosamente planejadas e pensadas antes da execução.

#### **4.6. Dinâmica psíquica e simbólica das marcas corporais**

Ramos, Mendonça e Silva (2007) investigaram as motivações simbólicas do ato de tatuar-se a partir de estudo realizado com 101 jovens universitários brasileiros, com idades entre 18 e 30 anos. Para tanto, foram realizadas entrevistas, questionário semidirigido e análise da foto das próprias tatuagens dos sujeitos investigados. Com esta pesquisa, as autoras notaram que a tatuagem estava mais associada à inserção social em um grupo do que à necessidade de expressar individualidade. As tatuagens assinalaram momentos importantes na

vida do indivíduo, tais como: fim de uma etapa, início de uma nova fase, marcação de momentos e pessoas importantes, além de homenagem a uma pessoa amada. As marcas corporais puderam ser vistas como um processo de simbolização, em que os sentimentos inconscientes foram expressos através de desenhos e cores. Elas pareciam dar forma ao invisível, trazendo à tona o que estava no fundo do corpo para a superfície, que era visível e controlável. A dor foi um ponto importante no ato da tatuagem, pois fazia parte do processo de memorização da experiência. Por fim, observou-se que todas as marcas tinham um significado para seus portadores.

O psicanalista Karacaoglan (2012) discutiu dois estudos de caso em que os pacientes fizeram tatuagens durante o processo analítico. Ele buscou conhecer a dinâmica inconsciente do ato de se marcar de dois sujeitos: uma garota de 23 anos de idade que estava imersa em um caos familiar e um homossexual de 37 anos de idade com um grave quadro depressivo, desenvolvido após o diagnóstico de HIV. O autor relatou que os analisados recorreram às tatuagens nos momentos em que a linguagem simbólica revelou-se insuficiente na comunicação entre paciente e analista, e quando a relação foi ameaçada por exigências externas, o que poderia ocasionar a suspensão do processo. Logo, a tatuagem restabeleceu a segurança frente às situações angustiantes e incertas da vida do indivíduo. Através do símbolo marcado no corpo, a tatuagem tornou-se um meio pelo qual o paciente conseguia expressar suas questões, que puderam ser desvendadas com a interpretação do analista. Por fim, quando os pacientes conseguiram elaborar seus conteúdos de forma abstrata, não sentiram mais a necessidade de se tatuar.

Silva (2012) elaborou uma tese com a análise do discurso de três jovens sujeitos (um homem de 26 anos, e duas mulheres de 21 e 23 anos), com pelo menos três tatuagens, tendo como objetivo a reflexão sobre a dinâmica e as funções inconscientes da tatuagem e do corpo na dinâmica psíquica. Na pesquisa, cada entrevista semidirigida foi reconstruída buscando o núcleo conflitivo da tatuagem, configurado em torno da perda do objeto ou de sua presença excessivamente excitante. Os casos estudados abordaram a função da tatuagem e o conceito de identificação por meio de exemplos de luto patológico e do papel do superego nas identificações edípicas, quando, sem finalidade ou questão, a tatuagem poderia representar a ausência radical de sentido. Desta forma, o corpo poderia se tornar ancoragem e o registro nele, novamente, protótipo de uma inscrição. Concluiu-se que o corpo tem sido convocado como importante instrumento de laço social e peça fundamental na estruturação psíquica individual (2012).

Em um estudo recente, Ferreira (2014) investigou os motivos pelos quais os jovens se tatuavam e o sentido de terem grande parte de seus corpos tomados pelas marcas. A pesquisa foi realizada em Lisboa com 15 sujeitos, oriundos de diferentes classes sociais e gêneros, selecionados após a imersão de três anos do pesquisador na comunidade de tatuados. Ferreira partiu do princípio de que em um mundo cada vez mais líquido, os jovens pintavam seus corpos para um reconhecimento social diferente, em busca de autenticidade, autonomia e manutenção da identidade na transição para a vida adulta. Através de seus corpos, eles se comunicavam e expressavam socialmente seu senso de identidade, ou daquilo que queriam ser, a partir de investimentos na aparência. Nas entrevistas realizadas, o autor buscou compreender a dinâmica simbólica associada à vida social e biográfica das pessoas que estavam atreladas ao processo da *body modification*. Constatou que a aquisição de muitas tatuagens fez parte da transição da juventude para a vida adulta, em que o processo de construção do *body project* era altamente reflexivo, e auxiliava o indivíduo na ancoragem de sua identidade e subjetividade frente a um mundo cada vez mais líquido e instável.

#### **4.7. Conclusão das pesquisas**

Em qualquer estudo sobre tatuagens, viu-se que o ponto de partida das pesquisas estava ligado às motivações envolvidas no ato de se tatuar. Entre elas, a mais comum foi a necessidade que o sujeito teve de marcar no próprio corpo situações que foram importantes em sua vida. Além disso, a aquisição da marca tinha a função de preservar a identidade do indivíduo frente a uma vida repleta de incertezas. Com esta nova identidade construída no corpo, a pessoa tatuada sentiu-se mais confiante, bem consigo mesma e diferente da cultura de massa em que estava inserida. Estes estudos também apontaram para o fato de que, ainda hoje, as tatuagens atuam como uma forma de inserção em determinados grupos sociais.

A ocorrência de preconceito apareceu de forma sutil, porém constante, na maioria das pesquisas. Ele não foi o tema principal, entretanto, pode ser percebido nos estudos que discorrem sobre as impressões acerca dos sujeitos tatuados. Neles, estas pessoas eram vistas como portadoras de comportamentos desviantes, e as mulheres como promíscuas.

Chamou a atenção a forte associação entre comportamentos automutilantes e tatuagem. Neste ponto, a aquisição da marca corporal ganhou contornos positivos e terapêuticos, pois, diferentemente do ato de autopunição, a tatuagem mobilizou o sujeito para o autocuidado e, com isso, proporcionou uma relação mais sadia do indivíduo consigo

mesmo. No âmbito da psicologia, as contribuições da psicanálise mostraram que a tatuagem implicou em uma dificuldade que o sujeito tinha de verbalizar conteúdos inconscientes. Sendo assim, a partir do momento em que conseguia elaborar seus conflitos pela fala, o ato de fazer tatuagem já não se fazia necessário.

Por fim, neste campo de estudo tão vasto que as marcas corporais nos trazem, notou-se uma enorme lacuna em que a psicologia profunda ainda não adentrou: afinal, por que marcar, de uma forma indelével, o corpo? Como a tatuagem atuaria na elaboração de lutos e outros fatos marcantes na vida do indivíduo?

A partir da psicossomática junguiana, que reconhece a interdependência fundamental entre mente e corpo, analisaremos a dinâmica psíquica envolvida no ato de se tatuar e a análise simbólica destas imagens. Temos no estudo dos símbolos a pedra angular para a elaboração deste trabalho, pois ele é o terceiro fator que transcende a dicotomia psique-corpo (RAMOS, 2006).

## 5. O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

*“Gente, que sincronicidade! Como é que eu escolhi um símbolo para colocar na minha pele? Como é que meu inconsciente já mandou um símbolo antes de tudo?”*

*(A.L, 34 anos)*

Neste capítulo serão apresentados os conceitos básicos para a compreensão do processo de simbolização presentes no ato de se tatuar.

### 5.1. Símbolo

As palavras são indispensáveis para extrair os sentidos do símbolo, mas são incapazes de expressar a totalidade de seu valor, pois ele escapa a toda e qualquer definição, diferentemente do sinal. Este tem uma função mais direta, que transmite uma mensagem simples, de compreensão imediata. Por exemplo, uma insígnia de um uniforme é um sinal que identifica a pessoa que o usa (RAMOS, 2000). Já o símbolo pressupõe que a expressão emergente seja a melhor designação de um fato relativamente desconhecido. (JUNG, 2013).

Segundo Kast (2013), o símbolo é um objeto cotidiano, percebido pelos sentidos, mas que aponta para algo enigmático, um significado que não pode ser apreendido em um primeiro momento. Neste sentido, Ramos aponta o símbolo como pedra angular da psicossomática, pois:

Na medida em que o símbolo implica a união de algo consciente com algo inconsciente, ele sempre provoca emoção, isto é, “um movimento para fora” (e + moção), movimento do sistema nervoso vegetativo, simpático e parassimpático. Desta forma, temos aqui a chave da psicossomática: por meio do símbolo atingimos as camadas orgânicas profundas e inacessíveis à consciência. (2006, p.78).

O objeto e seu significado não podem ser separados, pois podem estar relacionados a uma ideia, a uma perspectiva, a um sentido.

De origem grega, a palavra símbolo é derivada de *synballein* (*syn*, junto + *ballein*, atirar), que tem como significado a união dos opostos, unir conhecido com desconhecido (Ramos, 2006). Na Antiguidade grega, quando dois amigos se separavam, quebravam uma moeda ou um anel ao meio. Ao retornar, o amigo, ou alguém de sua família, deveria apresentar sua metade. Se esta metade se completava à outra, ele era reconhecido como amigo

e ganhava o direito à hospitalidade. Apenas quando as metades são unidas, forma-se o símbolo, que passa aqui a significar alguma coisa. O símbolo é o sinal visível de uma realidade imaterial, invisível (KAST, 2013, p.20).

Sendo assim, Kast (2013) ressalta que sempre devemos considerar os dois níveis do símbolo: externo e interno. O primeiro pode revelar algo interno, algo visível em invisível, no particular, o geral. A tarefa da interpretação simbólica consiste em procurarmos a realidade invisível por trás da dimensão visível e a conexão entre elas. Desta forma, o símbolo sempre assinala um excesso de significados que jamais poderão ser esgotados.

Diretamente ligado à emoção, o símbolo sempre retém um excedente de significado, logo, não pode ser totalmente compreensível (KAST, 2013).

Jung (2013) chama a atenção para a plasticidade do símbolo. Segundo o autor, o símbolo possui uma natureza altamente complexa porque é composto por dados de todas as funções psíquicas<sup>3</sup>. Logo, não é racional, nem irracional. É também paradoxal, pois possui um lado que fala à razão e outro no qual é inacessível a ela. A carga de pressentimento e significado que o símbolo contém afeta tanto pensamento quanto sentimento e, quando é apresentada de modo perceptível aos sentidos, mexe com a sensação e com a intuição. Portanto, para que possamos compreender o símbolo é necessária uma dose de intuição que capte, aproximadamente, o seu sentido e o incorpore na consciência. Isso porque a formação do símbolo não é um processo racional, e sua essência consiste apenas em apresentar uma situação que não é totalmente compreensível, e apenas aponta, intuitivamente, para seu possível significado.

Um símbolo pode despertar um leque de experiências psíquicas, desde que entremos em contato afetivamente com elas. É apenas através do envolvimento emocional com o símbolo que a energia presa dentro dele é liberada. Quando os símbolos são vivenciados no processo terapêutico, temos a experiência de nos sentirmos mais vivos. Nos símbolos, tornam-se visíveis não só as nossas dificuldades, mas também todas as nossas possibilidades de vida e desenvolvimento (KAST, 2013).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), um dos papéis que o símbolo representa é o de reunir e harmonizar os contrários. Jung denomina função transcendente a propriedade que os símbolos possuem de estabelecer uma conexão entre forças antagônicas e, conseqüentemente, de vencer oposições e, assim, franquear o caminho para a amplificação da consciência.

---

<sup>3</sup> Jung (2013) distingue quatro funções básicas, duas racionais e duas irracionais: pensamento e sentimento, sensação e intuição.

O símbolo exerce a função de transformador de energia psíquica. Ele consegue extrair a energia de um gerador de força difusa, transformando-o em uma corrente utilizável na conduta pessoal da vida. “O símbolo não apenas exprime as profundezas do ego, às quais dá forma e figura, mas também estimula, com a carga afetiva de suas imagens, o desenvolvimento dos processos psíquicos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.31).

Jung ressalta a importância do símbolo como agente de transformação:

“Os símbolos funcionam como *transformadores*, conduzindo a libido de uma forma 'inferior' para uma forma superior. O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao número, que é a energia específica do próprio arquétipo. A vivência do último não é só impressionante, mas de fato 'comovente’” (2013, §344).

## 5.2. Função Transcendente

De acordo com os preceitos da psicologia analítica, os conteúdos e as tendências do inconsciente e da consciência raramente estão de acordo, isto porque o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência (JUNG, 1971).

A rotina da vida diária exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, assim, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais nos afastamos dele devido a um funcionamento dirigido, maior é a probabilidade de surgir uma forte contraposição que, quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis.

Para Jung (1971), é através do tratamento construtivo do inconsciente que temos a base para a compreensão da função transcendente, pois, quando se consegue formular o conteúdo do inconsciente e compreender o sentido desta formulação, surge a questão de saber como o ego se comportará frente a esta situação. Desse modo, dá-se início a confrontação entre o ego e o inconsciente. Esta é a segunda etapa do procedimento, pois da aproximação dos opostos resulta o aparecimento do terceiro elemento, que é a função transcendente. Neste estágio, a condução do processo não está mais com o inconsciente, mas com o ego.

Este confronto com o oposto gera uma tensão carregada de energia, que produz algo vivo, um terceiro elemento, que leva a um novo nível de ser, a uma nova situação. Esta é a característica primordial da função transcendente, em que a consciência é ampliada continuamente, ou – para sermos mais exatos – pode ser ampliada através da confrontação

com os conteúdos até então inconscientes, e integrar este novo conteúdo à consciência (Jung, 1971).

A função transcendente cria passagem de uma atitude para outra:

“A matéria-prima elaborada pela tese e pela antítese e que une os opostos em seu processo de formação é o símbolo vivo” (Jung, 2013 §917).

O símbolo, enquanto transformador psíquico de energia, tem caráter de cura, pois é capaz de restaurar a inteireza e a saúde do indivíduo. Para Jung, a transformação da libido<sup>4</sup> é a resultante da contínua separação e união entre dois elementos opostos, que também se exprime como a síntese do confronto entre o material consciente e inconsciente:

“Em sua dupla capacidade de, enquanto vívida expressão da carga de energia acumulada de um “cerne de significado” do inconsciente coletivo psicoide, produziu um alívio da tensão e, pelo seu significado, alcançar uma nova impressão sobre os eventos psíquicos e, assim, provocar nova concentração de energia, o símbolo pode avançar de síntese em síntese e transformar a libido incessantemente, redistribuí-la e conduzi-la a atividades significativas” (Jacobi, 2016, p.119).

A partir do conceito de símbolo como transformador de energia proposto por Jung, Ramos (2006) enfatiza a importância do mecanismo de transdução, que trata da conversão (ou transformação) de informação de uma fonte em outra. Dessa forma, o símbolo pode ser compreendido como uma máquina transdutora, através da qual a informação de um sistema inconsciente pode ser transduzida para o sistema consciente. Estas transduções podem ser realizadas através de inúmeros métodos de ampliação da consciência, como a imaginação ativa, onde conseguimos expressar conteúdos inconscientes num plano material. Logo, as expressões artísticas, entre elas, a tatuagem, seriam uma necessidade de expressar e incorporar o símbolo ao corpo de modo a manter profundo contato, carregando-o consigo para sempre (RAMOS, comunicação oral, abril de 2017).

### **5.3. Processo de individuação**

Em geral, no processo de individuação ocorre um processo de diferenciação que visa o desenvolvimento da personalidade individual. A individuação está diretamente vinculada à função transcendente, pois é ela quem traça as linhas de desenvolvimento individual que não poderiam ser adquiridas pelos caminhos ditados pelas normas coletivas. Dessa forma, a

---

<sup>4</sup> Termo utilizado na literatura junguiana para indicar a energia psíquica. Deve ser compreendido como um valor energético que pode se transmitir a qualquer área de atividade como, por exemplo: poder, fome, ódio, sexualidade, religião, sem ser, necessariamente, fixa a um instinto específico. (PIERI, 2002).

individuação significa uma ampliação da consciência e da vida psicológica consciente (JUNG, 2013).

O conhecimento dos símbolos é indispensável, pois é nestes que se dá a união de conteúdos conscientes e inconscientes. Da união emergem novas situações ou estados de consciência, isto nada mais é que a função transcendente. (JUNG, 1976, §524).

Segundo Stein (2006), a individuação ocorre através do mecanismo da compensação. Sua função consiste em introduzir o equilíbrio ao sistema psíquico. Por exemplo, a tendência do ego é tornar-se unilateral e excessivamente confiante em si mesmo. Quando isso ocorre, o inconsciente compensa essa unilateralidade, geralmente através dos sonhos. Com o tempo, estas pequenas e frequentes compensações somam-se e convertem-se em padrões, que estabelecem a base espiral de desenvolvimento para a totalidade, a qual Jung denominou individuação.

O processo de individuação não é um tranquilo processo de incubação e crescimento, mas sim, de um forte confronto entre os opostos. Este embate consiste em unificar o ego com o inconsciente, o qual contém a vida não vivida da pessoa e seu potencial não realizado. O propósito da individuação é tornar-se o que a pessoa já é individualmente, mas de um modo mais profundo e consciente. Esta tarefa requer o poder capacitador de símbolos que tornam acessíveis os conteúdos do inconsciente.

#### **5.4. Arquétipo e Imagem**

Para Jacobi (2016), o ser humano tem a necessidade de colocar a compreensão simbólica ao lado da compreensão concreta e realista do mundo. Este nível simbólico enriquece a vida com outras dimensões, e a raiz de toda essa criatividade é alimentada pelas forças arquetípicas.

Jung (2013) se refere à imagem como sendo uma representação imediata, oriunda da imagem poética, ou seja, a imagem da fantasia que se relaciona indiretamente com a percepção do objeto externo. Esta imagem, como produto da atividade inconsciente da fantasia, aparece na consciência como uma espécie de visão ou alucinação, mas sem o caráter patológico. Dessa forma, a imagem tem o caráter psicológico de uma representação da fantasia, e não o caráter de uma alucinação, ou seja, ela nunca tomará o lugar da realidade e sempre será distinta da realidade dos sentidos por ser uma imagem interna.

A imagem interna é um produto homogêneo, com sentido próprio e autônomo. É uma expressão concentrada da situação psíquica como um todo e não apenas formada pelos conteúdos inconscientes. Trata-se da expressão de conteúdos inconscientes que são momentaneamente constelados, resultantes da atividade espontânea do inconsciente e da situação momentânea da consciência:

A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente quanto consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir de sua relação recíproca. (JUNG, 2013, §829).

A imagem primordial, também chamada de arquétipo, é aquela que possui um caráter arcaico, em que apresenta uma concordância explícita com motivos mitológicos conhecidos. Por ser sempre coletiva, esta imagem é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos. Neste sentido, ela expressa materiais derivados do inconsciente coletivo e mostra que a situação momentânea da consciência é mais influenciada pela coletividade. Diferentemente da imagem pessoal, que não carrega este caráter arcaico e coletivo, traduz conteúdos do inconsciente pessoal e uma situação da consciência pessoalmente condicionada (JUNG, 2013).

### **5.5. Sincronicidade**

Jung (2011) escolheu o termo sincronicidade para elucidar a aparição simultânea de dois acontecimentos ligados pela significação, mas sem ligação causal. A sincronicidade significa a simultaneidade de um estado psíquico com um ou inúmeros acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em algumas ocasiões, também vice-versa.

Este fenômeno é constituído por dois fatores:

1) Uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação ou premonição; 2) Uma situação objetiva coincide com este conteúdo. Tanto uma quanto a outra podem, por assim dizer, causar admiração. (JUNG, 2011, § 858).

Sendo assim, somos forçados a aceitar que existe no inconsciente um conhecimento *a priori*, que não necessita de qualquer base causal, e se manifesta perceptivelmente na constelação apropriada. Dessa forma, Jung retoma a questão do paralelismo psicofísico (JACOBI, 2016):

Pois *physis* e psique podem ser consideradas dois aspectos da mesma coisa, ordenadas em paralelismo dotado de sentido; elas estão, por assim dizer, “sobrepostas” uma na outra, são “síncronas” e sua interação não é compreensível apenas em termo causais. No entanto, este “estado ordenado sem causa”, como Jung chama as realidades inconscientes não é nada mais que a estrutura arquetípica do inconsciente coletivo, e o arquétipo, quando se torna perceptível para a consciência, é “a *forma introspectivamente reconhecível de um ordenamento psíquico a priori*”. Por sua carga elevada de energia ou seu efeito numinoso<sup>5</sup>, ele evoca aquela intensa emotividade no indivíduo que é pré-requisito para a criação e a experiência do fenômeno da sincronicidade. (p. 79).

A tatuagem pode ser considerada como uma expressão concreta de um símbolo muito importante para uma pessoa. Este símbolo surge através da união de motivações internas (sensações, desejos, sentido) com fatores externos, como por exemplo, uma vivência marcante.

Muitas vezes, as palavras não conseguem abarcar o sentido e o significado da imagem tatuada, repleta de fortes conteúdos afetivos.

No mecanismo de transdução, a tatuagem é o meio pelo qual a informação inconsciente é expressa para o corpo na forma de imagem, já que tais conteúdos ainda não podem ser expressos no plano consciente ou verbal.

O capítulo a seguir aborda a escolha metodológica empregada nesta pesquisa.

---

<sup>5</sup>Termo que indica o caráter com que alguma coisa, cujo sentido é ignorado, se transforma em força que fascina a consciência do indivíduo (PIERI, 2002).

## 6. MÉTODO

*“Eu acho que a diferença de quem faz um monte de tatuagem, desse jeito, procurando, pesquisando, indo atrás, entendendo qual é o significado, não só pelo preenchimento. É diferente. É outra conexão que você faz com teu corpo, diferente de colocar brinco, mudar o cabelo.”*

*(C.O, 37 anos)*

### 6.1. Caracterização do Estudo

A pesquisa teve uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada no referencial teórico da Psicologia Analítica e com vistas à investigação das motivações para a aquisição de coleção de tatuagens e seu simbolismo.

### 6.2. Objetivo geral

Investigar as motivações para a aquisição de tatuagens e analisar sua dimensão simbólica em indivíduos que tiveram a partir de 30% de seus corpos cobertos por tatuagens.

### 6.3. Objetivo Específico

Observar as implicações que a presença de múltiplas tatuagens pode trazer para a vida do indivíduo, dentro das suas relações interpessoais e sociais.

### 6.4. Participantes

15 homens e 15 mulheres, entre 20 e 40 anos de idade, com, no mínimo, 30% do corpo coberto por tatuagem e, no máximo 100%.

Fator de exclusão: tatuadores e *body piercers*.

### 6.5. A “Regra dos Nove”

Como referencial para a mensuração da área corporal coberta por tatuagens, foi adotada, como base de medida, a “Regra dos Nove” de Wallace. Este método é amplamente utilizado no protocolo de atendimento a vítimas de queimaduras, pois calcula a extensão da superfície corpórea queimada (LIMA; LIMAVERDE; FILHO, 2006).

Existem inúmeras classificações para o Cálculo da Área Total de Superfície Corporal, entretanto, a “Regra dos Nove” é a que possui maior aceitação e uso no campo da medicina (HYLAND, 2015).

A significativa gravidade do ferimento por queimadura depende da profundidade e da porcentagem da área corporal afetada. A “Regra dos Nove” é um método prático para quantificar a área afetada pela queimadura. Para uma pessoa a partir dos dez anos de idade, a cabeça é equivalente a 9%, cada membro superior 9%, tronco anterior 18%, tronco posterior 18%, cada membro inferior 18%, e a área genital, 1% (HYLAND, 2015).

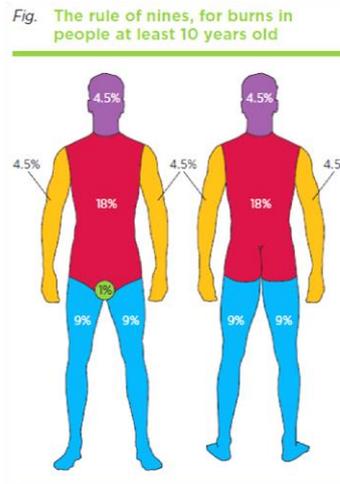
Sendo assim, se mais de 10% da área corporal em crianças está queimada, ou mais de 20% em adultos, o ferimento é grave e o tratamento deve ser iniciado imediatamente.

Tabela 1 – Regra dos Nove de Wallace

Cabeça e Pescoço	9%
Cada Extremidade Superior	9%
Região Anterior do Tronco	18%
Região Posterior do Tronco	18%
Cada Extremidade Inferior	18%
Períneo	1%

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 1 - A “Regra dos Nove” para queimaduras em pessoas a partir de dez anos de idade



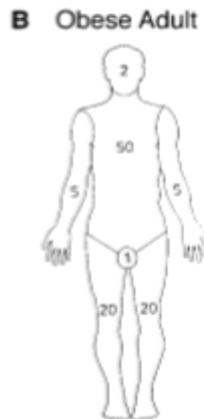
Fonte: “Minor burn management: potions and lotions” (HYLAND; CONNOLLY; FOX; HARVEY, 2015)

De acordo com Wallace (apud KAMOLZ et al., 2014), a “Regra dos Nove” é precisa para pessoas com peso entre 10 e 80 kg. Porém, há uma superestimação da área corpórea em pessoas acima de 80 kg. Para corrigir este erro, a regra foi adaptada para “Regra dos Cinco”, com o objetivo de mensurar corretamente a extensão corporal de indivíduos com sobrepeso.

Edward, Livingston e Lee (2000) realizaram um estudo para a aplicação da “Regra dos Cinco”, pois a gordura acumulada na obesidade poderia resultar em uma alteração da área da superfície corporal, quando comparados a indivíduos não obesos.

A “Regra dos Cinco” é indicada para pacientes com mais de 80 kg, na qual: 5% da superfície corpórea é equivalente a cada membro superior, 20% para cada membro inferior, 25% para o tronco superior, 25% para o tronco inferior, 2% para a cabeça e 1% para a área genital.

Figura 2 - Porcentagem de áreas queimadas em pessoas obesas



Fonte: “Percentage of Burned Body Surface Area Determination in Obese and Nonobese Patients” (EDWARD; LIVINGSTON; LEE, 2000)

Na seleção dos sujeitos de pesquisa, foi utilizada a “Regra dos Nove” em indivíduos com até 80 kg e a “Regra dos Cinco” para aqueles acima deste peso. Por meio de dois mapas corporais (Figuras 1e 2), foi feito o cálculo aproximado da área de superfície corporal coberta pelas tatuagens.

## 6.6. Instrumentos de coleta de dados

- Termo de consentimento livre – esclarecido (Anexo 1)
- Dados sociodemográficos
- Máquina fotográfica
- Gravador
- Notebook
- Roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo 2)
- Levantamento da área corporal do tatuado para seleção dos participantes

## 6.7. Procedimento

### 6.7.1. Bola de neve

Com o intuito de angariar participantes para aplicação do estudo, foi lançado um convite, via redes sociais, de modo que os sujeitos foram selecionados através do procedimento Bola de Neve. Foi explicado que o presente estudo era parte da dissertação de

mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-SP e que, para a execução, fez-se necessário encontrar 30 sujeitos (sendo 15 homens e 15 mulheres) com mais de 30% de seus corpos tatuados.

Preenchidos os critérios de inclusão, o encontro para a aplicação da pesquisa foi realizado no consultório da pesquisadora. Neste local, havia uma sala privada, e o procedimento, composto por entrevista semiaberta e associação livre com fotografias, foi realizado sem a presença ou interrupção de terceiros.

O sigilo da pesquisa e a identidade do participante foram assegurados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi informado que a pessoa poderia interromper a entrevista em qualquer momento em que se sentisse incomodada, assim como desistir da participação do estudo.

O encontro com o sujeito teve cerca de uma hora de duração, no qual foi realizada uma entrevista semiaberta e a fotografia de uma tatuagem escolhida pelo mesmo. O áudio da conversa foi gravado e destruído após a transcrição. A fotografia ficou de posse da pesquisadora e foi feita de forma que a identidade do participante fosse preservada.

Por fim, caso houvesse interesse do participante, a pesquisadora se disponibilizou em realizar uma entrevista devolutiva após a defesa da dissertação.

### ***6.7.2. Associação livre***

Após a entrevista semiaberta, a pesquisadora tirou uma foto de uma tatuagem escolhida pelo participante. Em seguida, esta imagem foi exibida na tela do notebook, e o sujeito foi convidado a olhar a imagem de sua tatuagem e falar sobre tudo aquilo que a imagem lhe despertasse.

## **6.8. Procedimento de aplicação da pesquisa**

Por meio do procedimento Bola de Neve, os sujeitos foram recrutados através de pessoas que tinham amigos/conhecidos com inúmeras marcas corporais, que estivessem dispostos a participar de uma pesquisa sobre tatuagem. Este público foi informado que o presente estudo tratava da elaboração de mestrado em Psicologia Clínica, da PUC-SP. A partir daí, a pesquisadora entrou em contato (via Facebook e WhatsApp) com os sujeitos que se disponibilizaram em participar da pesquisa para averiguar se os mesmos se encaixavam nos

critérios de inclusão. A princípio, foi checado se os sujeitos possuíam entre 20 a 40 anos de idade, quantidade de tatuagens e locais do corpo em que estavam inseridas. Apenas foram selecionados os participantes que se adequaram aos pré-requisitos estabelecidos: ter, no mínimo, 30% da área corporal coberta por tatuagens e idades que variam entre 20 e 40 anos. Foi informado ao sujeito que a pesquisa seria realizada em um único encontro, com cerca de 1 hora de duração. Nele, faríamos uma entrevista e fotografia de uma tatuagem escolhida pelo participante. O conteúdo da conversa, de caráter sigiloso, foi realizado no consultório da pesquisadora, em uma sala que garantia a privacidade, sem interrupção de terceiros. Caso o sujeito estivesse de acordo em participar, o encontro era agendado. Assim que a pesquisadora conseguiu recrutar os 30 participantes e agendar as entrevistas, deu-se por encerrada a divulgação da pesquisa através do procedimento Bola de Neve. No dia da aplicação da pesquisa, o sujeito foi encaminhado à sala de atendimento da pesquisadora. Neste momento, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garantia o sigilo do procedimento, o comprometimento ético da pesquisadora, assim como a possibilidade de o sujeito desistir de sua participação em qualquer etapa do processo. Logo em seguida, o gravador foi acionado e a entrevista teve início a partir da escolha de uma tatuagem da predileção do participante. Terminada a entrevista, a pesquisadora tirou uma fotografia da tatuagem escolhida, que foi transferida para a tela do notebook, e o sujeito foi convidado a discorrer sobre tudo aquilo que a sua tatuagem lhe sugerisse. Quando o pesquisado acabou de falar, o gravador foi desligado e a entrevista encerrada. Ao final do encontro, a pesquisadora deu ao sujeito seus contatos (telefone celular e e-mail), para que ele pudesse acioná-la caso tivesse a necessidade de sanar quaisquer dúvidas.

### **6.9. Procedimento de análise de dados**

- Análise dos discursos das entrevistas, à luz da Psicologia Analítica.
- Análise do material projetivo.

No capítulo seguinte serão apresentados os dados coletados nesta pesquisa, de acordo com a metodologia referida.

## 7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

*“Meu Deus, como ela tem um símbolo e não sabe o que significa?!”*

(N, 24 anos)

No presente estudo, 15 mulheres e 15 homens com idades entre 22 e 40 anos preencheram os critérios de inclusão para a pesquisa: possuíam, no mínimo, 30% do corpo coberto por tatuagens e não exerciam a função de tatuador(a) ou *body piercer*.

Tabelas 2 e 3 – Descrição da Amostra

**Tabela 2 – Descrição da Amostra Feminina**

		Número de casos	% de casos
<b>Sexo</b>	Feminino	15	50%
<b>Idade</b>	De 20 a 30	7	47%
	De 31 a 40	8	53%
<b>Estado Civil</b>	Casada	5	33%
	Divorciada	3	20%
	Solteira	7	47%
<b>Filhos</b>	Com filhos	7	47%
	Sem filhos	8	53%
<b>Escolaridade</b>	2º Grau	3	20%
	Superior em Curso	2	13%
	Superior Completo	10	67%

**Tabela 3 – Descrição da Amostra Masculina**

		Número de casos	% de casos
<b>Sexo</b>	Masculino	15	50%
<b>Idade</b>	De 20 a 30	5	33%
	De 31 a 40	10	67%
<b>Estado Civil</b>	Casado	5	33%
	Divorciado	-	-
	Solteiro	10	67%
<b>Filhos</b>	Com filhos	5	33%
	Sem filhos	10	67%
<b>Escolaridade</b>	2º Grau	2	13%
	Superior em Curso	1	7%
	Superior Completo	12	80%

O grupo feminino foi composto, em sua maioria, por mulheres solteiras, entre 31 e 40 anos de idade. Quase a metade da amostra tem filhos.

Já o grupo masculino foi composto, em sua maioria, por homens solteiros, com mais de 30 anos e sem filhos.

Constatou-se que a maioria dos participantes possuía nível superior, enquanto o restante apresentou o segundo grau completo. Com exceção de apenas uma entrevistada, todos os sujeitos encontravam-se empregados.

### 7.1. Quadro Descritivo das Tatuagens

Participante	Sexo	Área Coberta por Tatuagem	Tatuagem Escolhida	Local do Corpo	Idade em que fez
W	F	36%	Conjunto de imagens diversas: homem dos ventos; menina de costas com os braços atados por uma fita, dentro de uma bota; tentáculos; faixa com um escrito; arco-íris e pote de ouro; plantas	Costas	18
C.K	F	50%	Palavras japonesas e flores	Costas	22
R	M	72%	Bisavô em forma de boxeador	Perna	21
G	M	45%	Carranca com rosto de caveira e composta por morcegos	Costas	32
E.C	M	45%	Carpa	Costas	35
A.L	F	54%	Libélulas, flores, nuvens e joaninha	Braço	31
G.K	M	30%	Caveira e rosas	Braço	29
D	M	45%	Kraken <sup>6</sup> , fundo do mar, arca, caravela e raios	Braço	28
M	F	45%	Balões e uma corda unidos por uma âncora	Braço	24
F.C	M	45%	Mantra hindu	Perna	34
J	F	30%	Discos voadores	Braço	29
E.A	M	54%	Sagrado Coração de Jesus	Braço	18
N	F	72%	Catrina <sup>7</sup> e uma marionete ligada a ela através dos cabelos	Braço	21
M.R	F	45%	Raposa em um camafeu	Tórax	18
C.O	F	63%	Composição de mandala com filtro dos sonhos	Braço	35
B.T	F	54%	Pássaro e esqueleto	Braço	29
L.L	F	36%	Cobra e rosas	Costas	30
L.G	F	63%	Gueixa	Perna	32
B.M	F	54%	Caveira mexicana	Costas	35
C.A	F	81%	Diversos símbolos desenhados nos dedos (alquimia, egípcio e cigano)	Mãos	25
F.V	M	36%	Gueixa	Perna	19
R.A	M	45%	Diabo	Braço	30
V	M	45%	Morte	Braço	25
R.Z	M	45%	Coruja	Costas	29
R.N	M	36%	Coroa	Braço	27
F	F	54%	Pena	Braço	35
M.G	F	45%	Símbolos da mitologia grega: pomba, flecha, coroa e romã	Costela	30
B.B	M	45%	Tatuagem maori, com onda, tubarão e sol	Braço	35
C	M	45%	Anjo e céu com lua e estrelas	Costas	23
P	M	72%	Dragão chinês	Braço, tórax, costas e perna	35

\* Os nomes dos participantes foram alterados com o intuito de preservar suas identidades

<sup>6</sup>Espécie de lula ou polvo gigante que ameaçava os navios no folclore nórdico.

<sup>7</sup>Na cultura popular mexicana, a Catrina é a representação do esqueleto de uma dama da alta sociedade.

## 7.2. Quadros da Imagem Descrita x Imagem Observada

Estes quadros visam mostrar as diferenças entre a imagem da tatuagem descrita pelo próprio sujeito da pesquisa, e a imagem observada pela pesquisadora através das fotografias. Foi necessário acrescentar observações quanto à imagem, com o intuito de elucidar para o leitor o contexto no qual a tatuagem estava inserida.

<b>Imagem Descrita – W</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Menina com cabelos longos e de braços atados por uma fita. Estrada com um pote de ouro no final. Tentáculos, plantas de sol e lua. Homem dos ventos soprando bolinhas de sabão. Frase “Life is Just a dream”.	O desenho ocupa a metade superior de suas costas. Ele começa logo acima da linha das costelas, com a frase “Life is Just a dream” em uma faixa. No lado direito, bem acima da faixa, saem quatro tentáculos grossos com pontas finas, listrados de verde. No meio para o lado direito, há um tênis; na ponta esquerda, há dois buquês de flores. Saindo do tênis, está a menina de costas, com um longo cabelo negro, que ultrapassa a sua cintura. Em cima dos tentáculos, tem a cabeça e o pescoço de um homem verde. De sua boca saem bolas verdes pequenas e médias, que chegam até o rosto da menina. Em cima da bola, tem uma nuvem. Dela sai um arco-íris que termina dentro de um pote. Este pote está desenhado sobre uma mancha preta indefinida, localizado do lado esquerdo da garota.	O desenho está borrado. Além disso, também é muito difícil visualizar os elementos que ela narrou. Isto pode ter acontecido devido ao fato de ser uma tatuagem barata, de um tatuador sem muita experiência. Retrato de uma depressão.

<b>Imagem Descrita – C.K</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Escrita japonesa: família/ amor/ força/ equilíbrio, com flores de cerejeira ao redor.	A tatuagem ocupa as costas por completo. Os escritos japoneses estão na vertical, sobre a coluna vertebral, um abaixo do outro, na cor preta. Ao lado, temos três pares de flores de cerejeira; na lombar, observa-se apenas um par. As flores têm pétalas vermelhas e centro amarelo. Além disso, cada uma está acompanhada de duas ou três folhas verdes.	Os conteúdos dos escritos, realizados em um idioma completamente diferente do nosso, pode indicar que tais características valorizadas pela participante podem lhe estar inconscientes. Além disso, ainda é comum que os tatuadores não saibam as traduções corretas das palavras escolhidas pelos seus clientes, e acabam por tatuar palavras aleatórias.

<b>Imagem Descrita – R</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
“My boy” (estilo de desenho antigo e tradicional de tatuagem) em homenagem ao bisavô, com óculos e o nome da família escrito no calção.	Bonequinho de luta, que está localizado logo acima do tornozelo. As luvas de boxe e o calção são vermelhos, os sapatos são marrons, os óculos e os cabelos são pretos.	Logo acima desta tatuagem há uma sereia invertida (cabeça e tórax de peixe, cintura e pernas de mulher), que dá a impressão de que <i>“ela está cagando na cabeça do meu avô”</i> (sic). Os traços dos desenhos estão borrados. Isso pode ter acontecido devido à pouca experiência do tatuador

<b>Imagem Descrita – G</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Carranca num molde de esqueleto, composta por morcegos.	Um enorme rosto de caveira nas costas, que é composto por inúmeros morcegos de tamanhos pequenos e médios. É uma carranca assustadora, que toma mais da metade das costas, e que vai se desfazendo conforme se afasta do centro. Alguns morcegos se misturam com pontos pretos.	A grande caveira causa impacto e assusta a princípio. Conseguiu passar a impressão de toxidade que desejava.

<b>Imagem Descrita – E. C</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Carpa com uma temática de desenhos orientais.	O desenho tem uma extensão que cobre metade das costas e vai até o começo das nádegas. Bem ao centro, está a carpa preta, com as pontas do rabo e nadadeiras alaranjados. O fundo deste quadro é um sombreado preto e branco (com o predomínio da primeira cor). Em baixo da carpa há duas flores vermelhas (uma de cada lado do peixe). Em meio a isso, tem uma flor lilás. Em cima há algo que se assemelha a algas vermelhas e plantas verdes.	A carpa está deitada bem em cima da região lombar, como se repousasse. Foi feita com o intuito de cobrir uma tatuagem tribal, pois o entrevistado a achava feminina. Porém, o desenho e todo o conjunto (quadro, detalhes, flores) ainda denotam um aspecto feminino. Parece que fechou a metade das suas costas com um aquário. Um dos simbolismos da carpa é a virilidade, característica que o participante almeja, porém, quem escolheu o desenho foi o tatuador.

<b>Imagem Descrita – A.L</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Três libélulas (sendo uma bem clara) com flores, nuvem e joaninha.	A tatuagem inicia-se no ombro (começa com uma rosa e folhas) e desce até o meio do antebraço, onde está localizada a joaninha, em cima de uma folha. As duas libélulas mais escuras estão próximas, desenhadas em cima das nuvens, e a mais clara está afastada. As nuvens atuam como pano de fundo do desenho. A tatuagem é toda sombreada	O desenho é muito belo e delicado, mas a quantidade de nuvens e a falta de tinta transmitem a sensação de tristeza

<b>Imagem Descrita – G.K</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Braço com caveira e rosa.	Crânio de uma cabeça humana desenhada no antebraço esquerdo, sem a mandíbula. Abaixo dele, tem uma rosa vermelha. A tatuagem é toda sombreada. Os dentes da caveira estão separados.	Parece que a caveira está comendo a flor. Agressividade sombria: a caveira não é bela. As cavidades dos olhos e do nariz são bem marcadas, o que dá uma impressão cadavérica. Os dentes separados e longos assemelham-se a presas. É daí que surge a sensação de agressividade que destrói/come a rosa.

<b>Imagem Descrita - D</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Uma caravela e o fundo do mar tentando puxá-la para baixo, mas ela navega mesmo assim. No fundo do mar há o Kraken, que, por meio de seus tentáculos, tenta puxar a embarcação. Tem um coração partido dentro de uma arca aberta. Frase “I won’t give up”. Tempestades e raios em torno da caravela.	O desenho toma o braço todo, desde o pulso até o ombro. Tem muitas cores, o que dá um forte impacto na imagem. Como ainda está em construção, falta colorir um pequeno pedaço em cima do bíceps e tríceps, que se encontra contornado e sombreado. A tatuagem é composta por uma série de imagens: entre o pulso e o cotovelo temos o fundo do mar, as fortes ondas em azul, a frase e os tentáculos do Kraken, pintado com a cor castanha. No antebraço, próximo ao punho e em meio às ondas, há uma caixa aberta (arca) com um coração partido em seu interior. Atrás desta caixa, os tentáculos são maiores, mais grossos e com cores mais intensas (laranja, vermelho e marrom). O fundo está preenchido com azul claro e escuro. Do cotovelo para cima temos a caravela e alguns raios da tempestade. Bem acima do braço, próximo ao ombro, há um raio e, dentro dele está escrito “2010”. Na parte interna do braço (bíceps) observamos a dianteira da caravela, e em uma das velas tem uma bandeira com uma caveira.	É uma imagem muito forte que descreveu todo o caos e desespero pelo qual passava no momento. Ele é a caravela: aquele que vai contra (sic).

<b>Imagem Descrita – M</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Balão com uma âncora.	Balão colorido no meio do bíceps. Dele sai uma corda, que desce até o antebraço e termina com uma âncora. O centro do balão é amarelo, uma lateral é rosa e a outra é azul. Como esta tatuagem tem um efeito aquarelado, não existe contorno definido, logo, as cores das extremidades assemelham-se a nuvens, ou a um grande borrão colorido.	Os balões são facilmente confundidos com uma nuvem.

<b>Imagem Descrita – F.C</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Mantra indiano.	Frase indiana que desce em espiral (três voltas) ao longo do tornozelo. Esta escrita é preta e está localizada logo abaixo de um deus indiano.	O participante não soube dizer qual era o significado do mantra.

<b>Imagem Descrita – J</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Discos voadores com explosões de cores.	Dois discos voadores. O primeiro, menor, está logo acima do pulso. É branco e sombreado. O segundo disco, maior, ocupa 1/3 do antebraço e está em meio a nuvens. Um pouco abaixo do disco e ao lado do fogaréu, as nuvens possuem um tom verde azulado, que vai ficando azul até se tornar branco. A nave é colorida (sombreado, vermelho e verde), com detalhes de triângulos e esferas na sua parte externa.	Um dos discos voadores assemelha-se mais a um foguete, pois está envolto por fumaça e indo em direção ao céu.

<b>Imagem Descrita – E.A</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Sagrado Coração de Jesus, limpo e vivo, não sendo morto e cheio de sangue. O sobrenome da família está logo abaixo do coração.	O coração vermelho está localizado no bíceps, envolto por espinhos verdes, mas sem perfurá-lo. No topo do coração há uma cruz e, em cima do topo, envolvendo a cruz, tem um fogo, uma labareda laranja avermelhada. Em baixo e ao lado do coração há dez triângulos azuis. Abaixo de tudo isso, o sobrenome está escrito dentro de uma fita. Um terço envolve a imagem. Ele sai um pouco acima da axila, envolve a chama, os triângulos e acaba em baixo do sobrenome.	Logo abaixo de uma tatuagem de cunho religioso voltada para homenagear a família, há uma tatuagem de um demônio oriental.

<b>Imagem Descrita – N</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Mulher com o rosto pintado de caveira, cujo cabelo se transforma no cabelo da boneca, ficando como se fosse uma marionete. A boneca é a extensão da mulher.	<p>Rosto de uma menina (adolescente) olhando para frente, pintado de caveira (semelhante a uma Catrina). A cor do cabelo tem um tom castanho avermelhado. O cabelo está preso, e, por trás da nuca, saem duas mechas que estão diretamente ligadas às marias-chiquinhas de uma bonequinha. Ao lado do rosto da adolescente, há três rosas vermelhas que compõem um adorno no cabelo. Ao redor dos olhos, há um sombreado vinho. A boca da jovem esta costurada, assim como nas Catrinas originais. Na testa e no queixo, tem o desenho de uma flor de lótus rosa. Abaixo do olho esquerdo, próximo às têmporas, há um pequeno coração. A cabeça está levemente inclinada para a esquerda e está sustentada pelo pescoço com uma gargantilha de renda.</p> <p>Além dos cabelos da moça, a boneca está ligada a ela por seis fios bem sutis e finos. A boneca é uma marionete: seus braços e pernas são desenhados como madeira entalhada e articulada. A cabeça da marionete é redonda e grande, sendo levemente desproporcional ao corpo. Tem bochechas e boca vermelhas, e está usando um vestido azul</p>	Tanto o rosto da boneca quanto o da Catrina assemelham-se às feições da participante.

<b>Imagem Descrita – M.R</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Raposa dentro de um camafeu.	<p>Raposa com pelo avermelhado dentro de um camafeu. As pontas das orelhas saem do camafeu, que é bem trabalhado e rico em detalhes. Remete às peças (colares e adornos) bem antigas, da década de 20. Ela vai logo abaixo de seu pescoço e desce até seu colo, sendo finalizada entre seus seios. No pescoço, o camafeu é sustentado por um arabesco desenhado na clavícula. Sua tatuagem é seu cartão de visitas, pois, logo de cara, é a primeira coisa que vemos.</p>	A tatuagem é seu “cartão de visitas”, pois é a primeira coisa que vemos ao nos depararmos com a participante, antes mesmo de cruzarmos o olhar.

<b>Imagem Descrita – C.O</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Junção do filtro dos sonhos com um mandala. No centro, existem elementos do psicodrama, teatro, música e movimento.	Círculo lilás com traçado fino. No centro, há uma clave de sol dentro de outro círculo que se expande. Deste círculo interno saem sete pontas, originando os caules das flores. Duas linhas pontilhadas unem uma flor à outra. Abaixo deste grande círculo há uma rabiola (que remete a uma pipa).	Integração do mandala com um filtro dos sonhos.

<b>Imagem Descrita – B.T</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Caveira, passarinho e três flores (sakura).	<p>Passarinho azul em cima de um galho. Dele, saem três flores, com o centro amarelo e cinco pétalas vermelhas. Bem ao lado, há uma caveira agarrada a árvores, com um fundo preto e sombreado.</p> <p>O pássaro tem a cabeça direcionada para o pulso da entrevistada. O corpo do animal é longilíneo e dá a impressão de ser ainda maior, pois o rabo está esticado.</p> <p>A caveira parece observar o pássaro, já que está escondida atrás do tronco de onde brotam as flores.</p> <p>O pássaro é azul com algumas partes brancas e rosas e o bico é laranja. Os galhos são marrons, enquanto as folhas das flores são verdes. O fundo do desenho é todo sombreado.</p>	B.T é esposa de tatuador e funciona como uma tela em branco para ele, já que ela não opina sobre os desenhos feitos em seu corpo. Ao falar sobre a tatuagem escolhida, não mencionou a caveira, que parece estar à espreita do pássaro.

<b>Imagem Descrita – L.L</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Cobra e flores ainda não terminadas.	<p>As costas inteiras são tomadas pelas flores, cobras e arabescos, ainda não finalizados. Na lombar, há uma rosa de contorno vermelho. De um lado, saem alguns arabescos, de outro, folhas.</p> <p>Um pouco acima do canto direito da lombar, há dois botões de rosas vermelhas pintadas, uma rosa vermelha desabrochando bem no centro das costas, seguidas por mais duas rosas grandes e uma média (apenas contornadas de vermelho), que acabam atrás do ombro esquerdo. Em meio a isso, mais folhas e arabescos. As três pontas de um arabesco localizado no meio das costas sobem até o ombro direito.</p> <p>No centro das costas (metade do tórax até o pescoço), observa-se uma cobra sinuosa (apenas contornada de verde e levemente sombreada), com a cabeça a repousar sobre uma flor, atrás do ombro esquerdo.</p>	Desenho dos excessos, pois a cobra está solta e perdida entre as inúmeras flores e folhas.

<b>Imagem Descrita – L.G</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Gueixa.	<p>Gueixa colorida na lateral da panturrilha esquerda. Ela está vestida com um quimono azul, cuja barra é vermelha, assim como o laço de tecido amarrado nas costas. A mulher é longilínea, seu braço esquerdo está rente ao corpo, enquanto o direito está dobrado, com a mão repousando sobre seu seio. A boca é bem pequena e de um vermelho bem vivo. Os cabelos negros, lisos e volumosos estão presos por uma fita amarela.</p>	Mesmo após perder cerca de 30 kg, a tatuagem na perna está em perfeito estado.

<b>Imagem Descrita – B.M</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Caveira mexicana com elementos de sua personalidade e sensibilidade.	Caveira mexicana repleta de detalhes. Ela é preta e sombreada, e fora dela há duas rosas vermelhas (uma do lado superior direito do crânio, e outra no canto inferior esquerdo, ao lado da mandíbula). Em cima do crânio, tem uma flor, e dela saem alguns arabescos. Nas têmporas, há duas teias de aranha. Entre os olhos, há uma cruz egípcia (Ankh). Dentro do olho direito, tem um diamante, e no olho esquerdo, um coração	Esta tatuagem feita nas costas da participante e outra, na parte dianteira do corpo, têm a função de protegê-la.

<b>Imagem Descrita – C.A</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Cinco elementos da alquimia na mão direita, com a Estrela de Davi no dedão. Na mão esquerda, há o Ying/Yang no dedão, seguido pela Cruz Ankh, o Círculo Tríplice e a Cruz de Camargue.	Na mão direita, observamos os seguintes desenhos: a Estrela de Davi no dedão; um triângulo com um risco horizontal no meio no dedo indicador; um triângulo invertido no dedo médio; um triângulo invertido com um risco horizontal no dedo anelar; e um triângulo no dedo mindinho. Na mão esquerda: Ying/Yang no dedão; seguido pela Cruz de Camargue, o Círculo Celta, a Cruz Ankh; e um ponto preto no mindinho.	Os dorsos de suas mãos também são tatuados.

<b>Imagem Descrita – F.V</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Uma gueixa fumando um cigarrinho.	Gueixa sombreada, tatuada na lateral da panturrilha esquerda. Ela está vestida com um quimono. Na mão direita, carrega um leque aberto, enquanto o cigarro está na mão esquerda.	Relato de sessão de tatuagem muito longa, que não condiz com o tamanho e elaboração do desenho.

<b>Imagem Descrita – R.A</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Figura do diabo, três bolas com o número seis e dados, que representam o jogo.	Rosto grande e expressivo do diabo no braço direito, que se estende do ombro até o cotovelo. O rosto e as orelhas pontudas são vermelhos; o cabelo preto está penteado para trás, a sobrancelha é arqueada; o cavanhaque longo e preto remete a um bode. A boca está entreaberta, com os dentes à mostra, e, entre eles, há um charuto aceso. Os olhos verdes são bem saltados dos globos oculares. Duas bolas com o número seis estão de ambos os lados do cavanhaque, e a terceira está atrás da orelha. Na parte externa do braço, estão os dados verdes e os símbolos das cartas do baralho.	O rosto do diabo é muito semelhante ao seu.

<b>Imagem Descrita – V</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Tatuagem da morte, com algumas rosas para valorizar a vida. Desta forma, a imagem é um composto de vida e morte. Também há uma lua cheia atrás de alguns galhos secos.	A tatuagem está localizada no braço direito, entre o cotovelo e o ombro, tomando um pouco das costas. Nesta extensão, há um esqueleto (crânio, pescoço e tórax) coberto por uma capa preta. O esqueleto é branco e o interior da capa é vermelho. Este desenho está sobre uma rosa azul com folhas. Atrás do esqueleto, tem uma nuvem. Logo acima e atrás do braço, há uma rosa vermelha maior e folhas verdes. Atrás do ombro (saindo das costas), há uma lua amarela, entrecortada por quatro galhos secos de árvore. Um sombreado escuro envolve todo o desenho.	Em seu peito há um crânio, que dá continuidade ao desenho da morte.

<b>Imagem Descrita – R.Z</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Coruja em posição de ataque.	Pequena coruja sombreada de asas abertas.	R. tem cerca de 2 m de altura e não tem noção do seu tamanho e da proporção da tatuagem em seu corpo. Descreve a coruja como sendo grande, enquanto, na verdade, ela tem cerca de 10 cm de diâmetro. Também a descreve em posição de ataque, mas só a vejo de asas abertas. Para estar atacando algo, a coruja deveria ter um componente de agressividade que falta ao desenho.

<b>Imagem Descrita – R.N</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Coroa.	A coroa sombreada está localizada no braço direito, logo acima do cotovelo. Ela é coberta por pedras preciosas e, em seu topo, há uma cruz.	A princípio, fez apenas a coroa em seu braço, logo acima do cotovelo. Em seguida, preencheria toda essa extensão com desenhos aleatórios com o objetivo de tornar a tatuagem mais máscula, já que era alvo de chacota dos amigos, que falavam que apenas a coroa era uma imagem feminina.

<b>Imagem Descrita – F</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Pena.	Na parte externa do antebraço há uma pena sombreada, que parece ser duas, pois há duas pontas. Ela começa num bracelete ao redor do punho, e sobe até o cotovelo.	O desenho passa a impressão de duas penas sobrepostas.

<b>Imagem Descrita – M.G</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Quatro símbolos da mitologia grega que são importantes para ela: uma pomba, duas flechas, uma romã e uma coroa (que está na cabeça da pomba).	Na costela direita, logo abaixo da região dos seios e até o osso do quadril, observa-se um grande camafeu. Bem no centro, está a pomba, apoiada num galho com folhas. Em seu bico estão as duas flechas que se cruzam, e a pequena cora está na sua cabeça. A romã está na base. O desenho é todo sombreado.	Estes quatro símbolos estão inseridos dentro de um camafeu.

<b>Imagem Descrita - B.B</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Tatuagem maori com formas geométricas, com elementos pessoais, como o mar e o tubarão.	Inúmeras linhas geométricas (algumas apenas riscadas e outras preenchidas com sombreamento) que sobem através de um espiral. Estas linhas saem de seu cotovelo e vão ficando bem finas, até chegarem ao ombro. Neste local, ocorre a junção do tubarão (com os dentes bem afiados) com uma onda. Esta onda está em forma de tubo, logo, não se fecha. No fundo deste tubo, há um círculo sombreado que se assemelha a um sol.	O entrevistado tem 1,50 m de altura e tem a pele branca. Isto chamou a atenção, pois ao longo de toda a entrevista ele exaltou as características de força e bravura de um povo, que gostaria de ter para si. Quer se tornar um guerreiro maori, visto que todas as suas tatuagens são e serão com esta temática. Identifica-se e deseja tanto tais características que se descreveu como sendo uma pessoa morena, e, por isso, não faria tatuagens coloridas, já que elas não ficam bem em pessoas de pele escura. Em algumas falas, coloca-se como se fosse um integrante da tribo maori de fato.

<b>Imagem Descrita – C</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Anjo simples, sem alvoroço, como se fosse uma criança curvada com as mãos abertas. Delas, saem um foco de luz.	O desenho é sombreado e toma as costas por inteiro. Bem no centro, tem uma criança com bastante cabelo (que lembram os seus). Os olhos estão fechados e os cílios estão marcados em preto. Um pouco acima da lombar, as mãos estão entreabertas, mas os dedos estão dobrados para dentro. Não sei se é devido ao fato de a tatuagem estar incompleta, mas é muito difícil ver a extensão do corpo da criança. Em cima da cabeça da criança, há muito sombreado que se assemelha a nuvens e não a asas de anjo. Abaixo do pescoço, tem um céu estrelado e uma meia-lua cheia.	A criança/anjo tem as feições do entrevistado.

<b>Imagem Descrita – P</b>	<b>Imagem Observada</b>	<b>Observações da Pesquisadora</b>
Dragão chinês, que começa no tórax, vai para as costas, coxa e panturrilha.	Tomando a extensão completa das costas, há um dragão sinuoso. As escamas são azuis e, na lateral do corpo do dragão, há uma listra de escamas longas laranjas. Na lateral do corpo, perto do ombro e da região lombar esquerda, observam-se dois pares de garras, com três unhas pretas e pontudas nas pontas.	Tem outro dragão chinês, bem pequeno, tatuado no braço esquerdo.

A partir destas informações conseguimos observar, com clareza, a diferença entre a descrição de algumas imagens pelo participante versus a imagem observada pela pesquisadora. Além disso, os quadros contextualizaram a tatuagem escolhida no corpo do entrevistado, como por exemplo, a interação com outras imagens, que não foram mencionadas pelos participantes. Em alguns casos, a ocorrência de outras tatuagens próximas à escolhida para o estudo pode ampliar a compreensão da marca elegida, como foi o caso de R, que tatuou uma sereia invertida logo acima da imagem que homenageava o avô, e o de E.A, que possui uma tatuagem de um demônio oriental logo abaixo do Sagrado Coração de Jesus.

Também pudemos observar a semelhança entre as feições de algumas tatuagens com os rostos dos participantes. Todos estes dados foram de suma importância para o levantamento das categorias estudadas e análise do material apresentado.

### 7.3. Quadro Descritivo das Imagens

O quadro a seguir mostra as imagens que apareceram com mais frequência dentre as tatuagens escolhidas por cada participante. Vale ressaltar que, na maioria dos casos, a tatuagem foi composta por mais de dois desenhos.

<b>Imagem Religiosa</b>	<b>Imagem Mitológica</b>	<b>Imagem Geométrica</b>
Escrita religiosa Cruz Anjo Mandala Símbolos alquímicos Ying/Yang Estrela de Davi Mantra hindu Sagrado Coração de Jesus Terço	Sereia invertida (cabeça e tórax de peixe, ventre e pernas de mulher) Kraken Diabo Dragão Homem do tempo	Tribal maori
<b>Animal</b>	<b>Vegetal</b>	<b>Objetos</b>
Morcego Raposa Peixe Coruja Pena Cobra Pomba Libélula Joaninha Pássaro Tigre	Rosas vermelhas Algas marinhas Galhos secos Flores Fruta Folhas	Caravela Arca Camafeu Charuto Bracelete Bússola Arabescos Flechas Sapatos Balão Âncora
<b>Tema Oriental</b>	<b>Tema Relacionado à Morte</b>	<b>Pessoas</b>
Carpa Gueixa Escrita japonesa Dragão chinês	Carranca Caveira Fantasma Catrina Esqueleto	Lutador de boxe Marionete Criança Menina
<b>Astros</b>	<b>Elementos da Natureza</b>	<b>Elementos da Realeza</b>
Lua Nuvens Estrelas Nave espacial	Raios Oceano Fogo Tempestade Água Arco-íris	Coroa Símbolo da realeza francesa
<b>Escritos</b>	<b>Elementos de Jogo</b>	
Frases escritas Palavras escritas Elementos numéricos	Bolas de sinuca Dados Cartas de baralho	

Logo, podemos observar a predileção por tatuagens compostas de imagens religiosas, mitológicas, animais, objetos, além das temáticas relacionadas à morte e à natureza.

Tabelas 4 e 5 – Local do Corpo Onde está inserida a tatuagem escolhida

**Tabela 4 – Local da Tatuagem – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
Braços	7	46,67%
Costas	4	26,66%
Pernas	1	6,7%
Tórax	1	6,7%
Mãos	1	6,7%
Costela	1	6,7%

**Tabela 5 – Local da Tatuagem – Homens**

	Número de casos	% de casos
Braços	7	46,67%
Costas	4	26,66%
Pernas	3	20%
Grande área (costas/tórax/braços/pernas)	1	6,7%

As áreas do corpo onde mais frequentemente se localizaram as tatuagens escolhidas foram braços e costas, tanto para homens quanto para mulheres, totalizando 73.33% da amostra.

As mulheres possuíam tatuagens em locais mais expostos como mãos e tórax, e um homem possuía praticamente quase seu corpo inteiro tomado por apenas um desenho.

Um fator interessante trazido pelos entrevistados foi a questão da visibilidade da tatuagem, pois um desenho mais exposto pode promover o diálogo entre a imagem escolhida, a motivação para fazê-la e a elaboração do conteúdo despertado. Devido ao fato de estar visível, a tatuagem ativava a curiosidade de diversas pessoas, que muitas vezes indagavam ao tatuado sobre a história e a origem da imagem. Ao discorrer sobre ela, o indivíduo tatuado pode compartilhar seus sentimentos e, assim, abrir espaço para uma possível elaboração de conteúdos que até então também lhe eram desconhecidos, ocasionando um maior autoconhecimento:

*“Eu sempre fui meio resistente a fazer no braço. E quando eu fui falar da família, falei ‘vai ser no braço’ agora nossa, por que no braço? Talvez porque seja uma área que fique bem aparente, então era uma forma de também mostrar, uma forma de eu ver, uma forma de eu mostrar que isso estava acontecendo, acho que bem essa coisa de exteriorizar mesmo... nunca tinha parado pra pensar nisso.”(A.L).*

O contrário também aconteceu, pois quanto mais a escondida estivesse a tatuagem, menor seria o contato com a imagem:

*“Às vezes é estranho, às vezes eu esqueço que tenho tatuagem lá... às vezes eu nem lembro que eu tenho aqui em cima tatuado. Eu não vejo. Como você não vê. Às vezes, dá até*

susto. Às vezes eu vou comprar uma camiseta, eu tô no provador, aí eu viro as costas pra tirar a camiseta, eu olho assim ‘pô, você está aí, hein, tinha esquecido de você, cara, como está bonita’.”(C).

“Por mais que seja a única tatuagem que eu não veja, eu só vejo a ponta da asa dela aqui, mas ainda assim eu tenho a consciência de que ela está ali... Quando estou ali, sem camisa, no canto do olho, eu vejo uma pontinha preta. Não paro e fico me espelhando ‘ah, que lindo’, não. Não faço isso, entendeu? Mas eu tenho a consciência de que ela está ali”.(R.Z).

Tabelas 6 e 7 – Idade em que fez a tatuagem escolhida

**Tabela 6 – Idade em que fez a Tatuagem – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
18 a 25 anos	5	33,3%
26 a 30 anos	5	33,3%
31 a 35 anos	5	33,3%

**Tabela 7 – Idade em que fez a Tatuagem – Homens**

	Número de casos	% de casos
18 a 25 anos	5	33,3%
26 a 30 anos	5	33,3%
31 a 35 anos	5	33,3%

Estes dados nos mostraram, curiosamente, que as faixas etárias nas quais as tatuagens escolhidas foram realizadas foram absolutamente iguais para ambos os sexos e, portanto, a idade do evento não foi um fator relevante nesta pesquisa.

Tabelas 8 e 9 – Imagens Mais Frequentes

**Tabela 8 – Imagens Mais Frequentes – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Animal</b>	7	47%
<b>Vegetal</b>	6	40%
<b>Tema Relacionado à Morte</b>	4	27%
<b>Escrita</b>	3	20%
<b>Imagem Religiosa</b>	3	20%
<b>Imagem Mitológica</b>	2	13%
<b>Temática Oriental</b>	2	13%
<b>Elementos da Natureza</b>	2	13%
<b>Astros</b>	1	6%
<b>Pessoas</b>	1	6%
<b>Realeza</b>	1	6%

Obs: a tatuagem escolhida foi composta por mais de um desenho na maioria das participantes

**Tabela 9 – Imagens Mais Frequentes – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Imagem Mitológica</b>	7	47%
<b>Animal</b>	5	33%
<b>Tema Relacionado à Morte</b>	4	27%
<b>Escrita</b>	4	27%
<b>Vegetal</b>	3	20%
<b>Astros</b>	3	20%
<b>Temática Oriental</b>	3	20%
<b>Elementos da Natureza</b>	3	20%
<b>Imagem Religiosa</b>	3	20%
<b>Realeza</b>	2	13%
<b>Objetos</b>	1	6%
<b>Pessoas</b>	1	6%

Obs: a tatuagem escolhida foi composta por mais de um desenho na maioria dos participantes

Enquanto nas mulheres houve um predomínio de imagens de animais, flores e plantas, nos homens observaram-se uma frequência elevada de desenhos mitológicos, seguidos pelas imagens de animais e escritas.

Logo em seguida, notou-se que a temática de imagens relacionadas à morte teve uma alta frequência em ambos os sexos, cerca de 27%.

Tabelas 10 e 11 – Cores das Tatuagens

**Tabela 10 – Cores das Tatuagens – Mulheres**

	Número de Casos	% de Casos
<b>Desenhos Coloridos</b>	11	73%
<b>Desenhos Sombreados</b>	4	27%

**Tabela 11 – Cores das Tatuagens – Homens**

	Número de Casos	% de Casos
<b>Desenhos Coloridos</b>	8	53%
<b>Desenhos Sombreados</b>	7	47%

Observou-se a prevalência de desenhos coloridos, especialmente nas mulheres:

*“É, eu tenho algumas, mas eu gosto mais de coloridas. Essa aqui foi a primeira que eu fiz, mas a maioria é colorida porque eu gosto muito de cor.” (N)*

## 7.4. Resultado das Entrevistas

A partir das falas coletadas nas entrevistas, extraíram-se as categorias abaixo.

### Categoria 1: Percepção de Dor

Nesta categoria, foi incluída a percepção da dor relatada pelos entrevistados.

Tabelas 12 e 13 – Intensidade de Dor

**Tabela 12 – Intensidade de Dor – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
Baixa	7	47%
Média	2	13%
Alta	6	40%

**Tabela 13 – Intensidade de Dor – Homens**

	Número de casos	% de casos
Baixa	4	27%
Média	2	13%
Alta	9	60%

De acordo com estes dados, os homens relataram sentir mais dor do que as mulheres. A frequência de dor alta atingiu a marca de 60% entre eles, enquanto a maioria das mulheres disse sentir pouca dor (47%). Não podemos atribuir este fato ao local do corpo em que a tatuagem foi feita, pois nos dois grupos, as regiões escolhidas pelos participantes foram semelhantes (braços e costas foram as áreas escolhidas por 73,33% dos entrevistados).

Porém, ao analisarmos profundamente esta categoria, notamos que a percepção da dor foi singular para cada sujeito. Fatores como o momento de vida que atravessavam, o significado atribuído ao desenho, o papel da dor no processo da tatuagem e o tempo da sessão da tatuagem influenciaram diretamente na intensidade relatada. Os exemplos abaixo ilustram esta questão:

A.L e F.C eram um casal que perderam seu filho aos oito meses de gestação. Durante o processo de luto, fizeram algumas tatuagens. Ambos relataram sentir pouca dor física, já que estavam submersos na dor da perda:

*“Então, você sabe que eu nem me lembro tanto da dor, eu não sei se o traço dele foi mais fino ou se eu estava tão envolvida com essa dor do luto, do meu filho, da perda, que essa dor da tatuagem nem foi tão... Então, eu acho que realmente a dor estava muito mais na alma naquele momento do que no corpo, então realmente não lembro, não marcou, a dor física não ficou marcada.” (A.L).*

*“Esse dia, por incrível que pareça, não doeu tanto, nesse dia. Eu estava em outra... Em outro sentimento, queria muito fazer ela, então, eu nem senti tanto, mas nas outras foi muita dor.” (F.C).*

Além disso, a dor física parece auxiliar no contato com a dor emocional e na sua elaboração:

*“Então, foi uma forma de eu colocar essa dor mesmo, de enxergar... Então, eu acho que foi uma forma tipo ‘desenha essa dor’, desenha o que você está vivendo para entrar em contato porque daí eu olho, consigo, eu falo, não fica tão no plano da mente, só ali do lembrando da gestação, lembrando do rostinho quando nasceu. Não, está ali.*

*Mas eu acho que essa dor mesmo, foi uma forma de eu expressar todo esse turbilhão que eu estava vivendo ali.*

*Acho que foi concretizar mesmo, você rabiscar para sentir essa dor física, para dividir com a dor da alma.”(A.L).*

Para outros, a sensação de atravessar a dor física assemelhou-se a comportamentos automutilantes, pois somente através dela o sujeito conseguiu externar sua dor emocional, mas sem elaborá-la:

*“Tenho bastante tolerância à dor física sim. Eu sempre tive essa ideia de que a dor física é passageira, tipo, vai lá e passa... Até porque tem a dor emocional. A dor emocional dura muito mais, então eu me preocupo muito mais com a dor emocional do que com a dor física.*

*Mas eu sempre tive essa ideia de que a dor física dá e passa e a dor emocional é uma coisa mais difícil de passar, então, de certa forma, relacionar a dor física com a dor emocional me fez perceber que a dor, ela passa sabe? Transferir a dor emocional para a dor física, eu consigo sentir um controle maior, assim, sobre a dor que eu estou sentindo, assim. É um controle de saber que eu vou passar a pomada, que eu vou cuidar da tatuagem e que essa dor, esse doloridinho vai passar. E aí, uma coisa é lembrar que dor emocional também passa, uma hora passa, só precisa fazer as coisas do jeito que devem ser feitas para essa dor diminuir, ou passar de vez.”(W).*

Esta participante narrou uma maneira de lidar de forma concreta com a sua dor emocional ao transformá-la em dor física durante o processo de realização da tatuagem. Porém, esta atitude foi semelhante a um comportamento automutilante, pois a ferida causada possibilitou que a jovem sentisse a dor literalmente em seu corpo, mas interrompeu o processo neste momento. Conforme veremos nas próximas páginas, ela ainda não conseguiu

elaborar os conflitos que geraram sua dor emocional e se encontra presa a estes conteúdos, pois são inconscientes.

O relato de um jovem rapaz, menos grave, também trouxe a questão da dor associada à automutilação:

*“Nesse caso, essa aqui foi, porque eu tinha me separado, levado um pé na bunda, filho. Então falei: ‘meu, quero... eu preciso me esfolar, sentir um pouco de dor’. Naquelas quatro horas, que ele fez o antebraço aqui. Funcionou, mas eu saí de lá, não...”* (R.N).

O tempo de sessão da tatuagem e a extensão do desenho também foram fatores trazidos por alguns entrevistados:

*“O problema da dor, na verdade, é a duração. Você começa a sentir que está passando pelo mesmo lugar que já está machucado. Essa é a pior parte. Vai ficando meio que mais difícil de ignorar.”* (G).

*“Hoje em dia eles não tatuam tanto tempo assim, direto, as sessões são mais curtas. Naquela época era ‘vamos até onde aguentar’. Aí eu falei ‘ah, vai lá’.”* (C.K).

*“Mas foi alguma coisa que eu senti, que eu até fiz uma interpretação, que tinha uma área muito grande no meu corpo... Porque assim, eu sempre associo a tatuagem, principalmente uma grande, como se fosse um ferimento de moto, assim, de você ter raspado. E aí, a minha sensação foi que toda essa parte das minhas costas estavam em carne viva.”*(E.C).

A dor causada pela tatuagem também teve o componente de sacrifício e força, pois sua perseverança e o significado do desenho estavam diretamente ligados ao sofrimento pelo qual o indivíduo estava disposto a passar:

*“Eu me lembro que às vezes, era um dia, um momento, uma fase da minha vida que eu estava sofrendo uma coisa especificamente. Não que eu fiz pra cessar o sofrimento, não foi nada disso. Mas eu achei que foi uma forma, assim, de você aguentar aquela dor física, era uma forma de você superar uma dor emocional – assim, sabe? – como se você... Então, nesse aspecto, eu acho um pouco terapêutico, assim. Eu acho que te deixa mais, faz você sentir mais resistente, sabe?.”* (N).

*“E tatuagem é uma melhoria no seu corpo, que você acredita que seja uma melhoria, por isso que você faz, é porque tem um significado, e porque você quer uma melhoria. Toda melhoria requer um sacrifício. E que o sacrifício não venha só na parte financeira, que é pagar pela tatuagem, e sim a dor e a marca que ela traz, entendeu?.”* (F.V).

“O foco é no resultado da coisa. Sabe? Você... é difícil e você supera e você consegue, porque você precisa e é da sua vontade. Acho que é mais ou menos comparando com esse sentimento, assim.” (D).

Por fim, mesmo diante da dor envolvida no processo, todos os participantes expressaram o desejo de adquirir mais tatuagens.

## **Categoria 2: Aumento da Autoestima**

Nesta categoria, observou-se que a tatuagem contribuiu para o aumento da autoestima em praticamente todos os participantes.

Tabelas 14 e 15 – Autoestima

	<b>Número de casos</b>	<b>% de casos</b>
<b>Aumento</b>	15	100%
<b>Diminuição</b>	-	-
<b>Não alterou</b>	-	-

	<b>Número de casos</b>	<b>% de casos</b>
<b>Aumento</b>	14	93%
<b>Diminuição</b>	-	-
<b>Não alterou</b>	1	7%

“A autoestima, eu acho que aumentou... é que você começa a ver o seu corpo de maneira diferente, você começa a enfeitar o seu corpo, você começa, sei lá ‘vou tirar uma foto, mas tem que aparecer a tatuagem’. Então, você vai começando a se enxergar, assim, de uma maneira diferente, vai começando a reparar mais em você. Tipo, parar no espelho e ficar reparando a composição. Então, eu acho que ajuda, bastante, na autoestima. Até porque, antes das tatuagens, eu não me sentia tão eu, quando eu me sinto hoje.” (M.R).

A tatuagem também propiciou um maior cuidado com o corpo:

“Depois que eu coloquei a tatuagem, eu me cuidei mais, esteticamente. Eu faço questão de fazer... como minha tatuagem, ela está localizada no meu bíceps, nunca deixei de fazer exercício para o bíceps, por exemplo, ou para o ombro. É uma coisa que eu gosto e acho que ficou, esteticamente, mais bonito em mim.” (B.B).

“Mexe com a autoestima... eu acho que fiquei mais confiante de ter mais olhares curiosos. Me deixa mais com melhor autoestima. E a questão de pensar o meu corpo, assim... Não sei se faz parte do processo, mas de uns tempos pra cá, que foi o período que eu mais tatuei, também foi o período em que eu mais me preocupei de fazer atividade física e correr

*mais regularmente. Antes eu era bem desleixado. Emagreci uns 15 quilos e fiz umas dez tatuagens... eu acho que eu nunca parei pra pensar nisso, mas eu acho que está implícito nisso, de pensar o meu corpo, de melhorar a imagem.” (R).*

*“Acho que cria um cuidado maior. Vou sair, vou passar creme na tatuagem, às vezes eu... tem um creme específico lá, que eu uso, que deixa ela bem brilhosa e tal. Eu gosto de cuidar. Passo protetor solar, faço tudo o que tem pra fazer.” (L.G).*

### **Categoria 3: Aumento do Sentimento de Atratividade**

Percepção de como a tatuagem influenciou no sentimento de atratividade dos sujeitos.

Tabelas 16 e 17 – Atratividade

**Tabela 16 – Atratividade – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Aumento</b>	14	93%
<b>Diminuição</b>	-	-
<b>Indiferença</b>	1	7%

**Tabela 17 – Atratividade – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Aumento</b>	10	67%
<b>Diminuição</b>	-	-
<b>Indiferença</b>	5	33%

De acordo com a maioria dos entrevistados, principalmente entre as mulheres, notou-se que a aquisição da tatuagem fez com que os participantes se sentissem mais atraentes:

*“E aí, quando a pessoa vai tirando a roupa, fica ‘nossa!’. Fica tão entretida com os desenhos e não sei o quê, que... Quando a pessoa olha pra mim, eu não fico pensando na minha barriga, na celulite, se estou branquela, ela fica tão encantada, você vê o encantamento no olhar da pessoa, não é? Você fica tão à vontade que você tem até um desempenho melhor, porque você não está ligando para essas travas e você não trava. E a pessoa ‘nossa, que lindo, não sei o que’. E aí, você se solta, né?” (C.O).*

Muitos tatuados sentiram-se mais atraídos por aqueles que também têm tatuagens:

*“Eu acho mulher de tatuagem mais interessante. É uma coisa como se tivesse uma história pra contar, acho bonito. Eu acho como se fosse um enfeite, enfim, acho bonito. Eu acho que ele mostra muito quem é a pessoa, esse tipo de coisa. Eu gosto da mesma forma em mim, então eu acho é muito essa... atração.” (E.A).*

*“Eu acredito que tatuagem, ela passa uma sensualidade. Eu acho que a tatuagem é um pouco sexy, eu acho que a tatuagem assim, tipo, ela... eu acho que ela acrescenta.” (E.C).*

#### **Categoria 4: Preconceito**

Essa categoria refere-se à ocorrência de preconceito direto, isto é, quando a pessoa se sente alvo de preconceitos e discriminação devido à sua aparência tatuada, e à percepção do preconceito, ou seja, quando constatava que sofrera um prejulgamento negativo devido à sua imagem.

Tabelas 18 e 19 – Preconceito sofrido

**Tabela 18 – Preconceito Sofrido – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Direto</b>	5	33.3%
<b>Percepção de Preconceito</b>	5	33.3%
<b>Não Houve</b>	5	33.3%

**Tabela 19 – Preconceito Sofrido – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Direto</b>	4	27%
<b>Percepção de Preconceito</b>	5	33%
<b>Não Houve</b>	6	40%

Os dados revelaram que cerca de 67% da amostra, tanto homens quanto mulheres, relataram a ocorrência de preconceito direto e a percepção do mesmo.

Um exemplo de preconceito direto foi relatado por uma entrevistada que não foi aprovada em uma entrevista de emprego:

*“Ela começou a ler aquilo que eu tinha escrito, ela falou ‘Você tem bastante experiência na área’. Eu falei ‘Tenho, trabalhei por 11 anos com educação infantil’. Os desenhos, ela falou ‘os desenhos eu analiso depois’. Mas bacana, e tal. E ela falou assim ‘Agora me responde uma coisa, esse seu visual... aqui, nós temos professoras tatuadas? Temos, poucas tatuagens, mas você acha que passa o quê para as crianças com esse corte de cabelo? Estas tatuagens, você não acha que de repente, esse corte de cabelo, as crianças não vão entender porque as mulheres tem que ter o corte longo?’” (B.M).*

*“Eu sofri um preconceito, agora que você tá perguntando, uma vez. Vendi um carro para um rapaz da igreja, um homem e tal, era presente para a filha. Programei a entrega para tal dia. Aí no sábado ele me ligou: ‘você tá na loja? Não consegui guardar o segredo pra minha filha. Posso chegar e mostrar o carro pra ela? Claro, vem! Eu te mostro o carro certinho’. E de sábado normalmente eu trabalho de camisa polo, então metade da minha tatuagem fica descoberta. E aí veio o cliente olhar o carro e a filha ficou toda feliz. E aí voltaram para a loja. ‘Ah, você tem tatuagem? Tenho. O que você tem?’ Ai eu mostrei ‘ah, legal, está bem’. E foi embora. Mandou e-mail pro meu gerente, ligou pro meu gerente,*

*mandou e-mail para a montadora dizendo que é inadmissível uma marca daquela... daquele nível, com uma cara como eu na empresa, que eu era uma pessoa que trazia o mal e que ele não gostaria que eu entregasse o carro pra filha dele.” (R.A).*

Quanto à percepção de preconceito:

*“Cheguei no dentista, no calor, fui de bicicleta, regata, bermuda e porta de vidro. Toquei a campainha, a mulher sentada olhou – onde eu estou, um exemplo – olha pra mim por cima da revista e voltou a ler. Tudo bem, era cliente – não tem obrigação nenhuma de atender pra mim. Até questão de segurança. Aí vem a secretária, recepcionista, me identifico e sento ali. Passa cinco minutos, toca a campainha, outra senhora. A mesma senhora que estava lendo a revista para o que está fazendo e abre a porta. Penso: ‘Nossa, meu Deus. É amiga, né?’. Dão bom dia, sentam do lado, chega a recepcionista e elas não se falam mais”.* (E.A).

Porém, os participantes que relataram não terem sofrido qualquer tipo de preconceito nem terem tido alguma percepção do mesmo foram unânimes em narrar que procuram não expor suas tatuagens devido ao receio de julgamentos negativos:

*“Porque tatuagem pequeninha é bonitinha, todo mundo acha lindo. Agora, tatuagem grande, um pouco mais agressiva, às vezes, assusta a pessoa, ou eles acham que você não é tão sério por isso. Então, eu não vou pagar pra ver.” (C.K).*

*“Eu gosto de ver, eu gosto que as pessoas vejam, mas eu preciso esconder no trabalho.” (M).*

*“Então, por exemplo, se eu vou atender alguém que eu percebo que é mais velho e tal, então... escondo um pouco mais o braço, mas assim, nada demais, uma camiseta de manga curta ao invés de uma regatinha super... super soltinha e super fininha, é uma coisa mais normal, um vestuário que não saia do normal.” (M.G).*

C.A é uma jovem que trabalhava na área da saúde, possuía as mãos tomadas por símbolos espiritualizados, e relatou nunca ter sofrido preconceitos de forma direta ou indireta, porém:

*“As recepcionistas da clínica me disseram: ‘você pode vir de saia se você quiser, de vestido’. Aí eu falei: ‘não, não posso, minhas pernas são tatuadas’ ‘ah, é? Você tem as pernas tatuadas também?’. Porque, eu sempre vou de calça, essas coisas, pra ficar mais arrumadinha também. E eu falei: ‘Eu tenho uma caveira aqui, tenho uma caveira aqui, tenho uma caveira aqui’. Só que é caveira, entendeu? Nas pernas, eu só tenho caveira, sabe? E essa daqui é bem aparente, bem colorida, que chama atenção, que ela pega do joelho até o*

*pé, é a Santa Morte, e eu tenho, tipo, então, é uma santa, que qualquer um, que mesmo que não seja religioso, católico, essas coisas, reconhece que é uma santa em formato de caveira, entendeu? Então, não é muito agradável as pessoas olharem às vezes... Eu acho que elas podem ficar um pouquinho desconfortáveis, assim, sabe? De... ‘caramba, mas será que toda acupunturista é desse jeito?’.”*

Outro dado interessante das entrevistas foi a procura pelos participantes por locais de emprego mais despojados, nos quais podiam expor suas tatuagens e estilo de vestimenta sem que houvesse maiores preocupações quanto a prejulgamento ou dúvida quanto à capacidade em exercer o trabalho:

*“Eu não me candidato a essas vagas (que exigem uma vestimenta mais formal), não é o que eu quero, entendeu? Eu poderia, eu até encararia, só que ia ter que ser, só que aí teria que ser um, eu procuro sempre, mesmo a minha roupa mais careta não vai ser careta, eu vou procurar uma loja mais moderninha dentro do social pra eu me vestir...” (J).*

*“E a questão do emprego também, na época que eu estava resolvendo o que eu ia ser da minha vida, eu também achava que isso pudesse atrapalhar. Até que eu tive consciência, tipo ‘Se algum lugar não quiser me aceitar, definitivamente não é um lugar onde eu deveria trabalhar também’. Então, já é um reforço para esse ambiente, não trabalho num lugar que não aceite isso.” (R).*

*“Hoje eu sou autônomo. Sempre andei de skate, pego onda e tal. Acho que eu não preciso mais me modelar pra me enquadrar num padrão X ou Y. Eu já fui, eu já estive lá, fazer a barba todo dia, andar de terno e gravata, ter um bom emprego, chegar no horário, tudo isso... Mas o lance de pôr camisa, de fechar até aqui por causa da tatuagem, não.” (R.N).*

Por fim, ainda nos dias atuais, percebeu-se a ocorrência de alguns estereótipos sobre os indivíduos com marcas corporais:

*“É, sempre rola aquele negócio de fetiche... sempre tem aquele negócio do fetiche, tem o estereótipo também, da mulher tatuada que é safada, que é promíscua, que não sei quê... é um machismo de todo dia que a gente tem que...” (M.R).*

*“Acho legal uma mulher tatuada. No homem, é mais normal. Externamente, acredito que é mal vista, meio que mal vista, principalmente em entrevistas, enfim.” (B.B).*

*“Eu acho que é essa coisa meio de... algo exótica, né? Se bem que hoje em dia é tão comum ter tatuagem, né? Mas eu acho que chama atenção. Eu reparei, especialmente, entre pessoas alcoolizadas, faz muita diferença. Porque é assim, eu percebi que tem muita mulher,*

*pelo menos, em algumas ocasiões, que reprova, mas aí depois que começa a beber, começa a ficar assim ‘hummm, quanta coisa errada, eu adoro coisa errada!’.* Esse errado que antes era reprovado, agora...” (G).

### **Categoria 5: Arrependimento da Escolha da Imagem**

Esta categoria mostra a porcentagem de participantes que se arrependeram de terem realizado tatuagem.

Tabelas 20 e 21 – Arrependimento

**Tabela 20 – Arrependimento – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	9*	60%
<b>Não</b>	6	40%

\*em apenas dois casos trata-se da tatuagem escolhida para o estudo

**Tabela 21 – Arrependimento – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	3*	20%
<b>Não</b>	12	80%

\*em apenas um caso trata-se da tatuagem escolhida para o estudo

O índice de arrependimento foi consideravelmente maior em mulheres do que em homens, porém nenhum dos sujeitos relatou o desejo de retirar as imagens através de procedimento cirúrgico ou laser. Três pessoas, sendo duas mulheres e um homem, optaram por cobrir a imagem com outra tatuagem, enquanto os demais decidiram mantê-la mesmo assim.

Os fatores que levaram ao arrependimento da tatuagem escolhida para o estudo foram o aspecto feminino da imagem, para os homens, e a cobertura do nome do ex-namorado, para uma mulher:

*“Escolhi o desenho da tribal, foi feita. Escolhida, eu fiquei feliz na época, porém, pelo desenho ser associado a um desenho mais utilizado por mulheres, feminino, essa tatuagem me incomodava muito. Então, eu queria fazer depois uma tatuagem pra cobrir.”* (E.C).

*“Então, a tatuagem acabou deixando de fazer sentido naquele momento da minha vida. Eu olhava para o espelho e ‘hm, não tem mais a ver comigo’. Por não ter, mas fez até muito a ver com a minha história, mas não tem a ver com o agora, eu acho que eu posso virar essa página, e resolvi alguns anos depois, fazer essa cobertura.”* (F).

Geralmente, os fatores que levam ao arrependimento são a impulsividade e tatuagens feitas no período do final da adolescência que, segundo os participantes, perderam o significado com o passar dos anos.

### **Categoria 6: Fator Religioso**

Esta categoria mostra como as religiões dos participantes, e de seus familiares, influenciaram no processo de aquisição da tatuagem e nos desdobramentos subsequentes.

Tabelas 22 e 23 – Influência Religiosa

**Tabela 22 – Influência Religiosa – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	4*	27%
<b>Não</b>	11	73%

\*Umbanda, Evangélico, Espiritualista

**Tabela 23 – Influência Religiosa – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	6*	40%
<b>Não</b>	9	60%

\*Umbanda, Evangélico, Espiritualista

Estes dados mostram que os homens foram mais influenciados por aspectos religiosos do que as mulheres.

Entre eles, podemos observar escritos de cunho religioso, como em F.C, que tatuou um mantra hindu em homenagem ao filho falecido, e em E.C, que tem parte de uma oração católica logo acima da tatuagem escolhida para este estudo. E.A tatuou o Sagrado Coração de Jesus como um meio de eternizar os valores religiosos que compuseram algumas de suas características de personalidade e conduta moral. Já R.Z desenhou uma coruja, que representava seu ‘animal guia’, descoberto após uma experiência mística.

C.A cobriu todos os dedos das mãos com elementos relacionados a espiritualidade e religião, pois, segundo ela, representavam sua crença e estão de acordo com seu trabalho.

Os participantes que seguem as religiões Evangélica e Umbandista apresentaram um discurso semelhante, no qual a tatuagem era uma profanação do corpo, mas a forma de lidar com ela foi diferente para cada crença.

Segundo a fala dos participantes da religião da Umbanda, foi necessário pedir uma autorização para seu guia, caso contrário, o sujeito pode ser punido por essa desobediência. Esta religião prega o conceito do livre-arbítrio, sendo o sujeito livre para fazer suas escolhas, desde que arque com as consequências de cada ato. De acordo com esta crença, a tatuagem

forma uma ferida no perispírito. Desta forma, a pessoa tatuada não está apenas marcando sua pele, como também parte de seu espírito. Todo o cuidado com a tatuagem (que envolve autorização do guia espiritual e consequências do livre-arbítrio) não era pouca, pois ela funciona como um portal para outras dimensões:

*“Então, a que mais me marcou... era uma... acho que era uma gira de preto velho que salvo... que salvo engano que o cara me disse assim ‘cada coisa que você marca na sua pele é um portal, toma cuidado como se passa por isso’. Ele falou ‘quando você... marcar a pele sempre foi um ato de magia, então você precisa ter, você precisa estar bem’ o que ele falou é ‘se você não sabe os significados’ é... como é que ele falou? ‘Os outros podem usar isso contra você, então esteja sempre meio que certo dos seus porquês e das suas coisas porque aí você está usando essa magia a seu favor, e ele não permite que as pessoas encontrem você’. De uma forma, isso me pegou, assim...” (G).*

*“Essa marca fica gravada no teu perispírito. Que essa marca fica gravada no teu espírito... A tatuagem no Orixá que não permite modificação no teu corpo, significa que você está marcando aquele pedaço, aquele pedaço que fica é uma chaga. Ele fica aberto energeticamente e o Orixá não pode proteger, não consegue. Então, é uma porta de entrada para que... Então o trabalho fecharia pra algo negativo não entrar.” (P).*

A religião Evangélica apresentou uma forte influência indireta para os sujeitos tatuados. Embora não sejam praticantes desta crença, foram criados de acordo com estes preceitos, os quais pregam que as marcas corporais são uma forma de macular o corpo e ofender a Deus. Sendo assim, mesmo distanciadas da religião de origem, estas pessoas sofreram com a enorme culpa e o medo de expor suas tatuagens:

*“Eu cheguei a fazer uma viagem com a minha mãe, em um grupo também religioso, fui para Israel, Jordânia... e aí teve uma situação que era pra entrar no Mar Morto e tirar a roupa, tal, e o pessoal dava um mergulho e eu: ‘Não, não, não’, e tal, eu fugia de todas as situações que eram expostas para poder evitar situações como essa... Eles acreditam que seu corpo é o templo de Deus e que qualquer coisa que você faça e que... Eles até usam uma palavra forte, macule, que de repente, se torne impuro, ou de repente, que você faça uma manifestação artística e tal nesse templo de Deus seria um, eu não sei se a palavra certa é pecado, mas seria uma coisa meio pesada, sabe?... É uma ofensa, um desrespeito.” (E.C).*

*“Na verdade, minha mãe é Testemunha de Jeová, desde que eu engravidei, ela se converteu naquela época. Então, para ela isso é coisa de... Isso é pecado, isso é... ela fala que o corpo é um templo e que a gente devia cuidar e que isso o que eu estou fazendo é profanar*

*o templo. Aí, eu falo pra ela 'Pra mim, é decorar o templo, então'. Falei 'Tudo é uma questão de visão'. Ela falou 'Mas você passa por um processo de machucar o seu corpo para poder fazer isso'. Eu falei 'Sim, mas tudo machuca nessa vida, a gente tem dor de crescimento'. Não é? A gente passar por umas situações de dor na vida pra amadurecer... Eu falei, ela fez umas cirurgias pra melhorar o corpo, um pouco antes dela se converter. Eu falei 'Você fez isso pra se sentir melhor. Porque não fazer isso também, né?'.” (C.O).*

### **Categoria 7: Independência Financeira**

Esta categoria mostra o quanto a independência financeira auxiliou no processo de aquisição de tatuagem.

Tabelas 24 e 25 – Influência Financeira na Aquisição da Tatuagem

**Tabela 24 – Influência Financeira na Aquisição da Tatuagem – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	8	53%
<b>Não</b>	7	47%

**Tabela 25 – Influência Financeira na Aquisição da Tatuagem – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Sim</b>	3	20%
<b>Não</b>	12	80%

Esta categoria mostra que a autonomia financeira teve uma importância fundamental, principalmente para as mulheres, na aquisição da tatuagem:

*“Aí, quando eu fiz 18 anos, eu estava trabalhando, eu tinha o meu dinheiro, não precisava pedir permissão, então eu fui lá e fiz.” (W).*

*“De fato, eu acabei ficando com um pouco mais de dinheiro e não só um pouco mais, porque eu ainda tenho certa dependência, assim, de alguma ajuda. De fato, eu estar com o meu marido, também, o meu marido é mais velho, ele paga a maior parte das contas, enfim, tem toda essa questão. Mas, de fato, tem um dinheiro que sobra aí, que junto, que eu fui fazendo as minhas tatuagens. Então, me deu mais autonomia, nesse sentido, porque antes, eu acho que pegaria, sim, mais mal eu ter feito várias tatuagens quando eu estava com meus pais e, provavelmente, isso não seria possível, porque meu pai teria pegado muito no meu pé.” (N).*

Enquanto para alguns homens:

*“Quando comecei a gostar de tatuagem, falei que me prepararia para isso: ter meu dinheiro, poder ir até lá e voltar, com as minhas próprias pernas. Ser responsável daquilo.”*  
(E.A).

### **Categoria 8: Momento de Vida em que Realizou a Tatuagem Escolhida**

Esta categoria mostra o momento de vida que cada participante atravessava ao realizar sua tatuagem.

Tabelas 26 e 27 – Momento de Vida em que Realizou a Tatuagem

**Tabela 26 – Momento de Vida em que Realizou a Tatuagem – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Instabilidade Emocional*</b>	10	66.67%
<b>Momento bom e tranquilo</b>	3	20%
<b>Luto/Doença</b>	2	13.3%

\*Momento permeado por angústia e conflitos

Obs: Foram computados vários momentos de vida para a aquisição de uma mesma tatuagem

**Tabela 27 – Momento da Vida em que Realizou a Tatuagem – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Momento bom e tranquilo</b>	8	53.3%
<b>Luto/Doença</b>	6	40%
<b>Transformações e Rupturas</b>	1	6.6%

Obs: Foram computados vários momentos de vida para a aquisição de uma mesma tatuagem

O quesito instabilidade emocional, presente no grupo feminino, englobou um conjunto de fatores como a presença de angústia, conflitos emocionais, término de relacionamento, crise profissional, tristeza e sensação de incerteza frente ao rumo que suas vidas estavam tomando.

Logo em seguida, 20% das mulheres da amostra disseram estar em um momento bom e tranquilo, pois estavam em novos empregos, conseguiram estabilidade financeira e saíram de relacionamentos abusivos.

Já os homens relataram que fizeram suas marcas em momentos bons e tranquilos de suas vidas, como estabilidade profissional, por exemplo.

O quesito Luto/doença foi um momento significativo em ambas as amostras, com incidência mais alta, 40%, no grupo masculino.

### **Categoria 9: Motivação Para Aquisição da Tatuagem Escolhida**

As seguintes tabelas mostram quais foram os fatores motivacionais que levaram os pesquisados a realizarem a tatuagem de escolha.

Tabelas 28 e 29 – Motivação

**Tabela 28 – Motivação – Mulheres**

	<b>Número de casos</b>	<b>% de casos</b>
<b>Identificação e gosto pela imagem</b>	7	47%
<b>Autonomia e apropriação de si mesma</b>	6	40%
<b>Luto</b>	1	6.6%
<b>Cobertura</b>	1	6.6%

**Tabela 29 – Motivação – Homens**

	<b>Número de casos</b>	<b>% de casos</b>
<b>Autoafirmação</b>	6	40%
<b>Identificação com a imagem</b>	4	27%
<b>Homenagem/Luto</b>	4	27%
<b>Cobertura</b>	1	6.6%

Cada tópico desta categoria foi extremamente subjetivo para cada sujeito, e as diferentes motivações foram aproximadas devido ao grau de semelhança presente nos relatos.

Para que o leitor possa compreendê-los com mais clareza, segue a elucidação de alguns:

- identificação e gosto pela imagem: a tatuagem foi realizada após o participante sentir-se identificado com a figura em si, e/ou com aquilo que ela representava, além do gosto e interesse pessoal que a imagem lhe despertou;
- autonomia e apropriação de si mesma: quesito presente no grupo feminino, que indicou que a tatuagem foi realizada após o término de um relacionamento abusivo. Com isto, as mulheres se sentiram libertas de uma relação na qual não conseguiam desenvolver suas habilidades, e resgataram suas características, até então inconscientes, de força, persistência e amor-próprio. Este quesito também foi composto por relatos de valorização de si após eventos positivos;
- autoafirmação: necessidade de se tatuar para provar para si mesmo o quanto alguns valores, aspectos de personalidade, crenças, lhes são importantes. A autoafirmação também funcionou como uma forma de se colocar no mundo de um modo impositivo. De acordo com os relatos, isso se fez necessário devido aos embates presentes nas relações que, caso não se comportassem de tal maneira, os sujeitos sofreriam o alto risco de se verem tragados por conflitos e adversidades.

A motivação mais presente no relato do grupo feminino foi a identificação e o gosto pela imagem, como é o caso da participante W, que gostou tanto do desenho que ela mesma fez, que optou por tatuá-lo na própria pele.

Para N: *“... eu me vi naquilo, sabe? Porque é quase como se tivesse uma extensão da sua personalidade, uma duplicidade, sei lá..”*

A imagem da caveira, com as cavidades oculares ocupadas por um coração e um diamante, reflete a personalidade de B.M: *“A minha imagem é muito forte, mas a minha essência, eu sou sensível..”*

Há casos em que a identificação com a imagem ainda se encontra no plano inconsciente. Ao discorrer sobre a gueixa, L.G falava sobre si mesma, embora não tivesse percebido o ocorrido. Através da identificação, ficou nítido o quanto ela e a gueixa possuem uma clara divisão entre o seu mundo interior e o exterior:

*“O que eu sou por dentro, talvez só eu conheça, agora, o meu estereótipo, aí você pode pensar o que você quiser. Então a gueixa, pra mim, ela significa bem isso. É aquela mulher que você não vê por trás da roupa, tem toda aquela beleza e por dentro você não sabe, exatamente, o que ela pensa, é um mistério”.*

Já o relato de C.K descreveu a autonomia e apropriação de si após o término de um relacionamento abusivo: *“Ele não deixava eu fazer nada, eu era louca para me tatuar e ele achava horrível, eu queria fazer uma tatuagem grande e ele não admitia que eu fizesse. E aí, quando eu terminei com ele, foi a primeira coisa que eu fiz!”.*

A motivação ocasionada pelo luto se fez presente no relato de uma participante que perdeu seu filho aos oito meses de gestação, porém, trata-se de um caso bastante comovente e peculiar, já que ela teve o desejo de tatuar uma imagem relacionada à morte antes mesmo de engravidar:

*“Era um momento muito delicado ali que eu estava passando, eu estava vivendo muito forte esse luto... sabe, você fala assim: ‘gente, que sincronicidade? Como é que eu escolhi um símbolo pra colocar na minha pele?’ antes de tudo, quando eu estava grávida eu já falei ‘eu vou fazer a família de libélulas’. Ele falecer. Eu faço a família de libélulas e depois eu venho a descobrir que a libélula é o símbolo do luto?... Eu falei, sabe assim ‘como que o universo é muito...’, sabe? Como é que o meu inconsciente já mandou um símbolo antes de tudo?”(A.L).*

A cobertura de uma tatuagem antiga foi a motivação de F:

*“Então, assim, é a questão que me fez, de apagar, é realmente porque eu entendi a minha história... O ano passado, a minha história na Inglaterra ficou muito pequena... E de*

*lá pra cá acabou se tornando só mais um... só uma coisa na minha vida. Então, quando eu olhei, lembro que eu me vi no espelho e vi que a força que me fez tatuar não estava mais ali... o meu sentir é que ela não fazia mais sentido”.*

Esta participante escolheu um símbolo que remetia a recordações da infância no campo, com seus ancestrais, para cobrir a marca que havia perdido o sentido. Como motivação secundária, a retomada de vínculos com os familiares ocorreu após a participante atravessar um processo de luto, seguido por três perdas significativas: *“E me fez falta tudo aquilo que quando voltei para mim era como se tivesse regressado à minha infância, aquela... Isso foi muito normal, normalmente a gente se divorcia, a tua referência de vida, de onde você vai começar, é o estágio anterior ao atual... eu retomei muito o contato com a minha própria família, com primos, tios”.*

No grupo masculino observamos a prevalência do quesito autoafirmação, em que os participantes foram motivados a se tatuar com o objetivo de afirmar suas convicções e características pessoais.

A homenagem a um ente querido falecido apareceu nos relatos de quatro participantes, em especial no caso de R, que tatuou o bisavô como um lutador de boxe: *“Mas é só pela questão dele ser o patriarca da família da minha mãe. Então, que ele veio sozinho, e construiu toda a família dele muito jovem. Tipo, eu acho que ele veio com 17 anos, então, é mais essa questão assim de... a minha idealização do meu avô, bisavô, quando ele chegou”.*

F.C homenageou o filho com um mantra indiano que costumava ouvir com a esposa durante a gravidez, enquanto meditavam: *“A gente esquece do rostinho. Outro dia eu estava pensando no rostinho dele que foi tão rápido, mas dá uma lembrança, assim, mas foi tão rápido que a gente não marca muita coisa e com essa tatuagem eu acho que ele fica bem presente comigo..*

Em algumas situações, observou-se a junção de dois ou mais quesitos, como foi o caso de G, que foi motivado a fazer sua tatuagem devido a um impulso e também por identificação, já que ela expressava e representava o que sentia e o momento de vida que atravessava.

Para E.C, a cobertura de um antigo desenho e a necessidade de criar uma identidade própria foram os fatores que o levaram a realizar a tatuagem. Com o intuito de se libertar de uma imagem que não condizia consigo mesmo, fez uma tatuagem para tentar se livrar da persona de bom moço que sempre o acompanhou. Porém o desenho ficou com aspectos femininos e, assim, cobriu-o com outro, com características mais viris.

Como parte do processo de elaboração do luto e ressignificação da maneira com a qual conduziu sua vida, D construiu sua tatuagem durante a fase crônica de adoecimento da mãe e de sua morte:

*“Superação, totalmente, totalmente. Eu acho que eu já fiz... eu já fiz ela pensando em como eu poderia me sentir depois, quando eu olhasse para trás e fazer meio que um resumo de tudo o que me levou a fazê elas. Então eu acho que sim, é um lance de superação, de lembrança, de avaliar o que eu aprendi com tudo isso também, e como lidei com tudo isso, como as coisas são agora..*

Da mesma forma, V tatuou-se após a perda de uma tia:

*“Eu quis tatuar a morte por simples objetivo de valorizar a vida”.*

### **Categoria 10: Repercussão na Vida do Indivíduo Após a Realização da Tatuagem**

Os seguintes dados mostram como a aquisição da tatuagem repercutiu na vida de cada participante.

Tabelas 30 e 31 – Repercussão

**Tabela 30 – Repercussão – Mulheres**

	Número de casos	% de casos
<b>Autoconhecimento</b>	6	40%
<b>Identidade</b>	6	40%
<b>Autonomia</b>	4	27%
<b>Melhora na relação com o corpo</b>	3	20%
<b>Rito de passagem</b>	2	13%
<b>Melhora no relacionamento pessoal e social</b>	2	13%
<b>Elaboração de luto</b>	1	6.6%
<b>Enfrentamento da dor física</b>	1	6.6%
<b>Conexão com a dor emocional</b>	1	6.6%
<b>Proteção</b>	1	6.6%

Obs: Foram computadas mais de uma repercussão para a mesma tatuagem

**Tabela 31 – Repercussão – Homens**

	Número de casos	% de casos
<b>Autoconhecimento</b>	7	47%
<b>Rito de Passagem</b>	6	40%
<b>Identidade</b>	5	33%
<b>Maior cuidado com o corpo</b>	2	13%
<b>Autoafirmação</b>	2	13%
<b>Elaboração de luto</b>	2	13%
<b>Proteção</b>	2	13%
<b>Confiança</b>	1	6.6%
<b>Déficit nas relações sociais</b>	1	6.6%

Obs: Foram computadas mais de uma repercussão para a mesma tatuagem

A maneira como a tatuagem repercutiu na vida do indivíduo foi diferente para os dois grupos, tendo como ponto em comum, e de extrema importância, o autoconhecimento. Com exceção de apenas um participante, notamos que a tatuagem teve uma repercussão positiva para todos os entrevistados. Através dos dados expostos nas tabelas, pudemos observar que uma mesma tatuagem propiciou inúmeros desdobramentos na vida de cada participante.

O quesito autonomia indicou que a tatuagem auxiliou no resgate da identidade e da independência das mulheres após terem vivenciado experiências de intenso conflito emocional, que beiraram o autoabandono, tanto físico quanto psíquico.

Já o quesito identidade estava diretamente relacionado à noção de *eu*, pois após a realização da tatuagem, algumas participantes relataram que a imagem corporal estava condizente com suas características de personalidade:

*“Então, você vai começando a se enxergar, assim, de uma maneira diferente, vai começando a reparar mais em você. Tipo, parar no espelho e ficar observando a composição. Então, acho que ajuda, bastante, na autoestima. Até porque, antes das tatuagens, eu não me sentia tão eu, quanto eu me sinto hoje.”* (M.R).

A aquisição da tatuagem gerou mudanças na forma de lidar e cuidar do próprio corpo:

*“Acho que a tatuagem tem muito a ver com esse cuidado, assim de... dói pra cacete, no começo, mas, depois você tem esse cuidado. E aí eu comecei a usar regata, mesmo, assim, sem problema, depois que eu fiz as tatuagens. Eu comecei a ter uma relação diferente com o meu corpo, na verdade, assim.”* (C.O).

*“Um cuidado maior, é. Acho que cria um cuidado maior. Vou sair, vou passar creme na tatuagem, às vezes eu... tem um creme em específico lá, que eu uso, que deixa ela bem brilhosa e tal. Eu gosto de cuidar. Passo protetor solar, faço tudo o que tem para fazer.”* (L.G).

Devido ao fato de suas marcas corporais chamarem a atenção, algumas participantes eram constantemente abordadas por estranhos, que tinham interesse em saber um pouco mais sobre a história de suas tatuagens, queriam indicações de tatuadores e sanar dúvidas das mais diversas ordens. Isto teve um efeito positivo, pois estas mulheres, até então muito tímidas, foram impelidas à extroversão:

*“Antes, quando eu era mais nova, eu não conseguia ir pedir um pão na padaria, eu tinha muita vergonha, uma vergonha extrema. Eu acho que depois das tatuagens, as pessoas chegam mais, vem falar mais com você, puxam mais assunto e aí você acaba se acostumando*

com isso, ao contato com as pessoas, e vai se desinibindo. Então, talvez, tenha ajudado nisso.” (M.R).

“Então, a maioria das vezes eu estou lá, então... fora do... de eu trabalhar com isso, com essas coisas que eu acredito que... querendo ou não, na acupuntura, a gente tem que tem esse conhecimento, além da anatomia do corpo e todas essas coisas, é algo que as pessoas veem primeiro. Então, quem não me conhece lá ainda e passa a primeira vez comigo, fica curioso e pergunta. E eu explico. ‘Ah, o que significa tal coisa?’ e eu explico não sei o quê, não sei que lá. E isso às vezes é até bom porque é uma abertura de uma conversa um pouquinho mais profunda com o paciente.” (C.A).

Por rito de passagem, compreende-se o fato de a tatuagem poder ser a representação do divisor de águas na vida do entrevistado, ou ser um componente de extrema importância, que o auxiliou em um período de mudanças importantes em sua vida:

“Eu acho que a tatuagem me ajudou a passar por esse processo, na verdade... Então, foi uma forma de eu colocar essa dor mesmo, de enxergar. Eu lembro até de uma aula em que falavam do atendimento com criança, quando a criança começa a ter pesadelo, que você fala ‘desenha o monstro para você enxergar’. Então eu acho que foi uma forma tipo ‘desenha essa dor’, desenha o que você está vivendo para entrar em contato porque daí eu olho, consigo, eu falo, não fica tão no plano da mente, só ali do lembrando da gestação, do lembrando do rostinho quando nasceu. Não, está ali... Eu precisei puxar pra um concreto assim, trazer.” (A.L).

“Ah, a tatuagem foi numa época de mudança na minha vida também. Eu acho que tem a ver um pouco com o de ser livre assim, poder fazer o que você quiser, ter dinheiro, estar com a sua vida em paz, assim... Eu sempre tenho dúvida, quem não? Mas eu acho que eu comecei a acreditar mais em mim. Essa J vai estudar, a J pode fazer o que ela quiser, a J não tem que ficar dando satisfação pra ninguém.” (J).

“A tatuagem meio que deu uma corporificada numa força... é como uma coisa... eu falei do ritual... lembra, que era aquela coisa dos índios, dos guerreiros terem que comer o coração de alguém, de algum outro guerreiro, para sentirem coragem, ou para... sentir não, para acharem a coragem dentro de si. Eu acho que a tatuagem entra um pouco nisso, de você colocar no seu corpo uma coisa que você... que vai te ajudar a te dar força.” (M.G).

Com a tatuagem, a pessoa sentiu-se protegida frente às adversidades da vida cotidiana, no entanto, para uma participante, a dor física causada pela tatuagem a auxiliou a entrar em contato com sua dor emocional:

*“Mas eu sempre tive essa ideia de que dor física dá e passa e a dor emocional é uma coisa que é mais difícil de passar, então, de certa forma, relacionar a dor física com a dor emocional me faz perceber que a dor, ela, passa, sabe? Transferir a dor emocional para dor física, eu consigo sentir um controle maior, assim, sobre a dor que eu estou sentindo, assim... É, um controle assim, de saber que eu vou passar pomada, que eu vou cuidar da tatuagem e que essa dor, esse doloridinho vai passar. E aí, é uma coisa de lembrar que a dor emocional também passa, demora bastante, mas passa, uma hora passa, só precisa fazer as coisas do jeito que devem ser feitas para essa dor diminuir, ou passar de vez.” (W).*

A aquisição de tatuagem fez com que R e B.B aumentassem o cuidado estético com o próprio corpo. Enquanto o primeiro foi realizando mais tatuagens a partir do momento em que emagrecia e adotava hábitos mais saudáveis, o segundo buscou na atividade física um meio para tornear seus braços e deixar a tatuagem mais firme.

A tatuagem de F.C funcionou como uma forma de se manter conectado ao filho falecido, mesmo que imerso em muita culpa por medo de esquecê-lo:

*“É uma maneira de não esquecer do meu filho. Para ele ficar presente, tentar não esquecer dele... Deveria até pensar mais nele, às vezes, eu fico pensando como seria, então é uma maneira meio que pra não esquecer mesmo... Quando eu olho pra tatuagem não tem como eu não pensar nele”.*

A repercussão negativa ocorreu apenas com R.A que, ao tatuar o rosto do diabo vermelho fumando um charuto e símbolos que remetem aos jogos de azar, afastou algumas pessoas de seu convívio. Porém, para o participante, tal desdobramento talvez não seja necessariamente vivenciado como negativo, já que fez esta marca justamente com o propósito de chocar e impactar as pessoas.

Os quesitos rito de passagem e identidade apareceram correlacionados:

*“... a tatuagem foi esse divisor de águas, a de ter a minha identidade e poder me achar também... Tatuagem foi uma coisa que se eu fosse pela opinião da minha mãe, eu estaria com óculos, cabelo pra trás, calça até o umbigo – legal, né? E votando no PSDB.” (E.A).*

R.Z identificou-se com as características que atribuiu à coruja, como inteligência e sabedoria. A narrativa da imagem foi interessante, pois a descreveu de asas abertas, pronta para atacar e se defender de qualquer ameaça, já que, segundo ele: *“A melhor defesa é o ataque”*. Logo, com a coruja, sente-se protegido.

### **Categoria 11: Símbolos e Imagens Escolhidos**

Em meio aos discursos observados durante a realização das entrevistas, pudemos notar que alguns símbolos ainda estavam inconscientes para alguns participantes, refletindo conflitos não elaborados no campo da consciência, enquanto para outros, observamos que o símbolo que a imagem carrega apontava para o aumento do autoconhecimento.

Devido à diversidade de símbolos, imagens e desdobramentos na vida de cada participante, esta categoria não pôde ser colocada em uma tabela.

Durante a entrevista, W teve um *insight* no qual relacionou a dor causada pela tatuagem a uma forma de se conectar à sua dor emocional. A jovem tatuou alguns elementos que representavam o momento de vida que vinha atravessando há dez anos, e que a auxiliaram a expressar e enxergar as angústias do momento com mais clareza. A princípio, estes desenhos foram feitos em uma folha de papel para depois serem transformados em tatuagem. Porém, o que chamou a atenção neste caso, foi o fato de que a participante escolheu tatuar em si apenas imagens carregadas de conteúdos negativos, enquanto os desenhos com características positivas foram eliminados. Na tatuagem, W escolheu imagens como: uma menina (representação de si mesma) com as mãos atadas nas costas; um pote de ouro no final de um arco-íris, mas sem ouro dentro; um homem dos ventos que sopra as memórias, boas e ruins, para bem longe; tentáculos que a puxam para baixo; e por fim, a escrita com ‘a vida é só um sonho’. A dor física causada pela tatuagem fez com que se recordasse do sofrimento do passado e, ao cuidar do processo de cicatrização da ferida aberta, sentia que curava suas feridas internas. Porém, observou-se que a jovem apenas entrou em contato com suas dores de forma concreta, sem que houvesse uma elaboração dos conteúdos que a motivaram a se tatuar. Isto ficou nítido no decorrer da entrevista, pois podemos perceber com facilidade que todo o sofrimento e angústia do passado ainda estão presentes, mesmo decorrida uma década da realização do desenho, com tendência a se agravarem. Com frequência, ela se tatuava para se conectar a alguma dor, mas isso se deu apenas no plano concreto. Trata-se de um caso no qual a tatuagem teve um componente de automutilação, onde o sujeito se feriu para conseguir externar sua dor emocional. Porém, esta atitude é perigosa porque a jovem corre o risco de manter comportamentos automáticos autodestrutivos, pois sempre que a carga de sofrimento interno aumentar, ela poderá recorrer à autoflagelação para aliviar sua dor.

M desenhou um balão conectado a uma âncora por uma linha, e atribuiu à tatuagem sua coragem de encarar a dor física, já que é extremamente intolerante a ela. A garota relatou um relacionamento conflitivo com seus familiares e, hoje, o alicerce de sua vida está

projetado no atual namorado e na melhor amiga. O desenho, que pode ser visto como a representação dos opostos (balão x âncora) indicou a necessidade de integração de tais elementos ao encarar seus conflitos de forma direta. Ela tem dificuldade em abstrair, olhar para seus conteúdos interiores e elaborar suas questões. Além disso, este processo de aquisição de inúmeras tatuagens imersos em dor intensa e rituais para lidar com ela, pode indicar um comportamento autopunitivo, semelhante a uma automutilação:

*“Meu segredo foram três Dorflex, passei Emla<sup>8</sup> no braço, coloquei Salompas por cima também. E fiquei acho que uma meia hora que fiquei assistindo Sakura enquanto tatuava...Comecei a chorar, foi horrível. Tinha gente na minha casa e eles ficaram assustadíssimos”.*

Na imagem escolhida por N, a boca da mulher/adolescente estava costurada. A boneca, com a qual também se identificava, era uma marionete que estava atada à mulher através dos cabelos e fios bem sutis. Os fatores inconscientes deste desenho podem demonstrar a dificuldade que a jovem tem de falar e de se expressar de maneira mais autônoma e consciente. Embora se descrevesse como mulher, observamos, tanto na imagem quanto em sua postura diante da vida, o quanto ainda está fixada na fase da adolescência. Além de se identificar com a boneca, N a descreveu nesta imagem como sendo uma boneca, enquanto pudemos constatar que se tratava de uma criança marionete. A composição do desenho pode indicar que a dificuldade de crescer e se libertar do pai eram os fios delicados que uniam a marionete à adolescente, que se apresentava para o mundo ainda escondida, atrás de uma máscara.

Para L.G, a mulher oriental era portadora de inúmeras características femininas que admirava, e que tinha em si, embora não as reconhecesse. Através de seu discurso, percebeu-se a cisão entre tais conteúdos ainda inconscientes, pois tais qualidades tiveram de ser, e ainda são, fortemente reprimidas pela entrevistada. Ficou nítida a cisão entre masculino e feminino, com o predomínio do primeiro que, na consciência, atuou como um tirano, pois, para ser forte no mundo, reprimiu as características femininas que possuía, apresentando grande dificuldade em confiar no outro e estabelecer relações com vínculos duradouros. O agravante de tais comportamentos pode ser visto na extrema autocobrança e na rigidez de valores que acabou por desenvolver para si:

---

<sup>8</sup>Pomada anestésica

*“Eu tenho relacionamentos com outras pessoas, mas eu não gosto que elas invadam o meu espaço, que elas cuidem do que não é da conta delas. Então, eu nunca vou muito a fundo da minha relação...”*

Na associação livre, L.G descreveu a gueixa como magra e elegante. Vale ressaltar que após emagrecer e perder uma quantidade significativa de peso, a participante também se tornou magra e elegante, porém não se percebeu como portadora de todos os atributos conferidos à imagem. Além do mistério e das demais características, relatou que a gueixa escondia um sofrimento. Em seu caso, pudemos considerar o sofrimento como sendo a repressão do feminino que ainda estava submisso a um masculino tirano. Dessa forma, esta imagem enquanto representação de liberdade pode indicar o desejo de se tornar livre das expectativas e projeções alheias, mas assim como a gueixa, carrega o mistério da sua individualidade apenas para si mesma: *“O que interessa é o que eu tenho aqui dentro”*.

M.R relata não se sentir à vontade quando os homens a olhavam e a cobiçavam, mas usava roupas provocantes que abriam precedente para isto. Não gostava que as pessoas olhassem para seus seios, mas a enorme tatuagem estava ali e, além disso, usava decotes profundos para exibi-la. *“E no meu peito, que é a primeira coisa que as pessoas veem quando elas olham para mim. O que é meio estranho, mas tudo bem, acontece”*.

Contou que não tinha maldade nem malícia, mas sua imagem revelou o oposto. O cabelo, a forma como estava penteada, as roupas e decotes, deram a impressão de que sua imagem era detalhadamente construída e elaborada. Dessa forma, produziu a imagem de uma Lolita, menina meiga e delicada, que sabia como atizar o imaginário sexual do homem: *“...só que ele também é um animal esperto, ele sempre tem aquela malícia, e isso é uma coisa que eu acho que falta em mim, dessa parte da raposa”*.

Era possível que a imagem da raposa em um camafeu pudesse funcionar como um escudo, ou como um objeto que hipnotizava, pois quando nos deparávamos com M.R, esta tatuagem chamava a atenção, o que fazia com que desviássemos nosso olhar do seu e focássemos na imagem. Sendo assim, ela teria um ganho duplo: hipnotizava o outro, e se protegia deste mesmo olhar.

J associou os discos voadores a lembranças de uma infância feliz, família e acolhimento. Dessa forma, pode resgatar aspectos da criatividade e espontaneidade infantil e aplicá-los na vida adulta de forma positiva, pois esta força propulsora tirou-a da inércia e da prisão da submissão de um relacionamento abusivo. Também atribuiu ao disco voador a paixão e a curiosidade pelo desconhecido. Logo, imbuída de força, pode se lançar nesta

jornada rumo ao desconhecido que era conhecer a si mesma, descobrir e desenvolver inúmeras potencialidades que até então lhe eram desconhecidas.

C.K relatou que fez os escritos em japonês apenas por ter empatia pela cultura oriental, porém isto pode ter sido um indicativo de que tais características ainda lhe estivessem inconscientes (estavam presentes apenas externamente, ainda não as integrou enquanto dados próprios). Além disso, ainda é muito comum os tatuadores não saberem as traduções corretas das palavras escolhidas e acabarem tatuando palavras aleatórias.

Através do discurso de B.M, podemos supor que a sua necessidade constante de proteção expressa pelas tatuagens possa ser um recurso que utilizava para se defender de ataques preconceituosos (seja por sua imagem masculinizada, suas várias tatuagens e sua homossexualidade), e uma maneira de compensar sua sensibilidade e possível fragilidade interna: *“Eu sou muito, muito, muito difícil de chorar, mas é uma coisa que eu tenho desde pequeninha. Na verdade, a minha criação com o meu pai foi muito complicada em relação a isso, porque ele falava que chorar era uma marca de fraqueza, então, isso ficou na minha cabeça. Então, eu choro quando eu tô pra explodir”*.

Para F, a escolha da pena também foi feita após refletir sobre as suas próprias características de personalidade. Descreveu-se como sendo uma pessoa forte, porém muito impositiva, logo, a leveza da pena atuava como um chamado à sensibilidade, flexibilidade e calma para lidar com a diversidade de aspectos que a vida lhe trazia.

De longe, a entrevista de L.L foi a mais confusa de todas, pois teve dificuldade na escolha da tatuagem, falava sem parar e sem nexos, contava muitas histórias cuja veracidade era questionável, fazia uso recorrente de explicações espiritualistas às quais não estava conectada, o que tornava sua fala mais equivocada.

Muitas vezes, em seu discurso, foi difícil distinguir a fantasia da realidade. Por exemplo, contou que, ao voltar para os estudos após o divórcio (mais um caso de relacionamento abusivo), ela se deparou com um homem que tinha uma cobra tatuada no braço. Este homem, real ou não, tornou-se uma obsessão para a L.L, que, após este encontro, tatuou uma serpente nas costas. L descreveu um tórrido caso amoroso com Nox, o homem da cobra. Relatou que seu nome era o mesmo de um componente químico da tabela periódica. Contudo, no decorrer da entrevista, a pesquisadora teve dificuldade em perceber esse homem como sendo de fato real. Após investigação, constatou-se que Nox não era um elemento da tabela periódica, mas sim, o número de oxidação que indicava o número de elétrons que um átomo perde ou ganha para adquirir estabilidade química. Frente a tanta confusão entre o real

e o imaginário, a tatuagem de L pode representar, além do seu desabrochar feminino, uma estrutura concreta que a conectou com a realidade.

D construiu seu desenho em um momento de luto e desespero (doença e morte iminente da mãe) que teve como decorrência seu fortalecimento egóico.

*“É foda, mas já foi pior, hoje eu lido muito melhor com isso, sabe?... isso não se supera muito, a gente aprende a lidar, mas eu me sinto mais tranquilo pra pensar nisso, e para falar disso também, e para lembrar das coisas, eu acho que eu lembro muito das coisas positivas do que as negativas, porque os negativos pra mim não tem muito como consertar, já foi, passou, é isso aí e acabou, mas sim, cara, o que me vem à cabeça é sempre a minha mãe. Muito”.*

Neste contexto, observamos a transformação do jovem em homem. Em um primeiro momento, o menino, extremamente apavorado diante dos novos rumos que sua vida estava tomando, fugiu, literalmente, para outro país. No retorno, teve de enfrentar o monstro marinho e as adversidades de um mar tempestivo: retomou contato com o pai e com o irmão, procurou emprego e diminuiu o consumo excessivo de bebidas, que o ajudava a se manter anestesiado na realidade. De modo mais maduro e completo, D (caravela) conseguiu seguir com sua vida, sendo nutrido através da força de um ego mais estruturado (I won't give up / Eu não vou desistir), mesmo com as tempestades na superfície.

A imagem da carranca escolhida por G teve o intuito de erguer uma barreira entre si e as críticas que poderia vir a receber dos outros, principalmente dos familiares. Dessa forma, notou-se o componente de autoafirmação, pois ele se colocava no mundo de uma maneira impositiva. Não se tratava apenas de um posicionamento claro quanto às suas atitudes e à sua personalidade, mas sim, de um jeito de se autoafirmar, que tinha por finalidade se colocar no mundo sem ser massacrado por ele.

R tatuou o bisavô vestido com roupa de lutador de boxe, com o objetivo de homenageá-lo, porém muito perto desta tatuagem, logo acima, havia outro desenho. Segundo o rapaz, tratava-se de uma sereia invertida: cabeça e tórax de peixe e pernas de mulher. Assim que se deparou com a imagem na associação livre, comentou:

*“Eu acho engraçado a tatuagem é em cima. Parece que vai cagar na cabeça do meu bisavô... parece uma tatuagem de louco”.*

Esta interação, inconsciente para o rapaz, pode indicar raiva e descaso em relação ao bisavô e a tudo aquilo que ele representa.

Situação semelhante foi observada em E.A, que fez uma tatuagem de cunho religioso em homenagem a sua família (além de outras motivações), mas logo abaixo dela, tatuou a figura de um demônio oriental. Este par de opostos composto pelo Sagrado Coração de Jesus e pelo demônio oriental pode indicar a necessidade que o rapaz tinha de se diferenciar dos valores familiares e religiosos que pautaram sua infância e adolescência.

Um dos objetivos de E.C ao realizar sua tatuagem foi o de se desvencilhar, concretamente, da imagem de bom moço que carregava, porém notamos que não houve uma integração entre seus conteúdos internos e a imagem que quer transmitir. Notou-se claramente a cisão entre a imagem de bom moço e a do rapaz tatuado. Este último poderia ser alguém mais espontâneo e rebelde, mas o controle sobre si mesmo é tanto, que isso não chegou a acontecer, apenas ficou refém da cisão:

*“Aos finais de semana, quando eu estou com uma postura mais descontraída, de All Star, calça jeans, camiseta, aquela tatuagem, ela... Eu crio uma identidade com ela e eu me sinto bem com ela, porém quando eu estou em ambientes que eu sei que eu vou sentir algum certo de... ou preconceito ou às vezes nem preconceito, ou despertar a curiosidade, ou de repente que a pessoa faça algum tipo de rotulação, assim, daí eu fico mais cauteloso ao me expor”.*

Acreditava que a tatuagem atuava de maneira compensatória à sua conduta correta e conservadora:

*“Eu tenho a minha postura, às vezes, conservadora, um lado profissional que eu preservo muito, mas, ao mesmo tempo, eu tenho um lado meu que daí seria o meu lado pessoal que daí é pra dar uma equilibrada em tudo isso”.*

Porém, observamos que esta compensação estava cindida, pois um lado não conversava com o outro:

*“Eu gosto dela (tatuagem), de estar comigo, mas no final de semana, quando é o meu momento, talvez eu assumo um outro personagem, aí ela me incorpora”.* Neste ponto, pudemos notar para o fato de que é a tatuagem que o incorpora, não ele quem incorpora a tatuagem.

Notou-se que F.V tinha consciência apenas de parte de sua escolha. Observou-se que o desenho da gueixa, e as atribuições da mesma, era a projeção de sua alma. Presumiu-se que ainda não tinha consciência de sua extrema necessidade em servir e ser aceito pela mãe. A tatuagem pode ser uma tentativa concreta de mostrar para os outros o quanto era obediente e servil.

B.B projetou no povo da tribo Maori características de força física (altura e força muscular), bem como persistência e força psíquica, pois, de acordo com seu relato, os maoris não foram abatidos durante a colonização. Ao fazer um desenho maori, o entrevistado acreditava também ser o portador de toda a força física e psíquica pertencente a este povo. Identificou-se como sendo um guerreiro da tribo, algumas vezes utilizando a primeira pessoa do plural:

*“E o povo Maori foi o único que bateu de frente com as pessoas, e não importavam as armas com que eles vinham pra cima de nós”.*

Esta identificação também esteve presente quando falou sobre a cor de sua pele:

*“Eu preferi mais ela (a tatuagem) em preto e branco, porque a minha pele é mais morena”.*

Sua identificação com o povo admirado era tanta, que não percebia que se descrevia como sendo um integrante da tribo. Além disso, sua pele era branca, bem distinta da cor da pele dos maoris.

No caso de R.Z houve algumas controvérsias entre os dados trazidos pelo participante e as observações da pesquisadora. Em primeiro lugar, ele descreveu a coruja como grande e em posição de ataque, porém se observamos uma coruja de médio porte e de asas abertas, sem quaisquer vestígios de agressividade que conotem o ataque. Em segundo, disse que o desenho foi feito sem nenhum contorno, mas o desenho era bem delineado (não se tratava de uma tatuagem aquarelada). Finalmente, R.Z descreveu que a imagem foi feita na cor cinza/prateada, e que tais cores não existiam prontas para a realização da tatuagem. De acordo com seu relato, o desenho tornou-se cinza através da mistura da cor preta com o sangue do sujeito tatuado. Contudo, após investigação e estudo, constatou-se que tal afirmação não procede, pois nenhuma cor de tatuagem era feita desta forma. O que se observou nitidamente foi uma típica tatuagem sombreada.

Todos estes dados reforçaram o mito construído ao redor da coruja. Tudo indicou que a imagem estava envolta por uma intensa carga de dor e sofrimento para que ele pudesse ter a sensação de ela ser única e reforçar o sentido e o significado de sua escolha.

A tatuagem promoveu o aumento do autoconhecimento para um número significativo de participantes. Foi o quesito de maior porcentagem para os homens, e o segundo para as mulheres.

Para G, a imagem funcionou como um freio, como um processo de ancoragem em si. Ela atuou como um chamado à reflexão na medida em que, ao dialogar com ela, pode entrar

em contato com todos os elementos que a compunham subjetivamente. Constantemente visitava o passado, repensava sobre suas ações imprudentes, e procurava levar a vida de modo mais cauteloso e responsável.

Ao se deparar com o seu enigma e conversar com ele, G buscou o significado da imagem e elaborou alguns atos do passado, o que levou ao autoconhecimento. Foi interessante observar aqui a existência do símbolo vivo:

*“Eu vou descobrindo o porquê (da tatuagem) aos poucos... mas depois eu meio que vou ressignificando o negócio com o tempo, e eu chego a outras conclusões... A princípio ela se referia a uma coisa de toxidade, assim, tanto que eu pensei nisso num nível mais pessoal... umas experiências, períodos obscuros e como essas coisas passam e ficam pra trás, nas costas, entendeu? E hoje eu vejo de uma outra forma... porque eu sinto quase como se fosse uma coisa de proteção assim... meio como se tivesse me fortalecido, como se eu tivesse ficado mais cascudo com as coisas, entendeu? Mais resistente, me virar melhor mesmo em situações assim, extremas e tal, e esse é o significado de hoje”.*

A.L contou que se sentia bem em poder falar sobre a história de sua tatuagem sempre que era abordada por terceiros, pois foi através da fala que conseguiu ressignificar a perda do filho e não transformar o assunto em tabu. No decorrer da entrevista, percebeu que a tatuagem feita em um local exposto do corpo facilitava a aproximação do outro. Desse modo, contava a história de sua perda inúmeras vezes. De alguma forma, que até então lhe era inconsciente, percebeu a necessidade que tinha em poder discorrer sobre o assunto e, conseqüentemente, elaborar o ocorrido.

Para V:

*“Hoje eu falo o básico porque o desenho pode mudar de significado muitas vezes, eu acho, por mais que você tenha um significado no começo, eu acho que vai passando, você vai amadurecendo, você vai – sabe? – vendo outras coisas, coisas novas. Eu acho que isso vai mudando também. Por mais que seja a morte, eu vejo muita vida nela, muita vida”.*

Neste símbolo vivo pudemos perceber que o significado atribuído à tatuagem não era estático. Ao olharmos para ela, inúmeros sentimentos foram despertados, como a saudade, por exemplo. Dessa forma, o rapaz tornou-se mais consciente e ativo frente a suas escolhas e a forma como conduzia sua vida.

Em alguns casos, o autoconhecimento se deu durante a realização da pesquisa, como foi o caso de R.N. O rapaz era distanciado de si mesmo, mas a entrevista o ajudou a olhar para si. Nela, refletiu sobre alguns aspectos referentes à importância da tomada de decisões e de

um posicionamento mais assertivo. Também associou outra tatuagem a uma necessidade de diminuir seu ritmo de vida, de tornar-se mais responsável: *“Eu já tô tirando proveito aqui da entrevista”*.

No decorrer da entrevista, B.B ficou ligeiramente abalado ao refletir sobre a necessidade de concretizar o desenho em sua pele. Começou a se dar conta da profundidade da sua escolha e do sentido que a tatuagem teve para si.

C tinha a constante necessidade de se mostrar uma pessoa diferenciada e contrária à normalidade vigente, porém, suas atitudes mostraram o oposto: *“Eu gosto de coisa diferente, sabe? Eu gosto de sair da caixinha!... Eu gosto de ser do contra, até comigo mesmo”*. Na realidade, era um menino que ainda estava confuso e perdido com a própria vida. Exercia várias atividades remuneradas, elegeu a área de T.I. como sua profissão de apresentação, mas apenas a exercia como *freelancer*. Contou que não tinha religião e que não acreditava em anjos. Apenas fez esta tatuagem, porque precisava de uma imagem grande o suficiente para fechar as costas, já que este era seu objetivo principal. Com frequência descrevia a beleza e autenticidade do desenho: *“Eu gosto das ideias loucas dele (o tatuador), juntando com as minhas, a gente faz umas coisas retardadas, costumo falar assim”*. Mas o que vimos na imagem era um conteúdo inacabado e estranho. Enxergamos nitidamente a imagem de uma criança, que tinha muita semelhança com ele mesmo. O que seriam as asas e o céu se misturam em tons sombreados. Chamou a atenção o fato que C descrever raios de luz saindo das mãos do anjo, mas, como os dedos estavam dobrados para dentro, dando uma impressão de enrijecimento, a imagem pode dar a entender que a criança poderia estar pedindo ajuda.

P relatou que teve vontade de fazer o enorme dragão chinês devido à identificação com a imagem. Acreditava que ele era um símbolo de grande força e beleza. Diferentemente do dragão japonês, que tinha asas, o chinês não as possuía, mas conseguia “voar”, pois como era um ser do ar, manipulava esse elemento para chegar às alturas: *“Ele escala nuvens. Então, ele pode se deslocar assim no ar, porque o ar também ele é o elemento dele na terra”*.

Ficou claro o medo que P tinha de perder o controle. Estava totalmente identificado com a força do dragão, considerava-se um homem forte e batalhador, mas tinha um grande medo de perder o controle e ver sua vida desmoronar. Baseado neste fato escolheu tatuar o dragão chinês: *“Esse meu medo de cair ficou muito forte em mim. Tanto que eu sou capricorniano então o negócio é pé no chão, cair pra mim, nossa, é a morte... E então, na vida, muitas coisas que eu fiz na minha vida, justamente pra não cair... No caso, aí, com as asas, ele por si só voaria, mas o dia que uma dessas asas quebrar, e ele cair, entendeu?”*

*Então eu falei assim 'não!'. E aí eu me identifiquei, é...é por isso que é um dragão sem asas. Eu acho que é um dragão chinês”.*

Concluindo, a partir destes resultados, observamos nos dois grupos que a tatuagem escolhida para o presente estudo encontrava-se localizada nos braços e pernas.

As imagens que apareceram com mais frequência para as mulheres foram desenhos de animais e vegetais, enquanto os homens fizeram temas mitológicos, seguidos por imagens de animais. A temática da morte teve uma alta incidência para ambos os sexos, totalizando 27% da amostra.

As mulheres preferiram desenhos coloridos, e os homens, desenhos sombreados.

Elas também apresentaram maior tolerância à dor física, sendo que os homens relataram o oposto. Porém, este quesito foi extremamente subjetivo para cada participante, pois a percepção de dor era influenciada por agentes externos, como por exemplo, o luto. Ao estarem submersos na dor da perda, alguns participantes relataram sentir menos dor física durante o procedimento da tatuagem. Chamou a atenção o quesito da automutilação presente no discurso de alguns entrevistados, que relataram que através da dor física causada pela tatuagem, conseguiram sentir e se conectar à dor emocional. Porém, não elaboraram tais sofrimentos, e algumas pessoas continuaram a se tatuar apenas como forma de sentir e expressar a dor emocional.

O sacrifício apareceu de modo subjetivo na narrativa dos participantes, que atribuíram as sensações causadas durante o ato de se tatuar (como dor, ardor, sensação de queimadura, incômodo do processo de cicatrização) a uma necessidade de sofrer para ter seus objetivos alcançados.

O aumento da autoestima dos participantes após a aquisição da tatuagem foi unânime para o grupo feminino, e atingiu a marca de 93% para o grupo masculino. O aumento da sensação de atratividade também alcançou altos índices nos dois grupos, sendo 93% para as mulheres e 67% para os homens. Os participantes relataram que se sentiram mais atraídos por pessoas que também possuem tatuagens.

A ocorrência de preconceito e discriminação foi declarada por mais de 60% dos participantes (homens e mulheres). Interessante observar que, embora algumas pessoas não tivessem mencionado terem sido vítimas de preconceito direto, nem terem tido alguma percepção do mesmo, os relatos sobre o cuidado em esconder e não mostrar suas marcas corporais com o intuito de não sofrerem qualquer tipo de retaliação foi unânime. As mulheres tatuadas ainda relataram carregar o estigma de promiscuidade.

No grupo feminino, o arrependimento de algumas tatuagens, assim como a autonomia financeira, foram aspectos muito mais presentes do que no grupo masculino. Elas atribuíram ao arrependimento o fato de os desenhos estarem vinculados a relacionamentos pregressos. Já o quesito autonomia financeira indicou que apenas realizaram suas tatuagens quando conseguiram ter condições próprias para isso, já que eram dependentes dos pais e/ou maridos e namorados.

A forma como a religião (do pesquisado e de sua família) influenciou na aquisição da tatuagem, o modo de lidar com seu próprio corpo e as mudanças nas relações sociais se fizeram presentes em alguns discursos. Participantes oriundos de famílias evangélicas relataram a culpa gerada após “profanarem” seus corpos e os consequentes conflitos familiares em decorrência deste ato. Para outros, o tabu em torno da tatuagem era tamanho, que seus parentes não sabiam de sua existência. Para os umbandistas, era indicado que apenas fizessem suas marcas corporais após obterem autorização prévia de seus Orixás, realizada em uma consulta no terreiro que o participante frequentava.

As mulheres realizaram suas tatuagens em momentos de instabilidade emocional, como término de relacionamento e sofrimento. Já os homens relataram terem realizado suas marcas em momentos bons e tranquilos de suas vidas, como estabilidade profissional, por exemplo. Os momentos da vida em meio ao luto foram significativos nesta amostra, atingindo 40% do grupo masculino.

O quesito motivação foi distinto para homens e mulheres: identificação com a imagem e apropriação de si apresentaram altos escores para elas, enquanto eles foram motivados por uma questão de autoafirmação, seguido por uma identificação com a imagem.

Por fim, podemos concluir que a tatuagem possui diversas funções na vida do indivíduo: realizar um rito de passagem para a vida adulta; apropriar-se do próprio corpo e fazer com ele o que desejar; ser um meio para poder sentir e expressar a dor emocional através da dor física; marcar na pele momentos importantes da vida; melhorar a autoestima; ter maior cuidado com o corpo; e elaborar conteúdos e conflitos até então inconscientes.

Todos os trinta participantes se dispuseram a ir ao consultório da pesquisadora para discorrer sobre suas tatuagens. As entrevistas tiveram uma duração superior a uma hora, pois a maioria dos entrevistados ao se sentirem à vontade em um ambiente livre de julgamentos e frente a uma pesquisadora também tatuada, contaram suas histórias relacionadas às tatuagens como medos, receios, sonhos (literais e devaneios), desejos, sofrimentos e inquietações.

## 8. DISCUSSÃO

*“... parte desse processo que eu me referi, em relação à tatuagem nas costas, é justamente que tem a ver muito com se aceitar tanto com as suas virtudes, com as suas fraquezas e ter a consciência de quem se é e do jeito que quer, e do custo dessas coisas, e de não me envergonhar do passado e da trajetória tortuosa”.*

*(G, 35 anos)*

Embora já tenham se passado mais de trinta anos do período da ‘Renascença da Tatuagem’, os resultados apontaram que estigmas e preconceitos ligados à tatuagem ainda estão presentes. A maioria dos sujeitos entrevistados relatou ter sido objeto de preconceito. Para lidarem com tal situação, estes procuram esconder suas marcas corporais com o intuito de não sofrerem possíveis julgamentos negativos. De acordo com Janeiro (2010), na antiga Grécia (700 a.C.), a tatuagem tinha uma função ambivalente, pois era usada tanto para valorizar quanto denegrir. Breton (1999), Pérez (2004) e Larsen et al. (2014) apontaram que, no início do século XX, ostentar uma tatuagem era uma forma de romper com as regras sociais vigentes e estava associada a comportamentos desviantes e de contracultura, gerando a estigmatização do indivíduo tatuado. Logo, podemos observar que esses desdobramentos negativos ainda estão presentes. Além disso, quanto mais tatuado, como é o caso do grupo composto neste estudo, maior é a ocorrência de preconceito, fato já confirmado por Ferreira (2014).

Pudemos observar em nossos participantes a busca por locais de empregos despojados, livres de regras rígidas quanto ao uso de vestimentas sociais, onde suas tatuagens pudessem ser exibidas livremente, e onde pudessem se relacionar com grupos de pessoas também tatuadas, refletindo os dados trazidos por Oksasen e Turtiainen (2005), que afirmaram que os indivíduos tatuados recorreram a técnicas que legitimaram os efeitos positivos da tatuagem e minimizaram os efeitos negativos. Por tais técnicas, compreendeu-se o conjunto de recursos (atitudes e comportamentos) que os sujeitos tatuados desenvolveram para lidar com a ocorrência de possíveis preconceitos e a aceitação de si mesmos. Por exemplo, em ambientes sem uma formalidade rígida quanto a padrões de vestimentas e condutas, os tatuados puderam

exibir suas marcas sem receio de um possível julgamento negativo quanto à sua imagem e também, em decorrência deste fato, quanto à sua capacidade profissional.

Na amostra, as mulheres relataram sofrer mais preconceito do que os homens e, como agravante, disseram carregar o estereótipo de promíscuas e mulheres ‘fáceis’, que cedem às investidas masculinas sem opor muita resistência. Este dado também pode ser observado na pesquisa de Swami e Frunham (2007), que investigaram as projeções masculinas negativas frente a uma mulher com tatuagens. Wohlrab et al. (2009) e Guéguen (2013) também afirmaram que as mulheres tatuadas eram frequentemente associadas a comportamentos de risco, como consumo exagerado de álcool e promiscuidade.

A partir da narrativa de alguns entrevistados, pudemos observar a ocorrência de preconceito entre eles mesmos, pois tatuagens feitas em lugares muito expostos como rosto e mãos, não eram bem aceitas pelo grupo de tatuados. Larsen et al. (2014) chegaram a esta mesma conclusão ao afirmarem que os tatuados percebiam os extremamente tatuados como agressivos e criminosos.

Também pudemos observar os desdobramentos do pensamento religioso judaico-cristão, que considera a tatuagem como uma forma de profanar o corpo (Janeiro, 2010). Alguns participantes oriundos de famílias com práticas religiosas ativas relataram um intenso conflito emocional causado pelo ato de tatuar-se, pois, ao fazê-lo, estavam ofendendo a “Deus” e aos seus “entes queridos”. Enquanto alguns tatuados conseguiram elaborar o conflito junto aos seus familiares, outros permaneceram presos à culpa e à vergonha, não expondo suas marcas diante da família e da comunidade religiosa.

A tatuagem, enquanto meio pelo qual o sujeito conseguiu se apropriar, sentir e desenvolver sua própria identidade, foi um dado muito marcante nesta pesquisa, assim como em estudos citados nas áreas da antropologia, sociologia e medicina.

Os resultados deste estudo corroboraram os dados trazidos pelos sociólogos Featherstone (2000) e Ferreira (2014) que afirmaram que a tatuagem tinha um papel fundamental na aquisição de autenticidade, autonomia e identidade dos sujeitos. Isto ocorreu porque, frente à instabilidade identitária presente no contexto pós-moderno, a aquisição da tatuagem pôde promover a apropriação de si mesmo, pois a noção de ‘eu’ foi associada ao corpo.

Segundo Stirn (2011), as modificações corporais eram uma forma de expressar autoconsciência, identidade e controle do próprio corpo. Para Sweetman (2005) e Silva (2012), a apropriação de si mesmo e a construção da identidade realizada através da aquisição

de tatuagens eram a maneira pela qual a noção de ‘eu’ é ancorada no corpo. Durante as entrevistas, pudemos perceber que esta ancoragem se deu, pois, ao concretizar o desenho na pele, os sujeitos relataram que tinham por objetivo incorporar alguns elementos ou características que admiravam. Além disso, ao tatuar uma imagem com a qual se identificavam, disseram conseguir expressar sua própria personalidade.

Oksasen e Turtuainen (2005) apontaram para a “urgência” na realização da tatuagem, pois somente através dela a identidade de algumas pessoas fazia sentido. Além disso, a realização da tatuagem podia promover um processo catártico, pois levava ao surgimento de uma identidade mais forte. Através das tatuagens, o sujeito sentia-se diferente e único em meio à cultura de massa em que se encontrava (Swami et al., 2012). Identificamos tais comportamentos em falas nas quais os participantes relataram que a tatuagem era um meio de contestar a cultura normativa vigente. Por intermédio das tatuagens, tinham por objetivo se diferenciar e criar um estilo próprio. Os dados coletados nesta pesquisa confirmaram os estudos de Breton (1999) sobre as marcas corporais, pois, segundo o antropólogo, a tatuagem conferia um valor de identidade ao sujeito. Além disso, ela foi de suma importância na ocorrência de ritos de passagem. Os resultados mostraram o quanto a aquisição de uma tatuagem funcionou como um rito de passagem para os participantes, como por exemplo: transição para a vida adulta; independência financeira; ganho de autonomia; saída de um relacionamento abusivo; resgate de valores e elaboração de luto. Ainda de acordo com Breton (1999), vimos inclusive que as tatuagens foram marcas de momentos fundamentais na vida do indivíduo.

Outro dado extremamente significativo apresentado neste estudo foi o fato de que a tatuagem auxiliou na melhora da autoestima e na sensação do aumento da atratividade dos sujeitos entrevistados. Podemos supor que a melhora na autoestima esteja diretamente ligada à questão da identidade, pois a partir do momento em que a pessoa tatua algo significativo para ela, ou que marca corporal expresse características que admira, a percepção de si mesma é influenciada de modo positivo.

Os resultados indicaram que a tatuagem propiciou também um cuidado positivo com o corpo, pois, a partir de sua aquisição, os pesquisados relataram o aumento de práticas de atividades físicas, perda de peso e uso de creme hidratante (que tem por objetivo deixar a tatuagem mais vistosa). Estas informações também estão de acordo com a pesquisa realizada por Nowosielki (2012), na qual afirmou que os sujeitos tatuados se consideravam mais atraentes que os não tatuados.

Iannaccone et al. (2013) atentaram para o efeito terapêutico das tatuagens em pacientes com transtornos alimentares. Seu estudo mostrou que tais pacientes portadores de tatuagens apresentaram sentimentos positivos em relação aos seus corpos, níveis mais elevados de autoestima e menos impulsividade e depressão. Embora nenhum sujeito entrevistado para esta dissertação tenha sido diagnosticado com transtorno alimentar, notamos que a tatuagem teve o efeito positivo da pesquisa citada, pois ela também promoveu um maior cuidado consigo mesmo.

Embora saibamos que o processo de aquisição de tatuagem cause dor, não houve nenhum estudo que abordou especificamente este fato. A presente pesquisa mostrou que as mulheres são mais tolerantes à dor do que os homens, porém, a percepção da mesma é subjetiva para cada indivíduo. Fatores externos como luto, significado atribuído à imagem e tempo de sessão de tatuagem, influenciaram diretamente na percepção de dor.

A dor, relacionada a um componente de sacrifício e a comportamentos automutilantes, apareceu em segundo plano. Por sacrifício compreendeu-se que o sujeito se predispôs a atravessar uma sessão de tatuagem envolta em muita dor, ardor, sangue e, algumas vezes, febre. Através deste ritual, a tatuagem escolhida e seu significado exprimiram o sentido buscado pelo sujeito.

Nenhum participante desta pesquisa foi diagnosticado com quadros psicopatológicos envolvendo comportamentos de automutilação. Entretanto, algumas atitudes abrangidas no ato de tatuar-se apresentaram modos semelhantes de atuação. De acordo com determinados relatos, observamos que a dor, o sangue vertido, a ferida aberta e o sofrimento causado pela tatuagem funcionaram como uma forma de o sujeito conseguir expressar e sentir sua dor emocional. É possível que seja através da dor física que o indivíduo consiga se conectar ao seu sofrimento psíquico. No processo de cicatrização da ferida causada pela tatuagem, alguns sujeitos tiveram a sensação de que suas feridas internas também estavam sendo curadas.

Neste sentido, Claes et al. (2005) mostraram que enquanto o comportamento automutilante era punitivo, a tatuagem era curativa, pois podia ser vista como sendo uma expressão de autocuidado e um fator de proteção contra comportamentos automutilantes. A aquisição de tatuagem revelou uma relação mais cuidadosa do indivíduo com seu corpo, como foi visto neste estudo, através do relato de alguns participantes.

Os fatores que motivaram a aquisição de tatuagem nesta pesquisa foram distintos nos grupos femininos e masculinos. Enquanto as mulheres relataram itens como identificação com a imagem e apropriação de si, os homens foram motivados por questões de autoafirmação,

homenagem a entes queridos e identificação com a imagem. Pudemos observar que estes dados estavam de acordo com o estudo de Oksasen e Turtiain (2005), que revelaram que as tatuagens eram um mapa que possibilitavam narrativas da vida do sujeito. Algumas mudanças dramáticas foram incorporadas na tatuagem, por exemplo, auxiliando o indivíduo a lidar com tais questões. Embora algumas pessoas tenham relatado que fizeram suas marcas apenas por motivações estéticas, observamos que elas têm a função de situar o sujeito em suas narrativas. Durante as entrevistas, pudemos observar que, ao discorrerem sobre suas marcas corporais, os participantes traziam conteúdos de sua história pessoal, e muitos não perceberam, de forma consciente, que tal imagem (a tatuagem escolhida) falava muito mais de suas histórias, sentimentos e momentos de vida do que poderiam imaginar.

As motivações elencadas no presente estudo também estão de acordo com as observações de Wohlrab (2007), que apontou que as tatuagens continham um significado pessoal para o sujeito, diferentemente do que ocorria com pessoas com inúmeros piercings, por exemplo, pois para este grupo as modificações corporais estavam associadas apenas a adornos.

O quesito arrependimento foi maior entre mulheres do que entre homens. Isso ocorreu porque fizeram suas marcas ainda muito jovens e de modo impulsivo, e também porque suas tatuagens perderam o significado ao longo do tempo. Esta informação concordou com os achados de Oksasen e Turtianien (2005) e Madfis e Arfort (2013) que mostraram que a tatuagem não tinha um significado estático, pois o afeto ligado ao desenho mudava ao longo do tempo, e era influenciado pelos acontecimentos da vida do indivíduo e do âmbito social. Algumas pessoas ficavam insatisfeitas quando suas tatuagens não conseguiam revelar seu significado para os demais, ou quando deixavam de simbolizar um aspecto importante de suas vidas. Apesar de alguns participantes deste estudo terem realizado a cobertura da tatuagem da qual se arreponderam por outra, ninguém expressou o desejo de retirá-la através de procedimentos cirúrgicos.

Karacaoglan (2012) apontou que a tatuagem era uma forma de expressão não verbal de seus pacientes, pois através dela eram projetados conteúdos inconscientes. Ele assinalou que o símbolo da tatuagem era o meio pelo qual o sujeito podia expressar suas questões, mas que após serem interpretadas pelo psicanalista, os pacientes conseguiam elaborar seus conteúdos de forma abstrata e não sentiam mais a necessidade de se tatuarem. Os resultados desta dissertação mostraram que as tatuagens também refletiam conteúdos inconscientes e ainda não integrados à consciência pelo indivíduo.

Podemos observar, em inúmeros relatos, a ocorrência do símbolo vivo, quando os participantes relataram a mudança do significado da tatuagem ao longo do tempo, fato que possibilitou um maior autoconhecimento.

De acordo com a pesquisa de Ramos, Mendonça e Silva (2007), observamos que as tatuagens assinalaram momentos importantes da vida do indivíduo e também puderam ser vistas como um processo de simbolização, em que os sentimentos inconscientes eram expressos através de desenhos e cores.

Percebemos que a tatuagem possibilitou o autoconhecimento em quase metade da amostra deste estudo. De acordo com a psicologia analítica (Jung, 1971), isto ocorreu quando o símbolo expresso pela tatuagem conseguiu reunir e harmonizar os contrários, e esta junção de forças antagônicas, denominadas função transcendente, abriu caminho para um maior conhecimento de si mesmo, gerando novas atitudes para o indivíduo. Alguns exemplos elucidam tal acontecimento, como veremos a seguir.

O fato de a tatuagem estar localizada em uma área exposta do corpo ativou a curiosidade das pessoas, que muitas vezes indagavam ao tatuado sobre a história de sua marca corporal. Ao fazer sua narrativa, os sujeitos da pesquisa puderam compartilhar seus sentimentos e, assim, abriram espaço para uma possível elaboração de conteúdos, que até então também lhes eram desconhecidos.

Além disso, o que proporcionou este autoconhecimento foi o fato de que o sujeito se disponibilizou em manter um diálogo constante com a imagem escolhida e os fatores motivacionais que o fizeram tatuá-la. Neste constante processo reflexivo, o indivíduo pôde tomar ciência de alguns comportamentos e atitudes, elaborando e integrando-os à sua consciência. A partir de então, uma nova postura e compreensão frente a alguns fatos da vida foi gerada.

Porém, enquanto alguns participantes tiveram êxito no autoconhecimento, outros se encontraram presos em suas dinâmicas inconscientes, como no caso dos sujeitos que recorreram à tatuagem de modo semelhante ao processo de automutilação. Nestes casos, a tatuagem pôde propiciar uma transdução de um sofrimento emocional em um sofrimento físico, de modo que o símbolo, antes percebido como uma ideia ou um sentimento, foi concretizado e inserido no corpo. Para alguns entrevistados, foi uma forma de incorporar conteúdos que estavam insipientes ou muito abstratos.

O sacrifício esteve presente na narrativa de alguns participantes, ao afirmarem que a dor, o sangue e o sofrimento envolvidos no ato de tatuar-se, auxiliaram-nos a transcender a

dor emocional e a dar um significado para a sua tatuagem, pois sem esta atitude, suas marcas e as motivações que os levaram a realizá-las não teriam sentido.

Os resultados mostraram que a maioria dos participantes fez suas marcas corporais em momentos de instabilidade emocional (63,3% das mulheres) e luto (20% dos homens). Sendo assim, notamos que a tatuagem feita em tais períodos funcionou como uma ancoragem para alguns participantes que se encontravam em uma fase de caos e confusão. Logo, marcar no corpo um desenho concreto possibilitou uma organização psíquica para estes sujeitos que, desse modo, puderam atravessar as adversidades que estavam enfrentando.

A tatuagem como forma de ancoragem também esteve presente entre as principais motivações, como, por exemplo, a identificação com a imagem, a necessidade de apropriação de características admiradas e como parte de um processo de autoafirmação, no qual o sujeito sentiu a necessidade de se marcar para afirmar valores e conteúdos que lhes eram extremamente importantes. De modo concreto, a tatuagem auxiliou o pesquisado a incorporar características que até então acreditava não possuir (ou não ter muita clareza de possuí-las), como força, potência, beleza, persistência, virilidade e autonomia.

A tatuagem pode ser vista como uma incorporação do símbolo, através das motivações internas e inconscientes. A marca corporal surgiu a partir de um momento em que alguns acontecimentos externos apareceram através de um paralelo significativo com um estado subjetivo momentâneo do indivíduo, constelando-se na forma de uma imagem.

Podemos ilustrar a ocorrência de eventos sincrônicos em dois casos. O primeiro, ao se deparar com uma imagem em uma festa, G foi tomado por uma intensa emoção, pois ela expressava, com exatidão, todo o caos e sofrimento que ele estava atravessando naquele momento específico de sua vida. Assim que a viu, tirou uma fotografia e a enviou para seu tatuador, realizando apenas pequenas alterações, inserindo elementos com os quais se identificava ainda mais. Após fazê-la, sentiu-se protegido, pois também atribuía à imagem o poder de repelir fatores e pessoas que não queriam seu bem. Além disso, ao marcar na pele fatores abstratos que o assombravam (estilo de vida autodestrutivo e rumo incerto), pôde dialogar com tais instâncias, refletir sobre sua postura, e conduzir sua vida de forma mais saudável e consciente. Outro relato emocionante foi o de A.L. Ainda no período da adolescência, encantou-se com algumas libélulas tatuadas no braço de uma colega. Seu fascínio foi tanto que, naquele mesmo momento, prometeu a si mesma que assim que tivesse filhos, iria tatuar uma família de libélulas. A participante havia perdido seu bebê aos oito meses de gestação e, em pleno processo de luto, desenhou a família de libélulas em seu braço,

em meio a nuvens e flores sombreadas. As libélulas que a representava com o marido, tinham contornos mais fortes, enquanto a que representava o filho era menor, estava mais afastada dos pais, e foi feita com um sombreado muito leve. No mês subsequente à aquisição desta marca, A.L tomou conhecimento, por acaso, de que as libélulas representavam a morte. Ela precisou de algum tempo para elaborar a informação, pois sofreu um forte impacto e ficou surpresa ao perceber seu desejo de tatuar tal imagem, quando não tinha a menor noção do que estaria por vir em sua vida.

Desta forma, observamos que a tatuagem pode ser um meio de transduzir conteúdos inconscientes para a pele e, através de sua análise a ampliação simbólica, promover o autoconhecimento.

## 9. CONCLUSÃO

*“Eu acho que a tatuagem, ela entra numa coisa meio curativa, e acho que a dor, muitas vezes, pode entrar nessa coisa curativa de transformação. Então eu acho que quando você quer tatuar uma coisa que é tão importante... eu acho que a gente transpassa isso com gosto”.*

*(M.G, 32 anos)*

Neste estudo, pudemos observar que as pessoas fizeram marcas indeléveis no próprio corpo com o intuito de preservar suas identidades frente a uma sociedade cada vez mais repleta de incertezas e inseguranças. Também através das marcas, os sujeitos tatuados sentiram-se mais belos, autoconfiantes e únicos.

No decorrer da aplicação das entrevistas, foi muito difícil separar a pesquisadora da psicóloga clínica. Isto porque a narrativa da tatuagem trouxe muitos conteúdos sobre a vida íntima do participante, como o acesso à sua dinâmica psíquica, sonhos, sofrimentos e demais questões extremamente particulares.

Através da ampliação simbólica do desenho tatuado adentramos em camadas profundas da psique do participante, da mesma forma como ocorre na análise de sonhos, por exemplo. A tatuagem transduz conteúdos do inconsciente para a pele e, na análise, por meio de associações livres e da história da vida pessoal, conseguimos trazer tais conteúdos para a consciência, resultando em um maior autoconhecimento.

Foi extremamente gratificante poder presenciar em alguns casos, durante o procedimento da entrevista, a ocorrência deste fenômeno. Pessoas que até então não tinham qualquer consciência quanto à profundidade de suas marcas, ficaram surpresas ao perceberem o tamanho de seu significado e impacto em suas vidas.

Estudos psicanalíticos apontaram o fim do desejo dos sujeitos de se tatuarem após conseguirem expressar verbalmente o significado da tatuagem. Entretanto, a psicossomática junguiana, ao situar o corpo do paciente na clínica, observou que a tatuagem pode ser uma expressão do inconsciente do indivíduo, assim como seus sonhos, imaginação ativa e nas demais técnicas de expressão não verbais. Seu manejo e constante diálogo puderam facilitar o autoconhecimento e trazer novas posturas frente à vida.

A presente pesquisa pôde mostrar a relevância da tatuagem no mundo contemporâneo, pois, além de funcionar como âncora em uma sociedade cada vez mais líquida e caótica, ela auxiliou o sujeito na sua organização psíquica e atuou como forma de expressão de conteúdos, tanto consciente quanto inconsciente.

Porém, nas últimas décadas, chama a atenção o aumento crescente de grupos que promovem e divulgam modificações corporais mais extremas, tais como: tatuagens em locais diferenciados do corpo, como globo ocular e região genital, *tongue splitting*, implantes subdermais (que se assemelham a chifres de animais), escarificação, *branding*, entre outras, chegando, inclusive, à amputação de algumas partes do corpo, como nariz e orelha, por exemplo.

É curioso observar que tais transformações já são objeto de estudo de antropólogos e sociólogos, enquanto a psicologia se encontra à parte. Quando a psicologia se faz presente em tais estudos, o pesquisador é convidado a opinar apenas para tentar justificar tais atitudes a partir da existência de uma psicopatologia prévia e, assim, deixar as pessoas livres de angústias e dúvidas que tais modificações suscitam.

Portanto, esta dissertação aponta para a necessidade de mais estudos psicológicos exploratórios quanto ao surgimento, aderência e crescimento das modificações corporais na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, 86 p.
- BRETON, D. L. *Adeus ao Corpo – Antropologia e Sociedade*. São Paulo: Papirus, 1999, 240 p.
- BRETON, D. L. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006, 101 p.
- BRETON, D. L. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, 407 p.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 996 p.
- CLAES, L.; VANDEREYCKEN, W.; VERTOMMEN, H. Self-care versus self-harm: Piercing, tattooing, and self-injuring in eating disorders. *European Eating Disorders Review*, Belgium, v.13, p.11-18, 2005.
- DICKSIN, J.; OEGGL, K.; HANDELY, L. A saga revivida de Ötzi, o homem do gelo. *Scientific American Brasil*, 2003. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/a\\_saga\\_revivida\\_de\\_otzi\\_o\\_homem\\_do\\_gelo.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/a_saga_revivida_de_otzi_o_homem_do_gelo.html), Acesso em: jul. 2015.
- EDWARD, H.; LIVINGSTON, E. H; LEE, B. S. Percentage of Burned Body Surface Area Determination in Obese and Nonobese Patients. *Journal of Surgical Research*.USA, v.91, p.106-110, 2000.
- FEATHERSTONE, M. *Body Modification*. United Kingdom: Sage, 2000, 347 p.
- FERREIRA, S. V. Becoming a heavily tattooed young body. *Youth & Society*, Portugal, v.46, n.3, p.303-337, 2014.
- GUÉGUEN, N. Effects of a Tattoo on Men's Behavior and Attitudes Towards Women: An Experimental Field Study. *Archives of Sexual Behavior*, USA, v.42, n.8, p.1517-1524, 2013.
- KLESSE, C. Modern Primitivism: Non-Mainstream Body Modification and Racialized Representation. In: FEATHERSTONE, M. *Body Modification*. United Kingdom: Sage, 2000, p.15 - 38.
- HYLAND, E. J. et al. Minor burn management: potions and lotions. *Australian Prescriber*, Australia, v.38, n.4, p.124-127, 2015.
- IANNACCONE, M. et al. My body and me: self-injurious behaviors and body modification in eating disorders – preliminary results. *Eating Disorders: The Journal of Treatment & Prevention*. USA, v.21, n.2, 2013.

JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2016, 224 p.

JANEIRO, M. *Freak Out. Le freak c'est chic*. Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário Nossa Senhora Do Patrocínio - CEUNSP - Salto-SP, 2010, 103 p.

JUNG, C. G. A Dinâmica do Inconsciente – Sincronicidade. In: *Obras Completas*, v.8/3. Petrópolis: Vozes, 2011, 143 p.

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. In: *Obras Completas*, v.9/1. Petrópolis: Vozes, 2013, 454 p.

JUNG, C. G. A Natureza da Psique. In: *Obras Completas*, v.8/2. Petrópolis: Vozes, 2011, 410p.

JUNG, C. G. Símbolos da Transformação. In: *Obras Completas*, v.5. Petrópolis: Vozes, 2013, 654 p.

JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. In: *Obras Completas*, vol6. Petrópolis: Vozes, 2013, 614 p.

KAMOLZ, L. P. et al. Smartphones and burn size estimation: “Rapid burn assessor”. *Annals of Burns and Fire Disasters*. Austria, v.27, n.2, p.101-104, 2014.

KARACAOGLAN, U. Tattoo and Taboo: On the Meaning of Tattoos in the Analytic Process. *The International Journal of Psychoanalysis*.UK, v.93, p.5-28, 2012.

KAST, V. *A dinâmica dos símbolos – Fundamentos da psicoterapia junguiana*. Petrópolis: Vozes, 2013, 311p.

KEMP, K. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005, 89 p.

KOSUT, M.; MOORE, L. *The body reader: essential social and culture readings*. New York: NYU, 2010, 432 p.

LARSEN, G.; PATTERSON, M.; MARKAHAM, L. A Deviant Art: Tattoo-related stigma in an era of commodification. *Psychology & Marketing*.USA, v.3, n.8, p.670-81, 2014.

LIMA, O. S.; LIMAVERDE, F. S.; FILHO, O. S. L. Queimados: alterações metabólicas, fisiopatologia, classificação e interseções com o tempo de jejum. In: CAVALCANTI, I. L.; CANTINHO, F. A. F.; ASSAD, A. *Medicina perioperatória*. Rio de Janeiro: Sociedade de Anestesiologia do Estado do Rio de Janeiro, v.105, p.803-816, 2006.

MADFIS, E.; ARFORD, T. The Dilemmas of Embodied Symbolic Representation: Regret in Contemporary Tattoo Narratives. *The Social Science Journal*. USA, v.50, p.547-556, 2013.

NOWOSIELSKI, K. et al. Tattoos, piercing, and sexual behaviors in young adults. *The Journal of Sexual Medicine*. Poland, v.8, n.9, p.2307-2314, 2012.

OKSANEN, A.; TURTIAINEN, J. A life told in ink: Tattoo narratives and the problem of the self in late modern society. *Auto/Biography*. Finland, University of Tampere, v.13, n.2, p.111-130, 2005.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, online, v.12, n.1, p 179-206, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132006000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100007)>, Acesso em: maio 2015.

PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*. São Paulo: Paulus, 2002, 568 p.

RAMOS, D. G. *A psique do corpo – A dimensão simbólica da doença*. 5ª ed., São Paulo: Summus, 2006, 238 p.

RAMOS, D. G. A vivência simbólica no desenvolvimento da consciência. In: BRITO, E. J. C.; GORGULHO, G. S. *Religião Ano 2000*. São Paulo, Loyola, p.63-75, 1998.

RAMOS, D. G.; MENDONÇA, B. L.; SILVA, M. M. *Motivação e representações simbólicas no comportamento de tatuar-se: um estudo analítico*. Projeto de Iniciação Científica, FAPESP, São Paulo, 2007.

Disponível em: <[www.pucsp.br/jung/portugues/publicacoes/artigos/html](http://www.pucsp.br/jung/portugues/publicacoes/artigos/html)>. Acesso em: nov. 2015.

SILVA, G. F. *Um estudo sobre as funções da tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana*. 2012. 140 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo. São Paulo.

STIRN, A.; HINZ, A. Tattoos, body piercings, and self-injury: Is there a connection? Investigations on a core group of participants practicing body modification. *Psychotherapy Research*, Germany, v.18, n.3, p.326-333, 2008.

STIRN, A. et al. Motivations for body piercings and tattoos – The role of sexual abuse and the frequency of body modifications. *Psychiatric Research*, Germany, v.190, n.2-3, p.359-363, 2011.

STEIN, M. *Jung, o mapa de alma*. 5ª ed., São Paulo: Cultrix, 2006, 216 p.

SWAMI, V.; FURNHAM, A. Unattractive, promiscuous and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos. *Body Image*. v.4, n.4, p.343-352, 2007.

SWAMI, V. et al. Tattoos, Piercing, and Sexual Behaviors in Young Adults. *Journal of Sexual Medicine*. Poland, v.9, n.9, p.2307-2314, 2012.

SWEETMAN, P. Anchoring the (Postmodern) Self? Body Modification, Fashion and Identity. In: FEATHERSTONE, M. *Body Modification*. United Kingdom: Sage, 2000, p.51-76.

VAIL, A. Tattoos are like potato chips... you can't have just one: the process of becoming and being a collector. *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal*, USA, v.20, n.3, p.253-273, 1999.

VILAR, J. *Arte, prazer e bisturi: Construção corporal através da body modification*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Natal. 2012, 155 p.

VILAR, J. “Esse corpo me pertence”: Construção corporal através das técnicas da body modification. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal-RN, v.1, n.40, p.151-167, 2012a.

WOHLRAB, S.; STAHL, J.; KAPPELER, P. M. Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image*. Germany, v.4, n.1, p.87-95, 2007.

WOHLRAB, S. et al. Perception of human body modification. *Personality and Individual Differences*, v.46, n.2, p.202-206, 2009.

## ANEXO 1

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Prezado participante,

Eu, Ludmilla López Lessa, venho solicitar sua participação em minha pesquisa: “Representação Simbólica de Tatuagem e seu Significado”. Este estudo terá como objetivo analisar a dimensão simbólica de tatuagens, em sujeitos que tenham mais de 30% de seu corpo coberto por estas marcas, com base teórica na Psicossomática Junguiana.

A coleta de dados será realizada através de uma entrevista semi-dirigida e fotografia de uma tatuagem própria, escolhida a seu critério.

É importante ressaltar que sua participação nesta pesquisa é voluntária, tendo você a possibilidade de desistir em qualquer momento. O conteúdo da entrevista será gravado e destruído após a transcrição. Vale ressaltar que somente será fotografada a imagem da tatuagem, sendo preservados o rosto do participante e quaisquer outras formas de identificação pessoal. Caso seja de seu interesse, a pesquisadora poderá fazer uma devolutiva dos resultados obtidos.

Os critérios de ética serão seguidos, com comprometimento quanto ao sigilo total, sem oferecer quaisquer riscos quanto a saúde dos participantes deste estudo.

Os dados da pesquisa serão utilizados para a defesa da dissertação de Mestrado (PUC-SP) da pesquisadora, com fins científicos, e a identidade do participante será preservada. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o endereço de email e consultório da pesquisadora responsável, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Desde já, agradeço sua colaboração.

Dados da pesquisadora:

Ludmilla López Lessa

RG: 29.964.256-2

Endereço comercial: Rua Dr. Pinto Ferraz, nº 145 A, Vila Mariana, SP.

Telefone: (11) 2339.3768

E-mail: [millapsico33@gmail.com](mailto:millapsico33@gmail.com)

Eu,

portador(a) do RG \_\_\_\_\_, declaro estar ciente da minha participação na pesquisa “Representação Simbólica de Tatuagem e seu Significado”. Desta forma, autorizo a gravação do relato registrado pela minha pessoa, realização da fotografia da tatuagem, assim como a sua divulgação para fins de ensino e pesquisa.

## ANEXO 2

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### **Identificação:**

- Nome:
- Idade:
- Profissão e grau de escolaridade:
- Estado Civil:
- Filhos:
- Área do corpo coberta por tatuagens:
- Tatuagem escolhida:
- O que o(a) levou a fazer esta tatuagem?
- Quais foram os seus critérios de escolha para tatuador e estúdio?
- Quantos anos tinha?
- Com quem você esteve quando a fez?
- Como estava sua vida neste período? Como estava se sentindo?
- Como chegou a este desenho?
- Por que você fez este desenho?
- O que ele representa para você?
- Tem algum significado?
- Por que escolheu este local?
- Nível de dor?
- É visível? Preocupou-se nesse aspecto?
- Gosta que as pessoas vejam, ou esconde?
- Você pensou na reação das pessoas no momento em que vissem sua tatuagem?
- Qual foi a reação dos seus amigos/família/cônjuge/filhos ao verem sua tatuagem?
- E a reação dos colegas de trabalho?
- Teve dificuldade em arrumar um emprego/relacionamento?
- Já passou por alguma situação inusitada/constrangedora por causa delas?
- O assédio/interesse do sexo oposto aumentou?
- Como se sente/vê após a aquisição das tatuagens?
- Autoestima alta ou baixa?
- Por que sentiu que deveria fazer este desenho em seu corpo?

- Qual(is) diferença(s) sentiu em sua vida depois de fazer esta tatuagem?
- Em quais momentos da sua vida o desenho da tatuagem vem à tona?
- Pretende fazer mais?